

ATÉ O FIM

Até onde você iria para salvar uma vida?

ANA COSTA





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

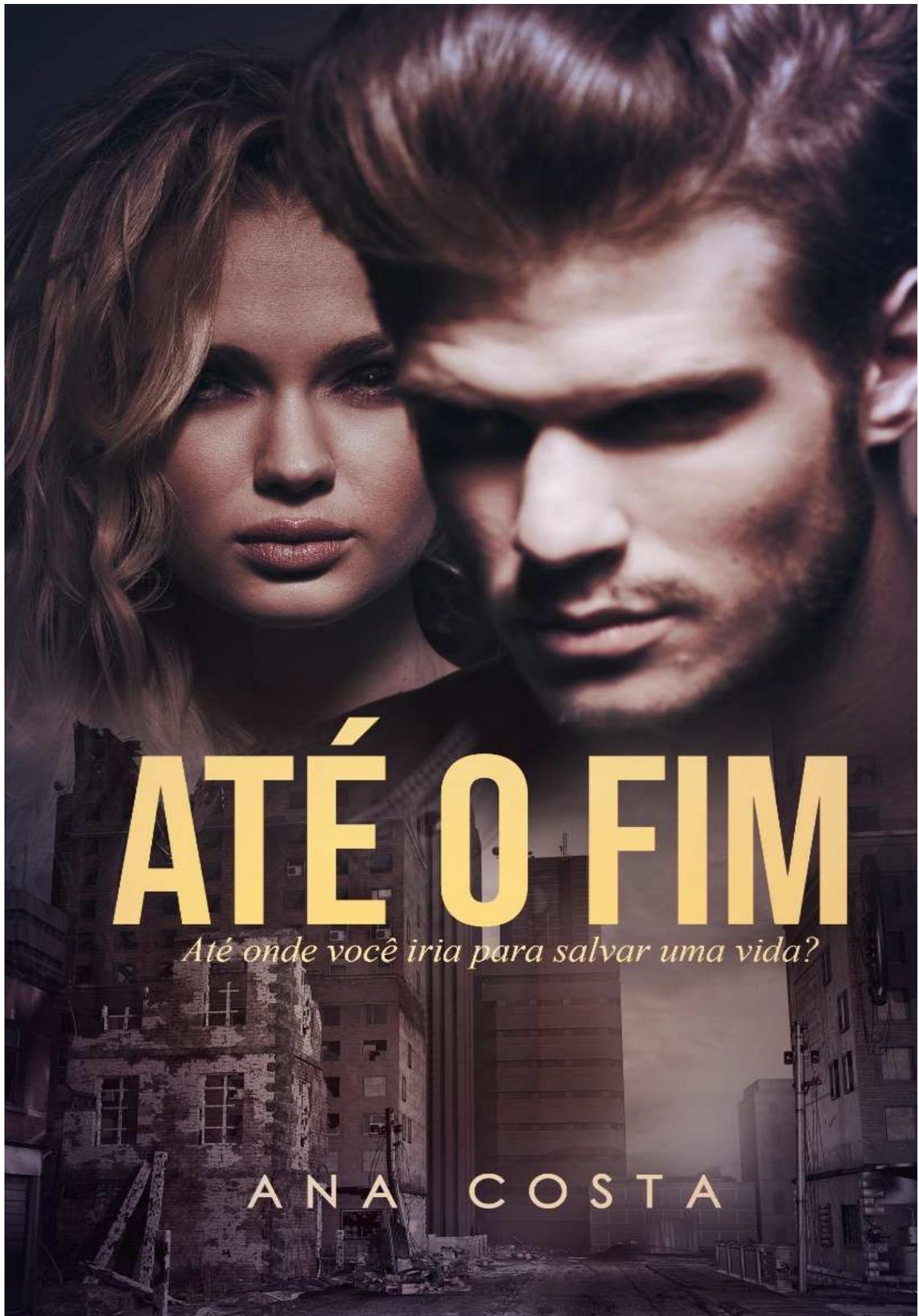
SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





ATÉ O FIM

Até onde você iria para salvar uma vida?

ANA COSTA

ATÉ O FIM

ANA COSTA

Obrigada a meu Deus lindo criador do céu e da terra, dono de toda minha vida e responsável por toda criatividade em minha vida!

Diagramação : Ana Costa

Revisão inicial : Carolina Oliveira

Revisão Final: Maria Eduarda

Os livros nacionais não são tão bem aceitos quantos os internacionais, pois estamos viciados em grandes nomes que não são brasileiros. O que é, na verdade, um grande erro, visto que conheço ótimas obras nas plataformas virtuais, como o Wattpad, por exemplo!

Se esse, por acaso, é o primeiro livro nacional que você resolve ler, deixo aqui meu muito obrigada! Fora isso, para os que são ou não novatos na leitura nacional, quero deixar alguns nomes de autores que li e pretendo indicar a vocês que deem uma chance às suas obras.

♥ *Simone Navarro*, no momento, escreve sobre agentes femininas, além de ter uma bela escrita, possui uma ótima descrição dos personagens e dos momentos. Realmente de tirar o folego! No momento, ela está com suas obras publicadas na Amazon, mas, ela ainda mantém sua conta no Wattpad.

♥ *Sandy Azevedo*, agora, possui sua conta ativa no wattpad e está levando sua obra para a Amazon. Sua obra de romance, suspense e drama nos cativa a cada capítulo! Vale a pena conferir.

♥ *Camila Pazian Antoniol*, é a autora da primeira obra que li na plataforma. Ela mantém sua conta no Wattpad, enquanto seu livro de estréia está disponível na Amazon, um romance entre uma Jornalista que só ouve sertanejo e um baterista de uma banda de rock, o casal, tão oposto quanto possível, me cativou! Vale a pena conferir.

♥ *Gii Carpenter*, uma grande fã da Marvel, conseguiu apenas com um banner de divulgação me fazer ler a primeira e única fanfic da vida! Ela escreve sobre a vida amorosa de Loki com Rose, que é nascida e criada aqui na terra. Essa história ganha um lugar especial em meu coração, pelo Loki ser um dos meus “malvados favoritos”. Vale a pena ler essa fanfic incrível e muito bem escrita!

♥ *Ed Teixeira*, afinal, já viu um livro se tornar realidade? Ou a realidade virar um livro? Edson escreve sobre a vida amorosa dele, um verdadeiro amor que demora enxergar isso e dar espaço para essa fase de sua vida! Amo esse casal, e essa história seria recorde de audiência se virasse uma novela da Globo!

Capítulo 1

“Você não pode me evitar para sempre, Jessica.”

Meus dedos já calejados e frenéticos digitam, novamente, uma mensagem.

“Ainda não é um bom dia, Léo.”

Responde, ignorando minha presença na portaria estranha e em reforma.

“Não posso mais fazer seu trabalho. A caixa ficará aqui na portaria.”

Faço como dito na mensagem: deixo a caixa média com várias recordações em cima do balcão, e o porteiro mal-humorado resmunga sobre a minha demora em decidir-me. O ignoro e viro-me em direção a portaria de saída, abandonando os pertences em seu balcão. Há apenas uma porta de vidro me separando da rua, mas antes que possa cruzá-la, ouço um estrondo vindo de cima do prédio e me assusto.

Uma mulher sai do elevador em prantos, pelo que parece ser outro motivo, visto que aparenta não ter ouvido nada. O porteiro se levanta em minha direção e para no meio do saguão para tentar decifrar o barulho. A buzina do caminhão soa, chamando-me para fora, porém, antes que eu possa dar mais um passo, a portaria se quebra com o peso do teto que cai sobre ela... ou melhor, sobre nós.

— O que é isso? — A moça que chorava entra em pânico e começa a gritar de maneira histérica, enquanto a puxo pelos braços e a protejo com os meus. Enquanto nos abaixamos, a seguro para impedi-la de se aproximar da porta que se estraçalhou. Deitamos todos no chão e o porteiro, que também está deitado e antes reclamava sem parar da minha presença, pede-me ajuda.

— Estão todos bem? — pergunto e, vendo a moça confirmar com a cabeça, rastejo até o porteiro que havia se calado e agora encara ao redor com os olhos arregalados.

— Amigão! — grito, fazendo-o voltar os olhos para mim, diante do pânico, não consegue dizer nada, nem mesmo se mover. Arrastando-o pelo

colarinho de seu uniforme, o levo comigo para perto da moça que não para de gritar:

— Socorro! Eu não quero morrer... Socorro! – continua, assustada.

— Senhora, você está ferida?

— Parece que não! – diz em uma análise rápida por seu corpo. — Mas... Eu não... – gagueja, tentando se acalmar e só então seguindo: — Eu sou claustrofóbica!

— Fique calma. Vamos, respire comigo. Preciso que fique comigo. – Balanço as mãos diante dos seus olhos para despertá-la. Ofegante, vejo que não consegue manter a respiração. — Vamos lá! Respire comigo. Imita minha respiração – tento ajudá-la.

— Eu... eu não quero... não quero morrer – balbucia, em pânico e com muito esforço.

— Se não quer morrer precisa fazer mais do que isso. Vamos lá, você não está se esforçando. – Olho em seu crachá de visitante. — Kelly? — indago seu nome, enquanto a olho nos olhos e então ouço o porteiro que se aproximou de nós.

— Meu Deus, o que foi isso?

— Senhor... Está tudo bem?

— Sim. Estou, mas minha cabeça está doendo.

— Não se preocupe, não estou vendo nenhum corte. O senhor vai ficar bem! – O verifico de modo superficial.

Ele me ignora e vai até Kelly, a moça claustrofóbica, que parece que vai desmaiar.

— Respire comigo, ok? 1, 2,3. Isso vamos lá. Estamos bem, não estamos feridos e olha: tem um bombeiro conosco. Você ainda é um bombeiro, não é? – Ele volta seu olhar espantado para mim e eu confirmo com a cabeça — Isso não é ótimo? – diz para acalmá-la.

O olho enquanto vejo sua tática funcionar e a mulher conseguir estabilizar a respiração. Do lado de fora, ouço a sirene do caminhão, seguido por uma buzina extremamente alta. Sou tenente do 18º batalhão de bombeiros da cidade. Minha equipe apareceu logo cedo em minha porta para me dar carona já que, após três meses afastado, eu retornaria hoje ao trabalho. Estavam me esperando do lado de fora do prédio enquanto eu vinha entregar essa maldita caixa a Jessica.

Jéssica! Como ela está?

— Caio? – ... — Responda! Alguém? – chamo por meus colegas, mas meu rádio não funciona e meu celular não tem sinal.

Jessica trabalha no terceiro andar, não deve estar longe daqui. O teto não desabou por inteiro. Parece ter sido somente à frente – o que é basicamente impossível –, de qualquer forma, não há saída. Levanto-me e consigo andar normalmente, mas as escadas estão tampadas por entulhos que descem os degraus abaixo.

— Droga! – reclamo quando percebo a proporção do que está acontecendo, ainda tentando pensar em alguma forma de chegar até o escritório em que Jéssica trabalha. Continuo andando sobre os cacos que há em volta, quando, após alguns minutos, meu rádio dá sinal.

— Caio! – exclamo empolgado.

— Léo, sou eu, Joana. Como você está? Está ferido?

— Não, chefe! Estamos bem, somos três. E todos bem. Mas o que houve aí fora?

— O prédio desabou. De uma forma diferente, mas desabou. Parece que caiu para trás... nunca vi nada parecido.

— Melhor, aqui atrás era só uma mata, sendo assim, o número de feridos deverá ser menor, certo?

— Não sabemos... havia pessoas trabalhando no momento da queda, Léo. Incluindo a Jéssica.

— Tente falar com ela, por favor – pedi desesperadamente, tentando não pensar em como ela pode estar ferida.

— Estamos tentando. Porém, continuamos sem sucesso. Estamos analisando como chegar até vocês. Observe a situação e me reporte, essa portaria não deve demorar muito para cair.

— Sim, senhora! E, por favor, não pare de tentar o contato com a Jéssica, nós estamos bem, mas... Joana? Chefe! Chefe, responda!

O rádio parou de funcionar e, em minha cabeça, começo a calcular o tamanho da tragédia enquanto encaro esse local cheio de destroços e poeira. O prédio tinha seis andares e oito salas cada andar. Estava em reformas e, provavelmente, sem licença para continuar em funcionamento.

— Como o senhor está? – indago, abaixando-me na altura do porteiro que está sentado no chão ao lado da moça desesperada.

— Estou bem. Essa droga de prédio estava em reforma e deveria ter sido fechado para tal – o porteiro reclama.

— E como vocês ainda vinham trabalhar e arriscar suas vidas todos os dias?

— Tenho três filhos e pago aluguel, cara. Não tenho o luxo de dispensar serviço. — Responde, rude.

— Sou Léo. E o senhor? – apresento-me.

— Me chame de Beto, só que sem o senhor.

Olho para a moça e espero que ela fale algo, porém, se levanta e atravessa o saguão em ruínas, sentando-se no primeiro degrau da escada.

— Kelly – confirma seu nome. —, o que vamos fazer? – me pergunta, ainda apavorada.

— Esperar – respondo. Sei que não é a resposta que querem, porém, é a que tenho.

— O que é isso? Um tipo de humor negro de bombeiros? – Beto se exalta, ficando de pé e com os olhos arregalados, não hesita em gritar comigo. — Você é um bombeiro. Tem obrigação de nos tirar daqui! – continua.

Kelly me encara com olhar de piedade.

— Estão todos lá fora, trabalhando para nos tirar daqui. Não vamos dar mais trabalho a eles, ok? – Tento ignorá-lo.

— Não podemos ficar parados esperando esse teto terminar de cair sobre nós. – Kelly resolve se exaltar também. *Ótimo*, penso.

— Você precisa fazer algo! – Beto grita em alto e bom som, o que me deixa furioso, porém, nada que me descontrole.

— Sim. Você tem que fazer algo, eu não posso morrer assim. Não agora! – Kelly entra em desespero, gritando e chorando enquanto coloca as mãos na cabeça.

Eles não me dão trégua e agem como se eu fosse um tipo de super-herói. Então, as lembranças de Jéssica esmurrando meu peito debaixo de uma chuva forte, após eu ter ido até sua casa na noite daquele acidente, retornam. O flashback é rápido, deixando-me tão irado quanto na noite em que Jéssica me culpou pela morte de sua irmã.

O seu rosto, sua expressão, sua falta de confiança em mim.

Aquela noite deveria ter sido apagada por completa em minha mente. Pensei que estava liberto, contudo, vejo que a culpa ainda me assola.

Capítulo 2

Toda a lembrança daquela noite faz com que eu me descontrole e grite de volta, perdendo por completo a noção:

— Neste momento, caso não tenham reparado, eu sou apenas um cidadão comum, preso nessa droga como vocês! Também estou na espera de um resgate. E, nesse caso, minha obrigação é mantê-los bem até que o socorro chegue a nós. Então, não venham me culpar ou esperar algo de mim! – esbravejo em plenos pulmões, os deixando assustados e calados com o tom da minha voz.

Afasto-me deles para tomar ar. Tem sido assim desde o acidente. Tenho perdido o controle, ficando irritado com pouco. Mas logo me lembro do que meu terapeuta disse: *Você só precisa respirar antes de dizer qualquer palavra*. Respiro fundo mais uma vez e recomeço:

— Me desculpem... É que aqui não somos melhores que os outros. O que eu sei e vocês não, pode ser compensado com algum outro conhecimento útil no momento. Por exemplo, o Beto conhece o prédio, certo? – Eles balançam a cabeça, confirmando. — Vamos manter a calma, ok? Nós vamos sair daqui. Ninguém vai morrer hoje.

Eles concordam com a cabeça novamente, porém, permanecem inquietos.

— Não sabemos até quando ficaremos aqui, não tem energia nos interruptores e nem mesmo uma lâmpada. Pensei em desligarmos nossos celulares para economizar as baterias e usarmos as lanternas quando ficar mais escuro – Beto fala e me animo.

— Está certíssimo, Beto. Não que eu queira ficar aqui até a noite, mas temos que nos preparar! Viu só? Sou um bombeiro e não pensei em nada disso!

Todos concordaram e continuamos parados nos olhando.

— Ok. Vamos dar uma volta. Beto, pode me mostrar onde poderíamos achar uma saída?

— No fim do corredor tem, ou pelo menos tinha, um elevador de carga, nós o usamos para descarregar o lixo.

— Ótimo, me deixa dar uma olhada. Talvez haja uma brecha – digo e caminhamos seguindo Beto.

Era uma ótima ideia aproveitar o buraco que o elevador deixara com sua queda para sairmos na lata de lixo. Entretanto, os entulhos chegaram primeiro, tapando toda e qualquer brecha. O quê, com certeza, atingiu o latão...

— E agora? – Kelly pergunta ansiosa.

— Tem um frigobar por aqui? – pergunto

— Sim. Eu tenho. O que quer? – Beto responde.

— Água, estou com sede... e se vocês não estão, logo ficarão – digo, tentando mudar o foco do nosso plano falho. Sem querer, reparo que Beto não soltou as mãos de Kelly desde que começamos a andar pelo prédio.

— Por sorte, abasteceram ontem, e metade do carregamento ficou comigo – Beto nos conta, levando-nos para atrás do seu balcão, ainda intacto, porém, empoeirado e com o chão forrado por garrafas de água. A caixa que deixei para Jessica ainda está sobre o balcão, incomodado por sua presença e pelas lembranças que ela me traz, a coloco no chão, bem embaixo, longe da minha visão. Encaro mais uma vez as mãos de Kelly entrelaçadas com as de Beto, pelo volume de suas veias, ele também está a segurando com certa força.

— Ao menos uma boa notícia – Beto conclui balançando uma garrafa de água.

— Não acho! Havia 50 pessoas nesse prédio e, fora as sirenes, não ouço nada. Devemos ser gratos por estarmos vivos – Kelly completou, soltando vagarosamente a mão de Beto para abrir sua garrafa.

— Sim! Além da água, por estamos vivos – Beto debocha.

Eu não disse nada, por mais curioso que eu seja — e muito sou —, a questão dos dois não é da minha conta. Não sou de dizer muita coisa e, fora isso, eu já gastei minha cota de palavras, além do mais, ela está certa, estamos vivos, devíamos agradecer. Estávamos vivos, sozinhos, presos e sem alimentos... Mas estávamos vivos.

Até quando? Eu não tenho a mínima ideia.

...

— Léo! Talvez esse buraco nos leve a algum lugar. – Beto encontra uma possível saída e está empenhado e tirando algumas pedras para liberar espaço.

— Não é seguro, a qualquer momento isso tudo pode desabar, nós não sabemos o que está segurando esse teto sobre nossas cabeças.

Respondi, mas Beto continuou sua árdua missão solitária de retirar algumas das enormes pedras de concretos enquanto Kelly o assiste com as mãos na cintura, incrédula e esperançosa ao mesmo tempo.

— Beto, pare! – grito ao ver como ele está empenhado em um tipo de escavação manual.

— Não podemos ficar esperando seu pessoal entrar, tenente, eu tenho uma família lá fora - justifica com sua voz cansada e espaçada.

— Todos nós temos alguém do lado de fora. Por favor, pare! – Eu tento tirá-lo de dentro do buraco escuro com as extremidades claramente frágeis, no entanto, ele me empurra. Eu não posso usar toda minha força, tendo em vista que as pedras à sua volta não lhe protegem, mas sim lhe ferem, como se elas estivessem apenas a espera de alguém mexer os braços bruscamente para machucar.

— Kelly, tente você! – apelei para ela. Estava óbvio que eles se conheciam bem e que tinham uma ligação. Visto como ele conseguiu acalmá-la antes.

— Não posso!

— Como assim? – perguntei, nervoso.

— Ele tem ataques de pânico, ou algo assim, chegou a fazer anos de tratamento em um lugar isolado... Agora, a única coisa que o faz perder a calma é estar em uma situação que o afasta de sua família – explica, fazendo-me a olhar, ainda sem entender qual o real motivo dela não poder me ajudar. — Vi que reparou como estávamos de mãos dadas, é como ele se acalma nessas situações de crise. Como se ele transferisse todo o pânico para as mãos. Se eu tentar ajudar, ele perderá o pouco da sanidade que ainda lhe resta, o que me deixará nervosa, fazendo com que você tenha dois doentes para ajudar.

Continuo focado em seu rosto, me sentindo impotente diante de tantos problemas e sem nenhuma saída. Olho para o teto torto rachado e frágil acima de nossas cabeças. *Por que essas coisas só acontecem comigo?*

Penso. Bufo e, então, cedo.

— Ok, Beto... Vamos revezar. Eu vou entrar e analisar a situação para não sermos soterrados aí dentro, e para não jogar o que sobrou do prédio

sobre nós – abaixo-me para falar com ele, que está dentro de uma cavidade muito estreita que vai até seus ombros.

— Ok... Vou procurar escoras. – Ele finalmente sai e está muito empolgado.

— Ótimo! Vamos precisar – digo, analisando o buraco antes de enfiar minha cabeça.

O lugar é pequeno, provavelmente nos levará ao fim desses escombros. Mas com certeza passaremos dias esperando isso acontecer. Apesar disso, a ideia é válida. E o lugar está mesmo firme. Começamos um trabalho conjunto, a cada vinte minutos um sai e outro entra. Kelly não consegue sequer tentar colocar a cabeça dentro, mas nos abastece com água e carrega as pedras pesadas para longe, sempre em conjunto.

Uma hora depois e ainda não conseguimos alargar a cavidade para que coubesse mais de uma pessoa. É um trabalho de formiga, lentamente e com muita cautela, tiramos pedras enormes, outra hora, tiramos lascas do tamanho de britas pequenas.

— Tenente, seu rádio! Seu rádio! – Kelly grita, enquanto eu tento me arrastar para fora.

— Léo! Vou ser rápida, não sabemos por quanto tempo teremos sinal – ouço ao pegar o rádio, era Joana.

— Sim, chefe! – limpo o suor que escorre por minha testa.

— Infelizmente, vocês serão os últimos a serem resgatados. Estabilizamos toda essa frente com escoras. Mas se tentarmos retirar vocês, todo o restante será soterrado. Tivemos contato com outros sobreviventes, o melhor plano que tivemos foi o de começar por cima.

Diante dessa notícia que todos ouviram, eu precisava manter a calma entre todos, já que ficaram agitados depois disso.

— É... É a maneira correta – divago, olhando para Kelly e Beto que resmungam sem parar.

— Sim, mas ainda não desistimos. Assim que todos estiverem a salvo, entraremos. De qualquer maneira, não entrem em pânico.

— A senhora por acaso tem noção de que está nos pedindo para esperarmos para sermos salvos? Percebe a loucura que está dizendo? – Beto se exalta, pega o rádio comunicador de minhas mãos e, gritando com minha superior, despeja toda sua ira.

— Senhor, eu entendo sua reclamação e peço apenas que mantenha a calma, o senhor está acompanhado de um dos melhores bombeiros do meu batalhão.

— Eu não quero saber de medalhas, senhora! Eu quero sair, ver meus filhos, minha esposa. Quero sair desse maldito buraco. Tirem-me daqui! – ele grita.

— Eu entendo o senhor perfeitamente. Mas vou lhe explicar de uma maneira melhor: se movermos alguma pedra na frente do prédio, assassinares mais de quarenta pessoas. – Beto parou para pensar, passou a mão pela cabeça.

— Posso ao menos falar com a minha família? – ele implora.

— Claro, já entramos em contato e estão a caminho. Peço que deixem o rádio comunicador nesse mesmo lugar para não perdermos as comunicações novamente.

— Eu também quero. Quero falar com Cleiton, meu noivo, e Joyce, minha tia. – Kelly se aproveita do momento e pede.

— Claro, Kelly Pimentel, certo?

— Sim! – ela responde empolgada.

— Kelly, infelizmente, somente sua tia está a caminho. E disse que não haveria mais ninguém para contarmos. Mas liguei novamente e pedirei para que ela também traga o seu noivo, tudo bem?

Os olhos de Kelly automaticamente se desmancham em lágrimas sem sua permissão, nos deixando desajustados. Beto se aproxima e abraça seus ombros lhe dando apoio.

— Ok! Qual é o plano, Joana? – Tomo o rádio das mãos de Beto.

— Estamos estabilizando a área traseira, e fazendo buscas minuciosas. Não sabemos a estabilidade do prédio todo, então estamos priorizando as buscas por vidas, mas sem deixar de...

— Estamos vivos, somos as vidas que estão procurando! Achem um jeito de nos tirar daqui e rápido! – Kelly está exaltada e com medo, então interrompeu Joana com a explicação que me fazia.

— Ok! Nós vamos aguardar! Não tem outro jeito, Kelly. Eu também quero sair daqui como vocês, tenho pessoas me esperando lá fora, e até pessoas aqui nesse prédio perdidas e nem por isso estou enlouquecendo! – Tento afastar Kelly com minhas mãos, já que a mulher avançou para pegar o rádio da minha pose.

— Você é treinado para isso! Não tem com que se preocupar, sabe dos riscos e das vantagens, e nós?

— Kelly, se acalme! – Ela avança em minha direção mais uma vez, contudo, Beto a segura pelos ombros a impedindo de talvez me agredir.

Encaro-a furioso com toda a situação que ela está criando, mas, Joana desperta minha atenção!

— Léo! Tenente Léo!

— Sim, chefe! – respondi ainda encarando os olhos furiosos de Kelly.

— Percebemos alguns ruídos aqui fora, se estão fazendo algum tipo de escavação, por favor, parem! É arriscado. Manteremos contato.

— Sem problemas, chefe!

Desligo o contato e mantenho o rádio no lugar com medo de que a comunicação seja cortada. Todos nós ficamos desapontados por termos que parar com nossa única esperança de saída. Kelly permanece alterada e triste, enquanto Beto tenta acalmá-la. Caminho em sua direção para descobrir o que realmente está acontecendo quando ouvimos um estrondo que me faz dar um salto para trás e, assustado, olho para o teto rapidamente, vendo uma rocha enorme cair dele em minha direção!

Capítulo 3

— *Vamos lá, Jessica! Estamos atrasados!*

— *Se acalme! – Sua voz soava distante e sem nenhuma preocupação.*

— *Qual é! Cheguei há vinte minutos e você disse que só iria escolher um sapato!*

— *Sim! E o que escolhi não combinou com o vestido!*

— *O quê? – surpreendi-me e subi as escadas. — Droga, você trocou de roupa! – reclamei quando abri a porta do quarto.*

— *Claro! Não iria combinar.*

Fiquei parado a olhando enquanto ela colocava seus brincos e sorria para mim através do espelho.

— *Você poderia calçar galochas ou ir até mesmo descalço que ainda sim seria a mulher mais linda daquele evento!*

— *Obrigada! Mas prefiro não pagar para ver! – Ela pegou sua bolsa em cima da cama e beijou meu rosto antes de sair pela porta, abandonando-me.*

...

Abro olhos vagarosamente, após me despertar do sonho sobre um dia feliz com minha melhor amiga. Ouço gritos e choros desesperados, uma fumaça insuportável faz meu nariz coçar e espirro fazendo com que percebam que estou vivo.

— *Léo! Léo! Responda! Você está bem?*

Minha cabeça está dolorida e minha vista embaçada. Ouço pessoas chamarem por mim e não consigo responder! Meu peito está com uma dor insuportável! Como se houvesse uma pedra sobre ele! *Uma pedra. Poeira! A voz é de Beto!* Recupero minha consciência e me lembro de onde eu estou.

— *Beto?! Kelly?! Estou bem! E vocês?*

— *Ah! Graças a Deus! Estamos bem, a pedra caiu do teto e nos separou! – Kelly responde agoniada, parece estar chorando.*

— *Eu vou dar uma olhada!*

Digo confiante e disposto a me levantar, mas será difícil, já que a dor no meu peito impede que eu me mexa. Continuo deitado, com muita

dificuldade tento olhar meu corpo e não vejo sangue ou ferimento.

— E então? – Kelly pergunta.

— Não estou ferido!

— Então, pule para cá! – Beto toma a frente.

— Não consigo! Meu peito está doendo como se tivesse um ar preso – d igo com dificuldade me rendendo a dor e desistindo de me levantar.

— Você não pode ficar se culpando! Ele precisa de ajuda!

— Eu não posso!

— Kelly! Ele precisa de você! Eu não sei nada sobre primeiros socorros! Não é hora para esse medo. – Do outro lado da pedra, eles cochicham como se eu não pudesse ouvi-los. A voz aguda de Beto mostra estar agitado.

— Pessoal, o que está acontecendo aí? — pergunto com dificuldade.

— Kelly é enfermeira e por um medo bobo não quer lhe ajudar!

— Ex enfermeira – o corrige, dando ênfase na palavra EX

Estranho a informação. E, assim que decido que não preciso ou quero sua ajuda, sinto uma forte fisgada na costela que faz meu gemido sair, seguido por meu silêncio em não conseguir responder. A junção de ambos torna Kelly a se apressar, aparecendo no alto da enorme pedra que nos separa.

— Droga! Ele está ofegante! – Kelly diz ao me avistar, descendo às pressas em minha direção e se arriscando entre as lascas que agridem suas mãos enquanto escorrega para chegar até mim. Está afobada e trêmula, não sei se pelo fato dela ter que cuidar de mim ou pelo fato da descida. Seguro-a pelas mãos, o que a assusta quando, finalmente, consegue se abaixar ao meu lado.

— Estou bem! – insisto, teimoso como sempre.

— Não está não! Está ofegante e mal consegue respirar!

— Eu sei – respondo suspirando com dificuldades e deixando minha cabeça pendula para o seu lado.

Ela me encara, e hesita em me examinar, mas vendo que não há outro jeito, ela se deita para ouvir meu peito e checar minha respiração. O que me deixa sem jeito. Age tão rápido que não tenho tempo para assimilar a situação, apenas para admirar aqueles fios loiros escorridos sobre meu peito.

— Pulmões limpos, não estão chiando – anuncia aliviada. E eu me recomponho, fingindo não a estar admirando.

— Ok, e por que essa dor nas costelas me impedindo de levantar?

Ela levanta minha camisa sem nenhuma cerimônia e observa minha barriga, pisco várias vezes para tentar não parecer infantil com o pensamento masculino de uma mulher que quase retira minha camisa sem nenhum problema, Kelly vira meu corpo para averiguar minhas costas e, não achando hematoma, decide que é mesmo ar preso.

— Devido à queda, seu corpo colidiu com o chão. Não tem como ter certeza, mas a princípio são dores da queda. E uma bolsa de ar pode ter surgido com o impacto. Vou te ajudar a se levantar e, quem sabe, te alongar.

A olhei sorrindo e imaginando a cena desconcertante que é eu me alongando, em meio a esse caos, como se nada de ruim estivesse acontecendo.

— Olha, eu sei, não foi nada profissional a consulta, mas não posso ver mais nenhuma anormalidade e não tenho outro diagnóstico! Então o que posso fazer é isso.

— Não estou questionando nada! – digo, esticando minhas mãos para que ela a segure.

Com sua ajuda, consigo me levantar. Kelly segura, dá a volta e para em minhas costas, a sensação de suas pequenas mãos em minha coluna faz-me perder um pouco do senso.

— Com licença – ela pede para levantar minha blusa mais uma vez e colocar suas mãos quentes sobre minha lombar, me fazendo fechar os olhos e me deliciar com esse toque delicado. *Léo, melhor parar antes que o sangue do seu corpo tome espaço dentro das suas calças.* Repreendo-me em pensamento e logo digo em desperto:

— Acho que consigo me alongar sozinho.

Ela foi delicada, profissional... ou talvez tenha sido o medo de exercer a profissão.

— Obrigado! – agradeço enquanto proponho lhe ajudar a subir de volta à pedra quando acabo de me alongar.

— Não fiz nada! – sorri e aceita minha ajuda

Kelly estava com medo, não conseguiu me examinar direito porque estava temerosa. Notei em seus olhos enquanto ela colocava seus dedos em

meus pulsos. Eu senti dor ao me levantar principalmente ao me alongar, mas não deixei que reparasse. Havia algo errado comigo. Mais cedo ou mais tarde, eu descobriria, porém, enquanto isso não acontecesse, eu precisava nos tirar desse buraco.

...

— *Léo, poderia me ajudar com essas sacolas?*

— *Você me convidou para jantar com você e não para fazer esforço físico – sorri para Jessica que me olhava feio com o porta-malas aberto, já esperando que eu fosse até lá pegar as últimas duas sacolas que restou no carro.*

— *Vem! Carrego você também! – Encaixei as alças das sacolas em meus pulsos e a puxei pelos braços enquanto ela fingia não gostar.*

— *Pare, Léo! Já não tem mais graça! – Ela sorria enquanto eu a pegava no colo com a outra mão livre.*

Sempre gostei de mostrá-la como eu era forte e que conseguia carregá-la com apenas uma das mãos, independente do que estivesse carregando na outra. A joguei sobre meus ombros e levei para dentro como um homem das cavernas enquanto ela gargalhava e se agarrava a minha blusa com medo de cair.

...

— *Léo! Por que parou? – Kelly me chama, em cima da pedra, esperando por mim, estou estagnado no mesmo lugar em que estava antes, quando a ergui para que alcançasse o topo.*

— *Estou esperando que desça do outro lado – minto. Eu estava em transe com mais uma recordação do meu passado não muito distante. Por favor, Jessica, esteja bem!*

Ouçõ Beto ajudá-la a chegar ao chão e permaneço paralisado, sabendo o quão difícil será subir toda essa pedra sem ajuda. Analiso meu corpo por baixo da camisa e encaro meu abdômen arranhado e minhas mãos feridas, coisas que ainda não tinha notado. Porém, é só isso, sem nenhum ferimento grave aparente.

— *Vamos lá, tenente, estamos te esperando.*

Beto sobe ao topo da pedra e estica a mão para me ajudar a subir e, pensando em não demonstrar fraqueza, aceito sua ajuda. Seguro o ar toda vez que a dor na costela insiste em vir. Já do outro lado novamente com

eles, percebemos que a pedra trouxe com ela mais alguns destroços e tapou outra parte da portaria, nos deixando ainda mais presos, com menos do espaço que antes.

— Seu rádio! – Beto se lembrou

— Droga! É mesmo. – Andamos de pressa até o local onde agora tem praticamente uma parede de tão grande que são os destroços. Será impossível remover qualquer coisa.

— E sua superior disse no rádio para não escavarmos nada, e agora, Léo?

— Espera, estou pensando! – digo, colocando uma mão na parede ao meu lado para reforçar minha coragem de não demonstrar a dor, e Beto continua sem ao menos tomar fôlego.

— E agora? Nossa única esperança estava naquele rádio, eu ia falar com minha família, agora vão pensar que estou morto! Eu quero sair daqui, tenente! Tire-me daqui!

— Silêncio! – Tapo a boca dele com minhas mãos sujas no desespero por ouvir melhor um som estranho.

— Tira essas mãos de mim, cara! – Beto se exalta e, com voracidade, tira minhas mãos de sua boca.

— Calado, Beto! Onde está Kelly? – pergunto preocupado e Beto logo caminha em busca.

Ela não está atrás de nós, a encontramos agachada segurando seus joelhos e fazendo um som estranho como de um mugir de uma vaca, ou um celular sobre a mesa vibrando, não sei descrever bem. Fomos até Kelly apressados e ela está com seus olhos espremidos como se estivesse com medo de abri-los

— O que foi, Kelly? – pergunto, mas ela não responde e permanece como estava. Beto passou as mãos na cabeça saindo do lugar, o olhei sem entender o motivo da aflição, mas ele parece ter visto algo que eu não.

— O que foi, Beto? O que está acontecendo?

— Ela está em pânico.

— Mas ela tem claustrofobia, quem tem a crise de pânico é você, não é?

Ele cerra os olhos e me encara.

— Estamos presos a um buraco que não para de soltar pedras sobre nossas cabeças, sem comida, e sem comunicação com a área exterior! Você

acha que numa crise dessas existe nome para alguma doença aqui?

Beto é ousado, ainda não sei se é marra ou se é medo do que estamos vivendo. Independentemente do que seja, às vezes, tenho vontade de socá-lo.

— Ele tem razão, estamos perdidos, sem comida sem comunicação, ninguém vai nos achar aqui. Seu rádio era nossa esperança. — Kelly finalmente consegue dizer alguma coisa, e eu reviro os olhos em direção a Beto, o culpando pelo que disse.

Lembro-me de Jessica mais uma vez, quando eu estava mal com alguns casos absurdos que atendíamos e eu não podia fazer muito pela pessoa, eu ligava para desabafar e ela sempre me dizia: *“Não adianta estressar, nesses casos, deite-se, respire fundo, quantas vezes for preciso, ignore o ambiente hostil. Mesmo que tenha que lutar com sua mente. Faça isso até que consiga se acalmar, e quando acontecer, mude de assunto. Sua mente vai ter que seguir seu raciocínio”*.

É o que faço, me aproximo de Kelly, deixando Beto no lugar em que estava e, sem dizer nada, limpo um espaço no chão tirando umas pedras e ferros do caminho e deito-me ao lado dela que me olhou sem entender o que eu estava a fazer. Cruzo as mãos embaixo da minha nuca e fecho os olhos respirando pausadamente. Vagarosamente, uma... Duas... Três vezes.

Capítulo 4

— O que está fazendo? – Beto pergunta irritado, mas não respondo.
— Léo? – insiste.

— O que é isso? – Kelly pergunta e, aí sim, respondo. Porque ela é meu alvo, é ela quem eu preciso acalmar e mudar os pensamentos ruins.

— Minha amiga sempre me dizia que eu devia esvaziar meus pensamentos e me render a calmaria inexistente. Ou seja: eu devo criar a calmaria. Eu nunca dei importância a isso, nunca testei. Que momento melhor para fazer isso que não esse? – digo enquanto ajeito meu corpo dolorido ao chão sujo. Abro os olhos e noto a troca de olhares desconfiados ente ela e Beto. Ignoro e começo a mudar o foco.

— Há três meses estávamos indo a uma festa da corporação, Jessica como sempre era minha acompanhante, estávamos atrasados, porém, me lembro perfeitamente dela trocar o vestido porque não combinou com os sapatos – pausei e olhei para Beto, pedindo uma força.

— Normal, qual mulher não faz isso? – comenta.

Sorrimos, concordando e esperando que Kelly defendesse seu gênero, entretanto, ela continua abraçada aos joelhos, e tento não me importar.

— Exatamente, Jessica sempre foi muito vaidosa, e sem necessidade, já que sempre foi muito bonita, mesmo quando não lavava o cabelo. – Aceno com a cabeça para que Beto se sente ao lado de Kelly e ele o faz prontamente. Então continuo minha história, fecho os olhos para trazer o rosto de minha melhor amiga em minha mente. Me aprofundando na história, continuei:

— Naquele dia, cheguei atrasado ao evento, mas por estar na companhia de uma das mulheres mais lindas da minha vida, eu pouco me importei com os olhares de: “*um tenente renomado chegando atrasado ao evento de decoração*”. Evitei os olhares julgadores enquanto observava Jessica passear pelo salão. Todos a admiravam, a desejavam, mas ela só tinha olhos para Bia, a assistente de Joana, minha superior do quartel. Sim, meninos e meninas, Jessica é lésbica – pauso para admirar a reação deles e, como esperado, desperto a atenção de Kelly, que solta os joelhos e se senta

esticando as pernas para frente, mantendo apenas os braços cruzados sob seu peito.

— Está explicado por que não contou ainda que a transa com ela foi a mais gostosa que teve na vida – Kelly debochou.

— É! Não vou negar, eu tentei no início uma amizade colorida, sabe como é né, Beto? Qual homem não quer isso com uma amiga?

Eles se olham estranhamente e ele confirma.

— Mas nem sempre acaba bem, viu, tenente?! – Beto me alerta.

— Sim! Foi o que ela disse: “*seria incrível aproveitar desse seu corpo musculoso e forte*” ... – digo, mas Kelly me interrompe.

— Ela não disse isso! – Duvidou.

Gargalhei.

— Não! Mas ela disse: “*Seria incrível contar para amigas que transo casualmente com um bombeiro, mas acho que farei mais inveja dizendo que posso, mas não quero. E que prefiro sua amizade*”

Kelly sorriu e descruzou os braços para ajeitar uma mecha do cabelo solto e disse:

— Ela é esperta! Já admiro sua amiga.

— Sim! Eu também, ela trabalha com assistência social. Já houve vezes dela levar adolescentes para casa por pena. Nada dentro das normas, mas o coração dela é enorme e quando é para ajudar alguém, ela tira até a roupa do corpo se preciso.

— Amo pessoas assim. Me apego fácil a elas – a mulher fala, amável.

— Vamos lá! Ela namora com essa Bia ou é platônico esse amor? – Beto ressurgiu interessado na parte sexy do assunto, mesmo sonolento. E eu me apoio nos cotovelos para falar a ele.

— Ah! Safadinho, querendo uma história picante? Mas não, elas não namoram, Jessica é louca por ela, mas Bia não a corresponde, por ser muito fechada, não sabemos se ela gosta ou não de mulher... Mas Beto, meu bom homem, pense em uma mulher bonita?!

Antes que eu continuasse a descrever Bia em detalhes, Kelly me interrompe:

— Quando vai começar a definir outro bombeiro gato nessa corporação?

— Outro? Mais que eu? – Me divirto zombando de Kelly para que ela interaja mais.

— Por favor! Eu disse gato... – Ela se envergonha e tenta disfarçar, eu sorrio e ignoro sua pergunta pedindo a Beto que me conte sobre suas aventuras. Ele se empolga e fala sobre ele e uma amiga de trabalho. Imagino que seja Kelly, mas não entro no mérito para não a deixar tensa novamente.

— Veja só quem se deu bem... Beto, ter uma amiga de sexo é muito bom cara, elas...

Kelly se deita com as mãos na nuca e pigarreia solicitando respeito por estar ali.

— Perdão! Não é legal falar dessas coisas perto de uma dama. – Debocho, fazendo-a beliscar meu braço, tão espontânea que se assusta com o feito.

— Perdão! Eu tenho essa mania! Desculpe-me, Léo! Que vergonha... – Ela tapa a boca com as mãos e eu sorrio.

— Não se desculpe, estou acostumado... Quando debocho de Jessica, ela soca meu braço... E nós aqui, somos amigos. Sem frescura, ok?

Eu não sei como, mas Beto pega no sono enquanto conversávamos. Kelly e eu rimos e nos afastamos para deixá-lo mais à vontade. Era bom que um de nós estivesse tranqüilo o suficiente para dormir naquele lugar horrível e com pouca luz. Ficamos ali, uns três passos de distância de Beto que, como se estivesse num gramado de um parque, dormia tranqüilo.

— Você tem filhos? – Kelly me pergunta quando se senta de frente para mim em uma das pedras grandes.

— Não, mas adoro crianças! Às vezes me relaciono melhor com uma do que com os pais dela.

— Isso é estranho. – Ela sorri com uma careta e apóia as mãos uma de cada lado de seu corpo.

— Os adultos mentem! As crianças são tão sinceras. – Digo

Ela sorri novamente e eu paraliso admirando o sorriso lindo que ela tem.

— É verdade... Mas sabe? Eu até gosto delas, mas não tenho paciência – responde.

— É. Eu não tenho muita também, mas, adoraria ter uma um dia! – Cruzo os braços encarando seu rosto sem jeito.

— Obrigada por me distrair. – Então, Kelly inclina a cabeça com sorriso grato mudando de assunto.

— Que nada, eu também estava precisando. – Ajeitei meus braços mais uma vez sob meu peito. Estou me sentindo desconfortável, tímido... não sei!

— Vou aderir a essa tática! Quero agradecer pessoalmente a essa sua amiga quando sairmos daqui.

— Ela vai gostar de saber que usei a tática dela e que funcionou.

Fico sem jeito ao perceber que ela está encarando meus olhos de uma forma boa e a encaro de volta, como se eu pudesse entrar e me ver através dos seus olhos, que brilham. E de repente, por um único instante o ambiente não parece um caos, nada em volta parece um cenário de demolição. Com isso, não percebo que me movi e já estou a um palmo do seu rosto. Seu olhar fixo no meu me encoraja a me aproximar mais, noto que, o que eu realmente quero, é me aproximar e beijar seus lábios, esquecendo do inferno em que nos encontramos. Quero mergulhar em seu beijo e inventar um novo dia, um dia em que nada disso esteja acontecendo. Aproximo meu rosto e ela não hesita, pelo contrário, estica o pescoço, oferecendo a boca pequena e claramente deliciosa. Inclino-me para tocar meus lábios nos dela, descruzo os braços para segurar seu rosto enquanto eu estiver envolvendo minha língua dentro de sua boca, e quando estou próximo de tocá-la...

— Tenente Léo? Seu radio, o ouvi do outro lado da parede. – Beto desperta do seu sono e nos assusta fazendo com que eu recue, e fique desconcertado.

Capítulo 5

— Você ia beijá-lo?

— Fica quieto, Beto.

— Fala sério, estamos soterrados nesse inferno de pedras e ferros retorcidos e você aí querendo beijar o bombeiro bonito.

— Você não fica bem com ciúmes, Beto!

— Vocês perderam o foco. É só isso.

— Você dormiu nesse inferno de ferro retorcido e pedras e não debochamos disso... Então, fica quieto.

— É uma situação diferente, eu descansei.

— Ok! Ok! Não, não íamos nos beijar, agora para!

Enquanto eu me estico e me equilibro sobre as ferragens e pedregulhos, os ouço discutindo, mais uma vez, cochicham entre si como se eu não pudesse os ouvir. Continuo tentando alcançar o rádio que caiu longe e está entre muitos entulhos, portanto só consigo visualizar uma parte dele.

“Espero mesmo que não esteja quebrado”, penso.

— Só estou dizendo que não é hora para isso! — Beto recomeçou.

— Você não se casou? Não deveria me deixar em paz?

— Então, façamos assim, na próxima crise, peça ao *“senhor músculos”* para te ajudar.

Eu não devia, mas sorri com o comentário de Beto se referindo a mim. Desconcentro-me e me desequilibro, quase caindo do outro lado da pedra – que, aliás, formou uma piscina de ferros retorcidos, pedras e entulhos.– Com meu descuido, atraio a atenção deles que param de discutir como duas crianças.

— Pessoal, eu vou tentar entrar – digo me sentando de frente para eles, no topo e fingindo que não estava ouvindo-os falar sobre mim.

— Não é perigoso? – Kelly se preocupa.

— Tenho que tentar, o rádio está dando sinal, por enquanto são só barulhos, mas parece que está mesmo funcionando.

— Eu vou com você – Beto se habilita

— Não! Fique aqui, se algo der errado, ou se eu não conseguir voltar, vocês ainda têm uma chance.

— Qual é! Não pode ser tão fundo assim – ele duvida

Então desço de volta com muito cuidado, para evitar que minhas dores piorem, e ofereço ajuda a Beto, para que, assim, possa ver a profundidade com seus próprios olhos.

— É o estacionamento! Léo, se cavarmos em volta dessa pedra perto do rádio, vamos descer ao estacionamento subterrâneo.

— Qual é! Estou olhando com todo cuidado aí e não vi nada.

— Veja: essa pedra em que estamos subindo fraquejou o chão. Logo abaixo dela, tem um estacionamento que nos levará a mata atrás do prédio – Beto explica sorridente.

— O prédio caiu sobre a mata, Beto – respondo sem esperança.

— Ok, aí já é com você! É o bombeiro aqui, vai ditar nossas rotas e acompanhar nossas escavações – fala empolgado como se estivesse tudo sob controle.

— Não sabemos se o estacionamento está livre. Talvez, não aja nada além de pedras e, assim, não poderemos sequer nos mover – digo preocupado com a ideia.

— Você está com medo? – Beto me desafia. Vejo isso em seu olhar.

— Não é medo, mas sem os equipamentos, ou sem uma visão clara de onde vamos, é arriscado. A minha capitã já nos alertou a não escavar nada, eu sou apenas um civil aqui Beto, entenda isso!

Kelly e ele se entreolham e ela sugere:

— Você poderia ir pegar o rádio, veremos se há contato com essa Joana e... – Hesita. — Talvez ela nos autorize a prosseguir com esse plano.

Olho para eles e respiro fundo.

— Ok! Que tal se eu pegar o rádio, analisar o ambiente, e tentar ver por baixo dessa pedra, então, depois disso tudo, decidimos juntos o que é melhor?

— Mas e se não conseguir voltar? – Beto pergunta enquanto desce de volta, apreensivo.

— Então, vocês esperam para ver! – digo

— Ok! – disseram em uníssono, preocupados.

Conseguí descer com facilidade ao outro lado, o problema? As pedras. Pontiagudas e prontas para me cortarem ao meio se, por um descuido, meu corpo cair sobre elas. É difícil andar, visto que estou com uma roupa comum e não com um traje de resgate. Por sorte, gosto de botas

resistentes e, por isso, estou usando-as hoje. Vejo uma fresta e quase não alcanço o rádio com as mãos, porém, quando finalmente alcanço...

— Droga! – reclamo em um grito.

— O que houve? – Beto se preocupa

— O rádio está destruído.

— Mas eu o ouvi, tenho certeza – Beto afirma.

— Sim, dá para ouvir, só que ele não transmite mais nada, está chiando agora. Além de que se eu puxar de onde está, se despedaçara! – digo me abaixando para tomar fôlego, ao mesmo tempo que estico meu corpo, já muito dolorido.

— E agora? – Kelly pergunta.

Respiro fundo, olho em volta e observo melhor abaixo da pedra de concreto que nos separa... Entro em pânico imediatamente quando tenho a visão clara da situação.

“Como não percebi isso antes?”

— Beto, ajude Kelly a pular para cá, traga toda água possível, tudo o que houver de útil em seu balcão e vamos escavar em volta dessa pedra! Rápido!

— O que houve? – Kelly pergunta, provavelmente, notando meu tom alterado e irritado, em seu tom, vejo ansiedade e temor. Isso não é bom!

— Onde está Beto? – pergunto.

— Foi buscar o que pediu. O que está acontecendo aí?

Eu não posso contar a ela, não agora... Eu não posso lidar com mais um problema, visto que a queda daquelas rochas fez com que o chão ficasse instável e, provavelmente, é questão de minutos para que se abra e nos engula.

O plano é simples, porém, arriscado.

Morreremos de qualquer jeito! Pensei

Capítulo 6

Beto chega alvoroçado, jogando para mim as garrafas de água, enquanto ignora – junto comigo – as perguntas históricas de Kelly.

— Me digam: por que vamos pular para esse lado?

— Quer ficar calma? É melhor você não saber agora! – Beto não sabe bem o que eu quero com a minha atitude, mas deduz que achei algo ou que tenho um plano, logo, resolve me ajudar e manter a calma.

— Mas isso é incoerente, sou uma das sobreviventes também e mereço saber onde estão me levando – Kelly protesta.

Irritado com tudo aquilo, grito do outro lado:

— Não estamos te levando, estamos indo juntos. Agora, por favor, colabore.

— Mas...

— Chega! Não temos psicológico para saber de mais nada aqui. Percebeu que eu não perguntei? Não quero saber, eu só quero sair daqui. Não me importa como. – Beto se irrita e acaba alterando seu tom de voz. Não sei o que está havendo do outro lado, mas Kelly se calou.

Alguns minutos depois tivemos que intercalar os celulares. O que usávamos para iluminar o local com a lanterna havia descarregado. Em seguida, começamos a nos mover para dentro da piscina de pedregulhos.

— Meu Deus! Está difícil até de se movimentar aqui dentro. – Kelly se admira ao chegar do outro lado.

— Pronto, Beto, é a sua vez. Estamos te esperando – digo quando acomodo Kelly em um canto seguro.

— Tenente, eu estou travado, não consigo sair do lugar. Eu quero te ajudar, mas a sensação de sair às escuras está me enlouquecendo – responde desesperado do outro lado.

— Quando estiver desse lado te conto cada detalhe. Venha!

— Eu não consigo. Juro que estou tentando. Mas minha mente me trai fazendo-me pensar: aonde vou, e como vou.

— Você não consegue lidar com a verdade, lembra? – Tento lembrá-lo do que ele disse à Kelly há poucos segundos.

— Sim! Mas agora eu a quero!

Sinto o chão se estremecer e vejo a poeira cair do teto. Ouço a histérica da Kelly gritando “Jesus *o que é isso? o que é isso?*” Por diversas vezes. Ouço Beto respirar mais ofegante como quem tem dificuldade e rapidamente me penduro ao topo da pedra para falar a ele.

— Vamos, Beto. Depressa!

— Eu... eu... não... não... – gagueja. — Eu não consigo!

— Cara, a Kelly está precisando de você desse lado. E a única chance de ver seus filhos é vindo para esse lado.

Meu corpo dói em excesso por manter meu peito pressionado sobre a pedra e Beto não se move.

— Conte-me mais desse plano. – Em pânico, com os olhos arregalados e suando, ele pede.

Nesse momento uma pedra caiu atrás dele, mais no fundo do ambiente. Eu me desespero. Ajeito-me corretamente sobre a pedra, faço sinal para que Kelly não saia de onde a coloquei e volto minha atenção para Beto.

— Ok Beto, é agora ou nunca. O chão vai se abrir e engolir você, e o único lugar seguro no momento, é aqui.

Ele olha para trás e vê o que está acontecendo e nem mesmo assim se move. Porém, treme feito uma vara verde.

— Beto, por favor, se esforce – grito. Não consigo esperar por ele e pulo do outro lado deixando Kelly mais desesperada por ficar sozinha e sem saber o que está acontecendo.

— Vamos lá cara, você não chegou até aqui para morrer soterrado... Sua irmã está te esperando do outro lado. – Ele franze a testa e me corrige, enojado:

— Não! Kelly não é minha irmã. – Noto que essa falha o distraiu então eu me aproveito disso. Chego mais perto, a poeira e as pequenas pedras se desprendem do teto caindo com mais agilidade, o chão está se mostrando mais frágil. Não temos muito tempo.

— Então quem é ela, sua esposa?

— Claro que não! – negou, passando a mão na cabeça já desesperado por não conseguir sair do lugar e irritado por meus questionamentos.

— Bom, então é sua amante – debochei.

— Cara, me respeita. – Dei um passo para trás para afrontá-lo. Porque, quase que de reflexo, ele veio em minha direção.

— Bom, me pareceram bem íntimos. Acho mesmo que você gosta dela. — Está funcionando, quanto mais bravo fica, mais ele sai do lugar.

— Deixa de ser intrometido, cuide de sua vida e nos tire vivos daqui. Esse é seu trabalho, babaca! — esbraveja.

Ele me agride com palavras enquanto anda em minha direção. Quando chegou perto o suficiente, o puxei para perto da enorme rocha. O chão começa a se abrir, mas Beto consegue pular a tempo e, mesmo com muita dor, me vejo obrigado a pular de uma vez só de toda aquela altura.

— Qual é seu problema? Por que não veio logo? — Kelly se irrita com Beto que está furioso, assustado e preocupado.

— Me desculpe, Beto, eu pensei que...

Um enorme estrondo faz com que eu me cale imediatamente, nos abaixamos para nos proteger do teto que termina de cair a toda nossa volta, inclusive onde estamos. Mas fomos salvos pelo resto do teto do primeiro tremor. O chão de onde estamos é mais perigoso que todo o local em si, está cheio de ferros e entulhos, mas ele é o resto do soterramento, então não se desprenderá com esse tremor como o resto da sala sumiu. O teto, então, fecha o minúsculo espaço em que nos escondemos, mas nos protege agora.

— Está escuro aqui! — Kelly reclama e respira pela boca.

— Kelly, por favor, se controle! — Beto a repreende já sem paciência.

Ligo a lanterna do celular.

— Então é oficial, vamos morrer aqui, nesse cubículo de dez polegadas — Beto diz, irritado.

Kelly inicia um choro enquanto tenta respirar depois do dizer de Beto. Temos seis garrafas de água, já que o restante que Beto trouxe foi esmagado por esse tremor. Um dos telefones tem sessenta por cento de uma bateria e o celular de Kelly que está desligado tem apenas trinta por cento. O espaço ficou ainda menor e mais perigoso e será impossível nos movermos para escavar algo, no sentido de sairmos pelo estacionamento como Beto havia planejado. Ou seja, ficaremos presos aqui até que um milagre aconteça.

Capítulo 7

Kelly

— *Por que a demora, Cleiton? –Tento espionar o que ele esconde na sua mesa de trabalho.*

— *Kelly, você não sabe mesmo esperar nada, querida.*

— *Sabe que odeio surpresas!*

— *A verdade é que você gosta de estar no comando, e deixar alguém te surpreender significa que baixou a guarda!*

Cleiton pisca para mim enquanto trabalha em alguma coisa em sua mesa de carpintaria. Um espaço pequeno ao lado de nossa casa que alugamos meses depois que completamos seis anos de namoro.

...

— Kelly! Kelly! Acorda! – Léo e Beto estão me olhando assustados. Léo está com o celular apontado para meu rosto, ferindo minha retina com a claridade da lanterna.

— Ela acordou! – Beto exclama sorrindo enquanto empurro a mão do Léo com o celular para longe.

— O que houve? – pergunto desconcertada.

— Não sei, eu estava contando como foi à última festa surpresa do Benicio. – O filho mais velho do Beto, relembro, como quem precisa ser puxada para a realidade —, e você começou a respirar com dificuldade, puxando bem lá do fundo e com pouco tempo desmaiou, por sorte consegui segurar sua cabeça antes de tocar o chão!

Está tão escuro aqui, tão abafado, e quieto. Não ouço nada além de nossas respirações e, do nada, ouço um barulho da garrafa de plástico sendo retorcida pelas mãos do Léo, que tenta abri-la sem soltar o celular iluminando apenas o lugar em que seu foco é lançado. Em seguida, ele estende as mãos e me entrega a garrafa de água que, obvio, está com as marcas de suas mãos sujas. Ignoro esse fato, até porque todos nós estamos bem sujos e minha blusa se rasgou no braço. Eu não tenho a melhor das aparências no momento!

Sorrio o agradecendo pela água e Beto se mobiliza para ajeitar minha cabeça em seu colo. Léo lança o foco da luz em meu rosto para implicar comigo e sorrimos um ao outro. Sinto algo diferente quando nos comunicamos, até mesmo quando ele me olha assim, desse jeitinho que está me olhando agora. Eu não o conheço, mas parece um olhar de afeto, tão aconchegante. Seu rosto tem uma expressão fofa de um cara grande forte, contudo sensível e frágil, talvez por isso escolheu essa profissão... Ele é amável, e a empatia está nos brilhos desses olhos verdes. Dá pra ver.

Às vezes me pego o encarando, analisando o homem lindo que é, mais alto que eu, provavelmente próximo de dois metros de altura. Seus olhos pequenos me encantam, e sem esforço nenhum ele acende em mim um desejo diferente. Uma chama. Talvez seja sua boca também pequena que parece pedir por um beijo...

— Está se sentindo melhor? – Beto atrai minha atenção com sua pergunta repentina, na verdade eu quem estava desligada concentrada em outra pessoa e isso o irrita. Sempre irritou!

— Estou sim, obrigada!

Mesmo irritado por minha atitude com o bombeiro, Beto está cuidando de mim, gosto disso nele. Mas nunca me engano. Somos amigos. Se passarmos disso nunca mais daremos certo! Gosto dele assim, sendo meu amigo, meu protetor.

Estamos em silêncio, Beto e Léo mal se olham, eles estão sentados cada um de um lado do meu corpo que está esticado ao chão. Minha cabeça está apoiada as pernas de Beto, que insiste em transferir sua ansiedade para meus cabelos loiros e lisos que imagino agora terem cor de poeira e espessura de papel de tão sujo. Elevo meus olhos para o rosto de Beto, que está com os seus olhos fixados em outro lado dessa espécie de caverna, e o olhando me lembro de nós dois. E sem mais nem menos resolvo quebrar o silêncio:

— Nos conhecemos na faculdade, lembra, Beto? E logo na primeira semana me chamou para sair, eu ri da sua confiança e sua ousadia, por sermos da mesma turma de medicina e por ter o rosto cheio de espinhas, contudo, eu aceitei. Saímos todos os dias durante quinze dias, cada dia um lugar diferente. Beto tinha um humor peculiar, e uma energia indescritível. – Ele me olhou amável — Mas quando o assunto era estudar, ele conseguia

se esquivar bem, tanto que desistiu da faculdade logo quando completamos um mês de namoro!

Beto me olha feio, mas não me importo e continuo:

— Namoramos por mais seis meses e eu acabei desistindo da faculdade porque não me achava apta para salvar a vida de ninguém. Eu estava vivendo um drama familiar onde meus pais, que estavam separados desde os meus seis anos, estavam cogitando uma briga por minha guarda na justiça. O fato era que eu poderia escolher com quem ficar e claro, eu escolheria minha mãe que me criou sozinha desde sempre, porque mesmo quando casada, o meu pai nunca parava em casa e nunca foi presente. Mas eu precisava ser madura e escolher meu pai, porque caso contrário, ele não pagaria o aluguel e a pensão que ele me dava para cuidar da casa seria cortada também.

— O fato é que o pai dela se arrependeu de ter sido tão ausente, por isso da pensão e o aluguel – Beto se intromete, e eu continuo:

— Eram só números, mas minha mãe ganhava pouco como camareira no hotel, mal dava para bancar a comida. Eu ajudava a mãe de uma amiga em um salão de beleza e o dinheiro que também era pouco, mal dava para a Xerox que a faculdade pedia. Além de não estar apta para salvar alguém, eu não teria dinheiro para bancar a mensalidade por muito tempo. A economia que minha mãe fez com a pensão que recebia estava prestes a acabar.

— *Faremos do meu jeito, eu venho morar com você, mas o aluguel e a pensão que manda para minha mãe têm que ser paga sem atrasos! Eu a visitarei quando quiser. E quero fazer um curso técnico, mas não tenho grana para bancar – disse ao Vitor, que queria ser chamado de pai.*

— *Por que não volta para a faculdade, Kelly? – indagou.*

— *Porque não quero passar a vida estudando e depois sofrer em busca de uma boa vaga de emprego. E conseguir uma para trabalhar para um governo que nunca paga em dia, e ainda ter que fazer hora extra de graça porque não suportarei ver as pessoas passando a noite em um hospital público, aguardando atendimento por falta de médicos.*

— Me lembro bem do sorriso encabulado dele ao me ouvir dizer essas palavras. Ele me disse que eu já tinha um coração e a alma para medicina. Mas que por medo de ser chefiada por ele em um dos hospitais

públicos, eu preferia desistir. Não discordei, nem mesmo confirmei! Vitor era cirurgião chefe em um dos maiores hospitais públicos dessa cidade e sempre dizia que eu devia seguir seus passos...

Paro de falar, pois Léo não diz nada a um tempo, apenas movimenta a lanterna em várias direções no escuro, e nos olhou apenas duas vezes enquanto eu contava minha história, ele está travado na mesma posição desde que me entregou a garrafa de água: Com as pernas flexionadas na altura do peito e com os braços esticados sobre os joelhos.

Acho estranha sua atitude e meu esforço para sentar-me, ele não disse nada, não se moveu e nem mesmo reagiu a nada, então, vagorosamente pego em sua mão tomando a lanterna. Nesse momento eu o desperto, ele intercala o olhar entre mim e Beto, que também parece preocupado com sua atitude. Seus olhos estão vermelhos, e não parece ser irritação da poeira, seu buço está suado, e suas mãos estão um pouco trêmulas.

— Está tudo bem Léo? – perguntei

— Minha melhor amiga, Jessica, não fala comigo há três meses porque matei a irmã dela! – Léo solta as palavras de uma só vez fazendo com meus olhos quase saltem para fora com a informação.

Capítulo 8

Beto

Eu sabia que tinha alguma coisa errada com esse cara, eu sempre o via aqui no prédio com uma das novas funcionárias, e ouvia alguns comentários de que ele era bombeiro, mas sempre duvidei!

— Do que está falando, cara? – pergunto irritado e segurando o braço de Kelly que ainda está imóvel ao seu lado.

— Eu... – Léo hesita e eu fico ainda mais preocupado.

— Você...? Termine de contar, Léo! – Kelly o pressiona.

— Na noite da condecoração no quartel, fiquei sozinho uma boa parte do tempo. Meus amigos do batalhão estavam comigo, claro, mas Jessica desfilava de um lado para o outro curtindo a festa, aproveitando a visão deslumbrante da Bia, e se divertindo com os olhares dos homens que lhe cortejavam e acabei não tendo muita companhia.

— Pode ir direto para parte que você mata a irmã dela? – irrito-me e ganho um tapa forte na perna em forma de repressão, dado por Kelly, que pelo visto já vai acreditar na mentira dele, seja ela qual for. — O que foi? Subitamente ele diz que matou a irmã da melhor amiga e agora eu tenho que escutar toda história desde o início? Não mesmo!

Léo me olha furioso e ele passa a mão suja no rosto para limpar a lagrima que caiu do seu olho direito.

— Não ligo, temos tempo de sobra! Ou você está indo a algum lugar? – Kelly me encara, dizendo com o olhar que eu deveria ouvi-lo. Ela cedeu! *Eu sabia*. Reviro os olhos e ele continua:

— Então, durante a festa eu vi sua irmã, Jane. Mas desde que a conheci sempre a chamamos de Candy, por ser muito doce... Ela sempre foi doce... – repete saudosamente. — Mal a reconheci, eu não a via desde que se mudou para Paris, para onde foi com a mãe quando tinha dezesseis anos. E agora com vinte e dois estava uma mulher maravilhosa, e quando ela veio falar comigo eu simplesmente não pensava em outra coisa que não beijá-la... Enfim, depois de certo tempo naquela noite ficamos juntos; escondidos, porque eu não sabia qual seria a reação da Jessica a respeito disso, nunca

falamos sobre ficarmos com parentes um do outro. Jessica me enviou uma mensagem dizendo que estava de saída, ela havia recebido uma mensagem de uma de “suas garotas”. – Arregalo os olhos e Léo nota — É, é assim que eu as chamo, Jessica mantém um harém, não termina com nenhuma delas e vez ou outra as garotas a procura, e ela vai correndo.

— Gostei dessa Jessica! – disse sorrindo, e irritei Kelly com meu comentário, que me encarou feio. Muito feio!

— Continua Léo! – Ela lança o foco da luz em meu rosto para me provocar.

— E quando achamos que Jessica já tinha ido embora resolvemos ir também, mas ela nos viu descendo as escadas juntos e logo percebeu o que tinha acontecido, e como estava com pressa não parou para brigar, mas me encarou com seu olhar de: “conversaremos sobre isso depois” e me mandou levar sua irmã para casa, “já que eu havia a contaminado com minha saliva acida” É como ela chama meu beijo.

Ele sorri saudoso enquanto conta e, de certa forma, eu sinto sua dor, a saudade que ele sente dessa amiga parece estar lhe corroendo, mesmo não demonstrando muito, *mas ninguém mandou matar a irmã da garota!*

— Estávamos saindo rumo à minha casa. Decidimos juntos que ela precisava ver minhas medalhas de honra que ganhei desde que se mudou. Assim que entramos no carro ela ligou o rádio, conectou o Bluetooth do celular e colocou *Dreamstate*, de *Stonefox*, o qual só descobriu o nome depois, porque ela não saiu da minha cabeça durante semanas.

— Nunca ouvi falar – Kelly interage

— Era coisa dela, gostava de ler, sempre gostou e ela se apaixonou por um livro que comprou pela internet um livro nacional, e por estar em Paris há tanto tempo ela dizia que ao ler se sentia em casa, pelo simples fato de estar lendo uma autora Brasileira. No livro a protagonista adorava música internacional e ela começou a ouvir as que eram citadas nele e viciou também.

— Cara! Você ainda não contou como matou a mocinha... – o interrompo fadigado com tantos detalhes.

Ele me olha nos olhos, e deles escorrem lágrimas que lavam seu rosto, mas rapidamente eles as seca com a palma de suas mãos. Mesmo eu assumindo ser tão insensível, meu coração amoleceu.

— Desculpe... Eu não consigo resumir essa história, eu nunca conversei sobre isso com ninguém. Desde que aconteceu, há três meses, eu estou sozinho em casa. Na verdade, aluguei um quarto de hotel sem avisar ninguém, me escondi lá por três longos meses e não vi e nem conversei com ninguém. A única pessoa para quem eu queria contar não queria mesmo me ouvir. E agora eu senti vontade pela primeira vez de contar nossa história... Sua morte não foi premeditada. Foi um acidente. Por minha culpa.

Meu coração apertou. Mas só um pouco, em pensar que ele ficou todo esse tempo entalado com a tal história. Então permiti que ele a contasse sem que eu o interrompesse com minha fúria e meus julgamentos.

Capítulo 9

Beto

— Então vocês tiveram uma história? – pergunto.

— Sim! Ficamos juntos por três meses desde aquela noite, Jessica nunca perdeu uma oportunidade de me ameaçar para não magoar sua irmã, apesar de que, na verdade, ela era mais “garanhona” que eu. Ela não se apega, nunca se apegou. Mas, eu e Candy éramos tão unidos, e eu sentia algo por ela que nunca senti com ninguém! Eu queria que o tempo passasse rápido para que nós dois já estivéssemos com certo tempo juntos e eu a pedisse logo para se casar comigo... só para não sair nunca mais do seu lado. Eu estava irreconhecível... Como ela era secretária de um dos maiores em outra cidade, as vezes ela ficava por lá e só voltava no final de semana. Pobre Jessica, era obrigada a me socorrer e me ouvir nesses dias.

— A bendita da distância acaba com tudo! – Kelly reclama abaixando a cabeça e junto suas mãos que levam o celular para o chão, nos deixando sem iluminação.

— E a iluminação também acaba com a escuridão... Dê-me aqui esse celular antes que o quebre.

Eu digo, pegando o celular de sua mão e fazendo com que ela sorrisse e se ajeitasse em meu peito para ouvir a história que o Léo contava. Adoro ter Kelly por perto e, mesmo sendo perigoso para ela, fico grato que ela esteja comigo nesse buraco, porque eu não saberia passar por minhas crises sem ela por aqui, afinal, ela é minha melhor amiga, desde que a conheci na faculdade.

— Sim, a distância atrapalha... e em uma das poucas vezes que ela veio dormir comigo, fomos a um restaurante novo que todos diziam ser ótimo para um almoço no domingo, e enquanto estávamos a caminho, ela tentava me convencer que suas músicas internacionais pop eram perfeitas para o momento, “*um conversível combina com essas músicas, seu chato*” ela dizia. Aluguei aquele conversível só para agradá-la, para ver aquele sorriso enquanto sentia o vento cortar seu rosto e bagunçar seu cabelo longo e cacheado.

Léo sorria saudoso de sua querida Candy.

— Enquanto discutíamos sobre as músicas, chegamos rápido ao restaurante na beira de um lindo lago. Porém, ela precisava de uns sapatos mais confortáveis. Então, fomos às lojas próximas, e no caminho... eu implicava com ela a respeito das músicas ruins que ela havia aprendido a gostar, ela se defendia, é claro. Tão fofa e engraçada, adorava brincar. — As lágrimas não pararam de escorrer pelo rosto dele desde que começou a contar a história, o cara estava chorando mesmo! — Então eu... — ele tomou folego — tentei pegá-la no colo. Eu só queria tê-la em meus braços. Rodá-la como nos filmes bestas que Jessica me obrigava a assistir com ela. Candy era romântica, coração puro, era inocente, e eu sabia que essas atitudes a deixava cheia de amor. Eu era um tolo, fazia de tudo para vê-la feliz.

— Isso se chama amor!

O interrompi, e ele deu um meio sorriso, mas bem rápido, e segurou os olhos com força com as pontas dos dedos, como se de alguma forma tentasse interromper as lágrimas, que pelo visto não iam parar tão cedo. Kelly se desgrudou de mim e foi até ele, acariciando sua cabeça na intenção de acalmá-lo. Eu não consigo fingir que não tenho ciúmes dela, principalmente com ele, mas me controlei dessa vez, pois, de alguma forma, isso o acalmou.

— Se não quiser, não precisa terminar! — Kelly sugere acariciando seu braço.

Ele funga o nariz, seca os olhos e diz:

— Não, eu quero terminar!

— Ok — Kelly diz, continuando o gesto.

— Então, quando tentei pegá-la no colo, ela correu de mim pela calçada e, sem olhar para os lados, atravessou a rua... Ela... Ela não viu por que estava olhando para o idiota correndo atrás dela — suspira fundo para pegar o ar e conseguir continuar. — Uma carreta não conseguiu frear a tempo, batendo nela — soltou todo o peso de uma vez.

Kelly tapa a boca imediatamente, se assustando, e permanece assim enquanto ele termina de contar.

— Entrei em pânico quando a vi seu corpo desfalecido naquele asfalto quente, e as pessoas se acumularam em nossa volta rapidamente, algumas tentavam me impedir de mexer nela até que o socorro chegasse, e foi quando eu vi o motorista do caminhão descer desesperado. Coitado, na

hora eu estava tão cego de raiva que avancei nele e lhe dei um soco certo no rosto, como se fosse culpa dele. Algumas pessoas me seguraram e foi quando ele disse: *“A culpa não foi minha, ela veio correndo e atravessou olhando para trás, ela nem ao menos olhou para os lados”*.

Ele fez silêncio, não chorou, não bufou, acho que nem mesmo respirou. Apenas repetia olhando fixamente o outro lado na escuridão:

— Se eu não a tivesse feito correr, ela não teria atravessado sem olhar para os lados. Então, estaria aqui, com suas mãos entrelaçadas em meu braço, ela estaria viva, feliz... e minha melhor amiga estaria falando comigo.

Léo repetiu isso umas três vezes. Até que ele parece ter tido um estalo ou recebido uma resposta.

— Mas... Agora ela quem estaria preocupada comigo, chorando sofrendo... Sem notícias... ela estaria sozinha, porque sua irmã também sumiu no meio dessa confusão... tudo tem um propósito! Não é? — Ele pergunta a nós, empolgado e sorrindo de um jeito estranho. — Ela sofreria, se ela estivesse viva e eu não saísse daqui ela quem sofreria o que eu sofri quando a perdi. Agora eu entendo! Era melhor que eu sofresse. Mesmo demorando, eu resolvi seguir em frente, e a conhecendo bem, ela não suportaria nos perder!

Léo sorri, parece aliviado. Leve e animado novamente. Como ainda não vimos desde que estamos aqui. É estranho o modo como ele sorri. Me lembra o gato da cartola, do livro Alice do país das maravilhas que leio para minha filha.

— Precisamos achar uma saída! Vou achar minha amiga custe o que custar! Não vou perder mais ninguém! — exclama se abaixando ao lado de Kelly para tirar algumas pedras do chão. Como um cão fareja seu osso enterrado no quintal, foi assim que Leo fez parecer quando começou a cavar o chão, tirando as pedras soltas ao redor dessa rocha que nos separa do restante do saguão.

— O que está fazendo? — pergunto assustado e preocupado. E Kelly ainda está calada.

— Ilumine aqui, Beto! Vamos chegar a esse estacionamento que você disse estar abaixo de nós, vamos achar Jessica e nos tirar daqui vivos! — responde sorrindo e levanta-se empolgado — Vamos lá pessoal, vamos escavar em volta dessa pedra! — Léo sorri animado enquanto limpa o rosto

com a gola de sua camisa. Talvez, tudo que ele precisava era contar toda a tal história em voz alta para alguém que não estivesse pagando para ouvi-lo! E por mais estranho que parecesse aquela dedução de que ele precisava sofrer no lugar da namorada, não era eu quem ia dizer ao Léo como ficou estranho ele preferir que ela morresse em vez dele!

Capítulo 10

Jessica

Meu telefone tocou dentro da minha clutch preta em formato de maleta, a mesma que namorei por semanas no shopping, e que meu amigo fez questão de comprar para usá-la como objeto de suborno quando veio me convidar para ir com ele em mais um desses eventos da sua corporação. O telefone não parava de vibrar espaçadamente, foi quando notei que havia deixado meus dados moveis ligado e as mensagens no aplicativo não paravam de chegar.

“Que tal vir pra minha casa agora?” Márcia enviou uma mensagem acompanhada com um emoji, me fazendo deduzir suas segundas intenções.

“Agora não posso, estou em um evento com Léo” Respondi sem prestar atenção na tela enquanto olhava em volta, procurando aquela mulher linda que trabalha com meu amigo.

“ Ele está rodeado de bombeiros, está bem acompanhado. E você em breve estará melhor que ele”

Márcia era sexy e, quando queria, conseguia me enlouquecer com apenas uma mensagem. Como dessa vez em que enviou uma mensagem e uma foto anexada a ela. Suas pernas abertas sobre a cama, e o reflexo do espelho à frente chamou minha atenção para a cena que refletia.

“Espere. Vou procurá-lo para avisar” disse empolgada e levemente excitada com a cena que acabara de ver na tela do meu telefone.

Liguei para Léo, já que não o encontrei com facilidade, e o disse que iria embora. Eu também precisava encontrar minha irmã já que quase não a vi desde o início do evento. Devo tê-la perdido de vista enquanto eu secava a ruiva linda. Andei pelo salão rapidamente olhando feito louca por todos os cantos para encontrar minha irmã e lhe dizer que poderia ir para casa de taxi, pois eu chegaria tarde. Foi quando ouvi sua voz vinda de algum lugar não tão longe de mim

— Jane! – afirmei para ninguém ouvir e comecei a caminhar em direção contrária a escada, imaginando que ela estava no bar mais à frente. Então, ouvi um homem tossindo atrás de mim e o som soava familiar.

— Léo? – questioneei a solidão. Fiquei espantada quando notei que a voz da minha irmã e o som da tosse do Léo vinham do mesmo lugar. Me virei bruscamente e precisei manter a pose para que ninguém percebesse o quanto eu estava supressa. Léo estava com seu braço transpassado a redor do pescoço da Jane e eles se distanciaram imediatamente quando me viram.

Nunca disse a verdade a ele, mas era preocupante vê-lo com minha irmã caçula. Léo é uma pessoa incrível. Mas nunca se apaixonou por ninguém porque nunca gostou de compromissos. Porém, também não posso negar, ele ficava irreconhecível perto da minha irmã.

— Se não fosse tão assustador eu queria pedi-la em casamento hoje! – Léo me dizia por telefone, em uma das diversas noites que ele me ligava para falar na namorada.

— Eu não preciso responder, não é? Isso aí foi uma forma de expressão... Certo? – me assustei.

— Não! Eu falo sério! Quero me casar com sua irmã, Jessica, nunca senti nada assim antes. Ela me completa de uma forma que nem mesmo seus filmes melodramáticos são capazes de retratar. – Revirei os olhos e ele já sabia. Porque me conhecia como conhece a palma de sua mão.

— Para de revirar os olhos! Eu sei que está entediada com tanto amor! Mas... Eu a amo, Jessica. E relaxa, ainda não vou dizer nada a ela!

Ele não poderia, se ele contasse a minha irmã que ele está precipitadamente apaixonado, ela fugiria para longe. Até eu fugiria!

Léo estava intensamente feliz, estava radiante como nunca. Eu ficava feliz por ele. Afinal, como é citado no meu filme preferido: “Regra 18, sempre fiquei feliz pelo seu amigo”

...

— Eu sei que dói querida, mas precisamos continuar a caminhar... Não faz isso, Jeh... Amiga, reaja, vamos andar! – Minha colega de trabalho está ao meu lado, segurando minha mão enquanto olho em transe para o outro lado desse estacionamento, cheio de carros destruídos.

— Eu não consigo parar de pensar no Léo! Ele estava...

Ela me interrompeu, impaciente:

— É, droga! Eu sei, ele estava lá em cima na portaria e você se recusou recebê-lo. Sei. Vocês não se falam há três meses! Amiga, você está

contando a mesma história desde que conseguimos sair daquele carro.

Simone está segurando minha mão desde o último tremor que surgiu. Ainda estou assustada, em choque, simplesmente me sinto travada e não consigo sair do lugar. Ela segura minha mão com certa força, e tenta me distrair na tentativa de que eu me mova. Mas está impossível! Não quebrei nada. Já verificamos! Mas, é como se o susto tivesse ativado algo em mim, que desligou meus sensores por completo. Estou com medo, apavorada e temo não encontrar meu melhor amigo outra vez.

— Eu sinto falta dele! Nunca o disse isso, sempre que me liga ou manda mensagem faço questão de lhe dizer o quanto o repudio. Como eu fui infantil!

— Não é infantilidade. Você ainda está de luto e não consegue perdoá-lo. Está no seu direito! Mas, agora, precisa respirar fundo e focar em encontrá-lo. Se ficar deitada aqui vai morrer, e ele não vai gostar nada de saber que perdeu a melhor amiga porque ela se recusou a lutar pela própria vida!

Simone está certa, tenho que reagir e sair daqui. Tem tantas pedras amontoadas por cima dos carros, que chega a dar medo!

— É isso aí! Preciso me levantar e ter fé que ele está bem! – digo, enquanto me apoio nas mãos da minha amiga para me levantar.

— Isso! E além do mais, ele é um bombeiro, sabe se virar muito bem – Simone rebate e eu a repreendo.

— Não. Não. Não! Nunca diga isso a ele. Quando o conhecê-lo verá como é humano, ele detesta contar para um desconhecido sua profissão, porque as pessoas logo o confundem com um super-herói. Ele é só um homem comum, de carne e osso, que se fere, se queima e se magoa como todos nós! Ele detesta que as pessoas esqueçam que ele também precisa ser resgatado as vezes!

Simone sorri sem graça enquanto iniciamos nossa lenta caminhada por esse lugar aterrorizante.

— Bom, é que ele sabe o que fazer numa situação como essa. Foi o que eu quis dizer – se explica

Sorri enquanto me lembrava do meu melhor amigo.

— O conheci numa chamada de incêndio durante uma reunião da turma. Estávamos preparando os detalhes para nossa formatura que seria dali dois sábados, e ainda não descobri como, mas João Paulo acionou o

alarme de incêndio. Alguns dizem que ele surtou por medo de não receber seu certificado. Mas isso não faz o menor sentido. Enfim... Os bombeiros chegaram bem rápido, e Léo era quem comandava a operação, esvaziando cada sala do prédio com tanta precisão que só ele poderia me ver, no canto da sala, completamente apavorada, como sempre. Eu estava com medo de sair da sala e encontrar enormes chamas nos corredores. Léo atravessou a sala tão paciente, dizendo que eu não deveria temer...

— *Não há nada, foi um alarme falso.*

— *Então por que estão esvaziando o prédio?*

— *Porque é melhor prevenir do que remediar.*

Eu ri.

— *Minha mãe sempre dizia isso – recordei imediatamente.*

— *E ela já errou alguma vez? – Ele sorriu, me deixando confortável.*

— Neguei com a cabeça e segurei em sua mão. Ele não a soltou até que saímos do prédio. Ele me acomodou sentada em uma calçada junto com o restante da turma. No outro dia, morrendo de vergonha, fui até o batalhão para me desculpar e agradecer a ele pela paciência. Ele tinha um olhar tão carinhoso, e por impulso me ofereci para pagar o almoço daquele dia. Almoçamos trocamos telefones, e depois de três dias investindo incansavelmente, eu lhe contei minha escolha sexual fazendo-o desistir. No quarto dia depois disso, ele simplesmente não apareceu.

Vejo Simone sorrindo e bem interessada na história.

— Ele não ligou mais? – Ela perguntou.

— Não, no quarto dia ele não me ligou, nem mesmo me enviou uma mensagem. Eu também não disse nada. Pois quando fui até ele no quartel, eu queria mesmo era agradecê-lo pela paciência, por todo cuidado. Nada mais... mesmo notando como ele era bonito, não me atraiu! – Tirei o telefone do bolso e mostrei a ela a foto do Léo.

— Seu negócio é mulher mesmo hein! Eu cairia matando. Talvez eu fingiria um desmaio para ganhar uma respiração boca a boca dele!

Sorrimos como se estivemos bem, e não naquele buraco escuro iluminado pelas luzes de emergências.

— Sim! Eu realmente sempre gostei de mulheres. Mas aí... no quinto dia, ele apareceu. Deixou uma mensagem na caixa postal.

— Caixa postal? Quem ouve as mensagens da caixa postal? — Simone zombou.

— Tenho essa mania, detesto atender ligações, e às vezes não as atendo mesmo porque não quero, e em seguida envio uma mensagem como se ela tivesse sido enviada automaticamente,

“Deixe uma mensagem na caixa postal, me faça feliz. Eu amo ouvi-las. Eu retornarei se achar importante.”

Simone sorri desacreditada enquanto eu imito a frase personalizada da minha caixa postal.

— E ele deixou mesmo?

— Sim, ouça! — A entreguei o aparelho e fiquei atenda a voz no áudio gravado.

“Sou eu, Léo... o bombeiro do outro dia... ah que idiota! Você sabe quem sou eu! Ok, eu não sou bom com palavras, mas pediu para te fazer feliz, e eu quero que me faça também. Já que não gosta de homens, eu pensei que pudéssemos ser amigos, uma dupla de caçadores de mulheres gatas. Eu prometo que não vou trapacear e roubar a mais bonita! — Léo sorri na mensagem e eu sorrio feito boba ao ouvi-lo — Bom, o tempo está acabando, então... me liga! Droga! Que mensagem horrível... Ah! Vamos ser amigos?”

Enquanto eu chorava ouvindo o som da sua voz mais uma vez e lembrando que essa foi a única mensagem que não apaguei em todos esses anos, Simone sorria ao ouvir a mensagem bagunçada que ele deixou em meu celular há mais de cinco anos.

Capítulo 11

Joana

— Qual a contagem?

— Vinte pessoas com ferimentos leves. Dois homens em cirurgia, oito mortes confirmadas aguardando reconhecimento dos corpos e vinte pessoas desaparecidas. Léo continua entre os desaparecidos, comandante!

— É melhor do que entre os mortos! – O novato se mete em minha conversa com o paramédico, e eu o olho sem entender de onde surgiu com esse comentário.

— Melhor seria se ele não estivesse em meio aos escombros, novato! – respondo irritada, o encarando seriamente até que perceba o erro cometido e se afastar.

Léo não está tendo um bom ano, ele tentou abandonar o trabalho quando perdeu a namorada, e se isolou em um hotel barato em uma cidade distante e rejeitando nossas ligações. Depois do acidente, ele perdeu a melhor amiga que o culpou pela morte da irmã. E quando ele finalmente voltou à cidade, foi direto a minha sala pedindo um tempo, dizendo que procuraria ajuda e voltaria ao trabalho quando estivesse pronto. O progresso foi rápido, era como se alguém tivesse lhe sacudido e lhe trazido de volta a realidade! E quando ele finalmente foi liberado para o trabalho, isso o acontece...

— Você é a Joana? – Uma senhora afoita me aborda enquanto caminho em direção aos escombros.

— Sim, por que a pergunta?

— Sou Joyce, tia da Kelly, vocês me ligaram contando que ela está ali dentro. – Ela corta o que dizia e dá lugar ao choro — Ela está viva? Por favor, diz que sim!

Estendi minha mão para tirá-la da área de segurança. Assim que ela atravessou a fita de contenção, ela se agarrou a mim com muito desespero e a levei para nossa tenda de suporte.

— Eu demorei, mas não consegui chegar a tempo, eu não estava... Eu não moro no país e só consegui um voo para hoje cedo. E aluguei um carro no aeroporto e vim direto para cá.

Ela desabou em um choro incessante, parecendo, de alguma forma, arrependida. Estava ofegante, e mal pausava para respirar.

— Senhora, se acalme, não há problema no tempo que demorou, o que importa é que chegou! Fizemos como o pai dela nos pediu, não informei sobre ele apenas sobre a senhora.

Estalo os dedos três vezes seguidas acima de seus ombros, pedindo que uma das voluntárias trouxesse água. Enquanto ela tentava não entornar todo o líquido do copo descartável com sua tremedeira, eu pensava na melhor forma de dizer que perdemos o contato com sua sobrinha.

— Chefe! Encontramos uma entrada! – Encaro o Jeferson que invade a nossa tenda, ele está completamente eufórico, o que me deixa furiosa pelo seu despreparo em anunciar uma expectativa a tia de Kelly.

— Senhora Joyce, me espere aqui. Se acomode. Tome um café, nossa voluntária Vanessa irá te levar até o local que montamos para os parentes dos envolvidos... Fique à vontade, eu volto logo para falar com a senhora.

— Então vocês vão tirar minha sobrinha de lá? – pergunta esperançosa.

— Ainda não posso dizer com certeza. Mas estamos trabalhando para isso.

— Mas ele disse que encontram uma entrada! É só entrar e buscá-la. Qual é o problema nisso?

Eu precisei me conter e deixar meu lado militar de lado para explicá-la com clareza.

— Sabemos do desespero de vocês, e estamos mesmo trabalhando duro dia e noite para que possamos encontrar sua sobrinha! O que o cadete me informou é uma possibilidade, mas ainda não a vi, não sei se é seguro. Veja: – pego um pincel atômico que estava sobre uma mesa ao nosso lado e começo a desenhar a possibilidade do momento — esses são os escombros, milhares e milhares de pedras e ferros de todos os tamanhos e pesos. Aqui está um pilar muito forte que imaginamos que tem sustentado todos esses estilhaços, impedindo-os de cair sobre o fundo do prédio que é onde sua sobrinha estava quando nos falamos pela última vez. E aqui estaria uma possibilidade remota de entrarmos. Mas e se cavarmos e atingirmos a estrutura desse pilar...

Arregalo meus olhos e olho nos dela que estão cheios de emoção e continuo, demonstrando um desabamento sobre os sobreviventes

— E então, o que era para ser um resgate de pelo menos cinco vidas, se torna uma chacina, digamos assim. Então... Eu preciso analisar e pensar bem se é mesmo uma boa ideia. Entende agora por que demoramos tanto em um resgate?

Ela continua espantada e emocionada. Apenas confirma com a cabeça.

— Quanto despreparo, cadete! – Disse ao Jefferson quando o levei para fora da tenda.

— Perdão Comandante, eu fiquei tão empolgado que me esqueci das regras!

— Estamos todos preocupados e querendo salvar a todos, inclusive um dos nossos, mas não se esqueça de que dar uma notícia dessa perto de um familiar da vítima pode nos comprometer!

— Sim, senhora!

Assim que analisamos com mais cautela vimos que realmente era impossível avançar por aquele espaço. Comprometeria toda estrutura, podendo matar até mesmo os que estão indo a regate!

— Negativo! Essa estrutura não suportará uma escavação... –digo a equipe que aguarda por uma decisão.

Paro para pensar e fico empolgada com uma possibilidade de conseguir adentrar esses escombros malditos.

— Na verdade, podemos fazer manual! Será uma longa jornada, mas dará certo, apenas um de nós ficará responsável por retirar pedra por pedra, faremos uma fila pra descartar toda e qualquer rejeição desses escombros nessa direção. Danilo, você retira uma pedra por vez e passa a diante. Deixem a população ajudar, homens e mulheres! Vamos dar um fim nessas buscas, ainda temos vinte pessoas desaparecidas! Estamos no terceiro dia e não quero mais vítimas fatais!

Enquanto dito as regras, minha equipe se mobiliza, uma parte fica e inicia a formação, outros vão até a multidão de curiosos e liberam a entrada de voluntários que aumenta com rapidez.

— Posso ajudar. – Ouço a voz e logo me viro, e sou surpreendida por Joyce, a tia de Kelly, que estava em total remeço por ter demorado três dias para chegar ao local do acidente.

— Não há necessidade, senhora, precisa descansar, teve um longo vôo e...

— Por favor, é o único jeito de me sentir melhor, o pai dela teve que ser internado quando soube da notícia, ele não conseguiria lidar com uma notícia de que a perdemos, e eu demorei tanto para chegar que me sinto culpada.

Seus olhos estão em chamas e seria difícil contê-la.

— Ok! Nossa formação não terá tempo para parar, até que façamos o revezamento de pessoal, então, a senhora está responsável por mobilizar os voluntários e hidratar o pessoal na fila.

— Ótimo!

Nunca vi olhos brilharem tanto por trabalho!

Capítulo 12

Kelly

Enquanto retiramos essas pedras em volta dessa rocha enorme, há um grande silêncio, exceto pela tosse estranha do Léo. Provavelmente, ocasionada pela queda anterior. O silêncio me fez lembrar em como fui tola com Cleiton. Mesmo assim, penso que não gostaria de morrer sem falar com ele! Minha mente me traí, e traz à lembrança de nossos momentos juntos. Os momentos em que ele chegava de mansinho enquanto eu estava distraída na cozinha, me abraçava forte e me levava para a sala. Ainda consigo sentir sua boca cobrindo meu corpo de beijos. A recordação da sua mania de me pedir para que lhe fizesse companhia no banheiro, às vezes apenas para ficar junto com ele do lado de fora do box!

Cleiton chegou de repente, no pior momento da minha vida e saiu dela me deixando no mesmo estado!

Perdi minha mãe enquanto eu estudava até tarde para meu curso, na casa de uma das colegas da minha turma. Meu pai me ligou avisando que havia recebido uma ligação dela pedindo para que fosse ajudá-la, mas não consegui chegar a tempo. Ainda o culpo por negligência. Não há motivos, eu sei. Mas meu subconsciente procura alguém para culpar e é mais fácil odiá-lo por isso! Mas meu remorso maior é por ele não ter dado a minha mãe uma vida digna, nem mesmo tranquilidade para viver. Abusou do "lado mãe" dela enquanto pôde, nos deixando sozinha todos os dias enquanto ele trabalhava até tarde naquele hospital. Tudo isso para conseguir o cargo de chefe da cirurgia.

Minha mãe havia passado na garagem de Cleiton meses antes de falecer e encomendou uma mesa de pinus, daquela cor clarinha que eu adoro, madeira leve e de baixo custo também. Eu entendo um pouco sobre moveis, na verdade eu entendo um pouco sobre a modinha de: "faça você mesma".

— Cleiton levou a mesa em minha casa e quando me contou que era um presente da minha mãe, eu chorei no ombro dele como se ele fosse um conhecido! – Eu disse alto parando um pouco na escavação e deixando Beto e Léo sem entender o que eu estava falando.

— Desculpa o que você disse? – Léo perguntou curioso e Beto entortou o canto da boca se lembrando do assunto e eu percebi que não queria contar nada, apenas pensei alto.

— O babaca que a abandonou na porta da igreja na mesma semana que ela perdeu seu Coren, que lhe dava direito para exercer enfermagem – Beto responde por mim já que me calei e tentei fingir que o assunto não era sobre mim.

— Você pode desabafar se quiser, eu fiz isso, e te digo com toda certeza, ajuda muito! Estou tão leve que pareço ter perdido dez quilos. – Léo sorri enquanto tenta me encorajar, mas sou salva por uma fresta.

— Conseguimos! A garagem está mesmo aqui! – sorrio escandalosamente quando vejo que a pedra retirada me revela um carro vermelho completamente destruído abaixo de nós.

Eles se apressaram em olhar comigo pela fresta que ainda é pequena, e iniciamos uma força tarefa mais ágil para abrimos mais espaço para ultrapassarmos. Mas Léo insiste no assunto, porém com Beto:

— Mas ela pediu pra esse Cleiton vir junto com a tia – tenta cochichar.

— É uma longa história. Só tem que saber que ele não vem! – Beto cochicha de volta, irritado.

Eu reviro os olhos e continuo meu trabalho, arrependida de ter aberto minha boca.

— Mas ela está em perigo, talvez ele venha sim!

— Você não conhece a história Léo. Shiu! – Beto o repreende.

— Ah! É que ela...

— Eu o que? Chega! Estava pensando nisso e acabei abrindo a boca! Não quero mais falar nisso! – gritei, um pouco histérica, porém, em seguida, respirei fundo e me recompus. — Por favor! – suspirei.

— Me desculpe – Léo diz, arrependido.

Continuo a tirar as pedras do lugar e logo um espaço se abre do tamanho que precisamos.

— Há claridade no estacionamento. Não tanto, mas com certeza está mais iluminado do que aqui – digo observando mais um pouco o espaço abaixo de nós

— Luzes de emergência. Uns são a pilha e algumas á bateria. Em breve vão descarregar! – Beto exala pessimismo.

— Qual é! Chegamos até aqui. Acha mesmo que baterias e pilhas vão nos impedir de achar uma saída? – Léo, que está estranhamente otimista e esperançoso, corrige Beto. Ele então toma o meu lugar e afunda a cabeça dentro do espaço para analisar o ambiente. Ao voltar, avisa que a altura será o novo desafio do momento. *Meu Deus, por que ele está sorrindo enquanto nos conta isso?*

— Poderíamos jogar umas pedras lá e fazer uma espécie de apoio – Beto abre a maldita boca e até eu noto o quão idiota foi sua ideia. Mas Léo apenas sorri!

— Não dá! É mesmo muito alto. Mas se pularmos da maneira correta teremos alguma chance.

Léo não parece muito certo do que disse, mesmo estando com seu estranho sorriso no rosto.

— Dá pra parar de sorrir? – eu peço incomodada.

— Kelly, eu quero sorrir, estou confiante! Vamos conseguir sair daqui! Não deixe seu ódio por seu passado te atrapalhar a pensar como eu. Não é mesmo, Beto? – Ele bate no ombro de Beto que sorri estranhando o jeito de Léo, mas nada comenta a respeito.

— O que vamos fazer então "Senhor Sorriso"? – pergunto impaciente.

— Vou descer primeiro, Beto segura minhas mãos e você se esforça para não o deixar descer buraco abaixo.

Eu ia dizer que não tinha força suficiente, mas o "senhor otimismo" ia me repreender, então entro na onda dele, afinal, eu preciso me esforçar se quero sair dali. Primeiramente, nos esprememos naquele minúsculo espaço para fazer o que Léo chamou de treinamento. Eu prefiro chamar de "teste com cobaias". Não quero dar uma de Beto, mas isso não vai dar certo! É muito alto. Eu mesmo não consigo descer. Mas não vou dizer nada, já dei trabalho demais, e tenho estado de péssimo humor nas últimas horas.

— Ei princesa, pode segurar firme em meu pé! Sem “nojinho”, ok? – Léo chama minha atenção enquanto ajeita seu corpo sobre o chão.

— Não estou com nojo! Só não sei se dou conta de tanto peso.

— Ei! Está me chamando de gordo? Isso magoa. — Léo brinca e me faz sorrir. Imediatamente ele se empolga, e quase que rastejando, ele vem em minha direção. Abaixado à minha altura sussurra para mim enquanto seu sorriso lindo de menino me derrete sem minha permissão.

— É isso aí, é esse sorriso que quero ver até a hora de sairmos daqui! O mal-humorado aqui é o Beto – cochichou e sorriu sorratamente me fazendo ficar sem jeito. Sorri e abaixei a cabeça.

— Ok, vou melhorar meu humor. E sim, eu te chamei de gordo! — gargalhei, mas Beto não sorri, como sempre, se derretendo em ciúmes. Voltamos aos nossos estados de espíritos normais.

A ideia do Léo não era impossível, mas apenas se fosse executada por uma equipe altamente treinada e que estivesse com seus equipamentos necessários para um rapel!

— Você vai primeiro Beto, eu vou segurar a perna da Kelly enquanto ela te segura. E quando estiver mais perto do chão, pule!

— Por que mudou a posição combinada? – O questionei preocupada.

— Pensei melhor, se eu ficar por último consigo segurar vocês! E eu pulo daqui.

Seu tom de voz mudou de otimista para autoritário, ele não sorria mais e não acreditei que essa fosse mesmo a melhor forma de sairmos. Beto não pareceu se incomodar nem um pouco.

— Qual é, não faz o menor sentido! Sou mais leve para me segurarem quando eu pular por último.

— Não, Kelly! – esbravejou.

— Eu sou completamente capaz de pular daqui! – teimo

Léo me ignora abaixando mais uma vez para analisar o maldito buraco por onde vamos passar. Ele evita encostar o corpo ao chão e percebo enfim que há algo errado.

— Beto, me ajude aqui? – O olho com esperança de conseguir seu apoio, mas ele negou dando de ombros! — Beto, seja mais humano, ele ainda está ferido, dá para ver que mal consegue respirar!... – Olho alternadamente para eles — Espera! O que está acontecendo aqui? – Franzi a testa e percebo que eu sou a única a não saber de algo planejado por eles.

— Ele é maior de idade Kelly, sabe o que faz. Vai saber se virar! – Beto enfim diz algo, me preocupando.

— Eu sou o único com treinamento apropriado para suportar a espera do resgate – Léo deixa escapar seu plano maluco, e se arrepende quando nota o que disse.

Não acredito no que ouvi. Eu não deveria, mas estou completamente nervosa com a possibilidade do que eles tentaram me esconder. Arregalei os

olhos e o encarei assustada.

— Você não vai! – Era como se ele me devesse alguma explicação —
É isso? Vai nos descer e ficar aqui em cima para esperar o resgate, ou a morte! O que chegar primeiro. Não é esse o plano?

É estranho, meu coração não para de acelerar, o sentimento de perda mais uma vez toma conta de mim.

Não quero que ele fique! Vai morrer aqui.

Capítulo 13

Kelly

— Não vou conseguir pular. – Ele levanta a camisa, e nem seu abdome definido, nem sua cintura esculpida me atrai mais do que o enorme hematoma que vai da sua barriga até o peito.

Me aproximo assustada, testa franzida ao máximo, porque não consigo entender como ele chegou até aqui com um ferimento interno. Sem cerimônia, toco suavemente na mancha escura sobre sua pele clara.

— Sangue... – me engasgo e engulo em seco as palavras.

— É! Parece hemorragia interna, desde que cai esse hematoma está crescendo sem parar, e cada vez mais dificulta minha respiração. Se eu ficar, consigo atravessar vocês com segurança, e fico para esperar o resgate.

— Isso é loucura! Você não terá forças para nos dar apoio...

Léo me interrompe:

— Cheguei até aqui, eu pulei duas vezes essa parede infernal, escavei essas malditas pedras para abrimos esse buraco... – Ele respira fundo com dificuldade. — Consigo descer vocês!

— Mas se tivesse nos dito sua situação! Você... ficou calado, como se estivesse bem... teríamos ajudado, Léo!

Olho para Beto enquanto o pressiono e ele não esboça nenhuma reação de preocupação com Léo! *Maldito egoísta!* O ignoro e volto toda minha atenção ao Léo.

— Kelly, não insista! Eu não vou! Vamos logo com isso! – Léo está decidido

O olho apreensivo sem acreditar que ele vá mesmo ter essa coragem de se sacrificar. Não quero ir. Não sem ele. Meu coração não consegue se despedir de mais ninguém nessa fase da minha vida! Léo me ajudou em todos os momentos em que estivemos aqui. Se esforçou para salvar até mesmo o Beto que não está nem um pouco preocupado com ele. Fui uma pessoa horrível, não notei que ele estava ferido. E agora vamos deixá-lo para morrer.

— Kelly, vamos! – Beto se aproxima e me desprende dos meus pensamentos enquanto encaro os olhos do Léo.

Léo segura em minha mão e não para de encarar meus olhos, o que faz meu coração apertar ainda mais.

— Não estamos o abandonando, estamos o ajudando, quanto mais esforço fizer, pior ele ficará. Vamos deixá-lo aqui, que é seguro! Encontraremos a saída e mostraremos aos bombeiros onde ele está! – Beto tenta me explicar e eu não tiro meus olhos de Léo que está parado a um passo de frente para mim.

— Isso! Podem ir... nos vemos lá fora! – Léo se despede e solta minha mão enquanto Beto se posiciona à beira do buraco. Balanço a cabeça negativamente e ele me ignora e começa a ditar regras se afastando de mim.

— Beto, leve os celulares com você! Assim que sentir segurança pule, não vai conseguir chegar muito perto do chão, mas já alivia sua queda. Não se esqueça do que treinamos: Prepare-se para o impacto contra o chão. Não trave os joelhos, flexione-os para que eles absorvam parte do impacto.

— Ok! Eu me lembro bem, jogar meu peso para frente etc. etc... – Beto faz uma espécie de alongamento, e se levanta para ir até Léo e aperta sua mão. Eu observo esse ato aliviada por Beto ao menos ser grato por tudo que Léo fez por ele. A despedida dos dois faz com que eu tenha ainda mais dificuldade em aceitar que estamos abandonando alguém nesse lugar, ainda mais na situação que Léo se encontra. Mas não tenho escolha, preciso fazer o que combinamos.

Na prática é mais difícil que no treinamento rápido que Léo nos deu. O peso do Beto faz meus braços queimarem, parece que vai arrancá-los. Mas ele finalmente se solta e faz um belo pouso no estacionamento abaixo de nós. Me sento mais ao fundo balançando meus braços para aliviar a dor que sinto depois de descer Beto pelo buraco. Léo joga o corpo para trás para conseguir respirar pois está ofegante, e agora, sem cerimônias, segura o abdome ferido.

— Você não vai aguentar muito tempo – digo e não paro de balançar os braços para disfarçar minha face que esquentou com a vontade de chorar.

— Ei! – Ele se senta ao meu lado e ainda respirando rápido para os meus braços com suas mãos. — Não se preocupe, vai dar tudo certo!

Ele contrai os lábios e seus olhos me mostram seu medo. Eu deixo a emoção falar por mim e o abraço. Aproveito a sensação do meu corpo prensado contra o dele, sinto os seus braços me apertarem e suas mãos

pesadas em minhas costas, parecem não querer me soltar. Mas de repente me assusto, pois sinto que ultrapassei algum limite:

— Me desculpe! eu não queria abusar! – digo o soltando.

— Ah! Qual é! Não somos mais estranhos! – Ele sorri e escorrega seu polegar por meu rosto enquanto seus olhos acompanham seu movimento. Meu corpo estremece com seu simples toque, e logo suas mãos estão segurando cada lado do meu rosto, nossos olhos se encontram e não se desviam um do outro. Fico ainda mais ofegante, esperando ansiosamente que ele me beije.

— Kelly! Vamos logo com isso! – Beto grita e eu reviro os olhos irada por ele sempre aparecer nos momentos errados!

— Não vou demorar! Estou apenas pegando folego... e coragem! – respondo virando meu rosto em direção a extremidade onde eu já deveria estar tentando me apoiar para sair e deixar Léo para trás.

Léo sorri e abaixa a cabeça.

— O que foi? – pergunto.

— Ele não quer mesmo que eu beije você! – cochicha ainda sorrindo sorratamente, e suas palavras me intimidam, fazendo-me sorrir de nervoso. Permaneço muda e ele aproxima seu rosto mais uma vez do meu, e antes de tocar minha boca, ele pergunta com seus lábios encostados nos meus.

— Espero que seja só ele!

— É sim! – o respondo e avanço em sua boca vorazmente. Enquanto o beijo, sinto uma tristeza enorme tomar conta de mim e mal consigo sentir o prazer de estar sendo beijada por um homem tão incrível como ele. Acabo deixando uma lágrima interromper nosso beijo.

— Não! Eu não beijo tão mal assim, beijo? – Ele brinca, secando a lágrima que escorreu sobre a maçã do meu rosto sujo. — Então é meu hálito, deve estar péssimo mesmo.

— Não quero que fique aqui! – ignoro suas brincadeiras — Vem com a gente. Daremos um jeito de descer você, é melhor ficar lá embaixo do que....

Ele encosta sua testa na minha e olha em meus olhos fazendo com que eu me cale. Me dá um longo selinho e sussurra:

— Está na sua hora!

— Por favor! – Imploro.

— Te vejo lá fora! Vai! – Ele se solta de mim. Levanta-se. Desvia seu olhar.

Tomo coragem e me levanto para ir em direção ao buraco. E ele me abraça ainda mais forte! Consigo ouvir o som frágil do seu pulmão ferido puxando a respiração. Evito dizer algo para não perder a coragem, e me posiciono na extremidade ficando de frente para ele. Encaro seus olhos mais uma vez antes de passar por ela. Beto está abaixo aguardando para me dar suporte. As mãos de Léo seguram meus pulsos com tanta força que queima.

— Quando estiver pronta! – Ele me diz enquanto se esforça segurando meu corpo pendurado no ar.

Eu nego com a cabeça e ele se despede:

— Obrigado por cuidar de mim!

Em seguida ele me solta. Eu caio sem jeito no chão, e mesmo segurada por Beto sinto o impacto da queda que fiz despreparada.

— Léo! – grito, e ele não responde. — Léo! Léo! – insisto, e ele não aparece, não responde. Beto me arrasta para longe, e luto contra ele e sou carregada enquanto choro, pois percebi que Léo agradeceu sabendo que não nos veríamos mais. Foi um adeus. Léo ficou mesmo para morrer e Beto sabia de tudo. Desde o início!

— Pare com isso, Kelly! – Ele tenta me segurar.

— Me solte! Léo! Léo! – Luto com Beto e grito incansavelmente por Léo, na esperança dele resolver descer.

Beto me prende forte em seus braços e continua a me carregar para longe do local e quanto mais eu penso nisso, mais histérica fico.

— Você é um monstro! Me coloca no chão, Beto!

Ele enfim me coloca no chão, mas me impede de correr de volta ao local.

— Está maluca? Não adianta retroceder. Não há nada naquele lado, viemos de lá!

O olho com repulsa, e ele tenta se aproximar, me desvio e recosto a um pedaço enorme de madeira que está ao nosso lado.

— Você queria ir para o exército quando abandonou a faculdade de medicina, fez bem em desistir, não é mesmo lugar para você. O exército é lugar de homem, "*um soldado nunca abandona outro*". – Recupero o folego

depois de gritar, chorar e lutar com ele que me carregou por uma longa distância.

— Que merda você está falando agora? Ele me pediu e eu apenas o respeitei!

O encaro sem acreditar.

— Não devia tê-lo escutado! Devia ter me contado! – Grito

— E que diferença faria? Queria carregar o corpo dele por aí?

Me assusto com suas palavras, me levanto enojada dessa pessoa que não reconheço e começo a caminhar. Ele continua a falar:

— Ele tentou contar a nós dois, mas você estava desligada, enquanto tirava as pedras você não nos ouvia.

— Estava um silêncio, eu estava aproveitando para pensar...

— Não! Você estava desligada. Quando ele notou que você não estava mesmo ouvindo percebeu que era melhor assim, então me mostrou o machucado e insistiu para que eu não te contasse até que chegasse a hora certa. Eu fui contra! Juro! Pedi para ele tentar. Mas ele disse que não queria que víssemos ele morrer assim.

Me viro em sua direção. Por um instante, consigo ver a verdade em suas palavras esculpidas no seu olhar. Porém, logo sou invadida novamente pela tristeza e pelo remorso de ter deixado Léo para trás e volto a andar sem lhe dizer uma única palavra. Já não importa mais se Beto tinha ou não tentado convencer Léo, porque de um jeito ou de outro, ele ficou lá. E, enquanto caminhava sem rumo pelo estacionamento, eu não conseguia parar de pensar que nunca mais o veria de novo.

Capítulo 15

Beto

Me dói ver Kelly dessa maneira, mas precisamos sair daqui e Léo não estava mais em condições, eu não podia obrigá-lo a vir conosco, então aceitei e no fundo até concordei em deixá-lo para morrer sozinho, não por mim, mas por Kelly, ela não suportaria ver alguém ao nosso lado morrer. Ela resolveu caminhar, mas não fala comigo. Apenas chora. Ela nem ao menos me quer ao seu lado. Me pediu – na verdade, ela gritou – várias vezes para que eu me afastasse dela e andasse com uma boa distância. Disse que não quer sequer ouvir minha respiração. Então, ela finalmente para, e se senta no chão para chorar. A conheço bem, está com remorso por não ter percebido nada de errado antes, como se ela pudesse fazer algo.

— Kelly, ninguém viu! Eu também poderia ter notado e não percebi nada de errado! Ele queria nos manter vivos e conseguiu! Não se culpe. Pense positivo.

Ela me encara com seus olhos vermelhos, a expressão em seu rosto destaca a sua fúria. Ela se levanta e vem em minha direção. Já vi isso antes.

— Você está me dizendo que matamos um homem bom para que pudéssemos ficar vivos?

A fúria dela aumenta quando entende o que eu não disse, ela sempre faz isso, debate, fica brava e diz coisas que não queria dizer antes de tentar decifrar o que eu disse. Eu já sei como isso funciona.

— Não foi o que eu disse! Eu só estou tentando dizer que...

Duas mulheres surgem em nossa frente vindas pelo caminho que fazíamos e me faz calar surpreso.

— Ah, Graças a Deus não estamos sozinhas! – Sou interrompido por uma delas.

— Vieram de fora? – Kelly seca o rosto e as interroga esperançosa.

— Não! Ficamos presas com o desabamento.

Uma delas está acima do peso. Ofegante, se senta no chão.

— Mais uma pra atrapalhar a nossa saída – cochicho sobre os ombros de Kelly.

Imediatamente sinto sua mão pesada e fechada em meu rosto. Ela não sabe bater, nunca soube brigar, mas me acertou em cheio fazendo meu lábio sangrar.

— Filha da Puta! Por que fez isso? – pergunto irado e ela se afasta assustada. Mas não abaixa a guarda! Está pronta para me acertar novamente.

— Seu imbecil! Como nunca percebi isso antes? Você é um babaca! Deixou o Léo morrer, para que pudesse se salvar e agora debocha da moça porque ela não tem a cintura fina? Se enxerga, Beto!

Balanço a cabeça negativamente e pressiono meus lábios com os dedos enquanto uma das moças se aproxima vorazmente e segura nos braços de Kelly.

— Léo? Que Léo? Espera... – Ela olha para mim — Esse otário não é aquele “mala” que trabalha na portaria?

— É, sou eu mesmo! Prazer... – digo debochado, depois que cuspo meu sangue no chão, sem me dar conta de quem ela é!

— Você disse, Léo, e meu amigo estava na portaria quando o prédio desabou, ele deixou uma caixa com você, eram as coisas da minha irmã, os pertences dela....

Quando ela fala, entreolho com Kelly, ligando os fatos, estamos assustados com a situação e Kelly ainda mantém a boca aberta. Léo havia feito de tudo para encontrar a amiga, contudo, desistiu de viver na mesma intensidade para salvar a minha vida e a de Kelly... Agora, que encontramos sua amiga, ele já não está mais aqui.

— Oh meu Deus... Você é a Jessica? A melhor amiga dele? – Kelly entra em pânico e Jessica confirma com a cabeça.

— Você disse que o deixou para morrer! – desespera-se e tapa a boca com suas mãos e sua amiga se levanta para lhe dar apoio.

Kelly também entra em desespero e se agacha para chorar.

— Droga! Eu sinto muito, muito mesmo! – Me aproximo de Jessica que recusa minhas condolências e retira bruscamente minhas mãos de seu ombro.

— Você disse que o deixou para morrer! Diga que está de brincadeira!

A encaro e contorço os lábios torcendo para que ela entenda minha expressão e eu não precise repetir tudo outra vez.

— Imbecil! Você é surdo? Onde meu amigo está? – *Essa mulherada vai me matar aqui.* Então antes que eu receba mais um soco resolvo contar sua localização e Jessica, que mal ouviu toda história, saiu em disparada em direção ao local onde o deixamos

— Não faça isso! Você chegou até aqui, ele não queria isso! Queria que você saísse daqui – grito tentando impedi-la de voltar ao local que o deixamos, e imediatamente ela vira-se bruscamente apontando o dedo em meu nariz. Bastante ameaçador

— O que ele quer é viver. Sair daqui e voltar a sua vida! E pare de falar dele no passado. Léo é mais forte do que imagina!

Desisto de interromper essa missão suicida .

— Bom, eu vou continuar a busca por uma saída! – digo dando de ombros para seu discurso — Vamos, Kelly.

— Eu vou com ela – diz Kelly com seriedade

— Não! Você não vai. – Digo autoritário.

— Me faz um favor? Me esquece.

— Kelly! — Digo em tom ameaçador, no entanto, sou ignorado.

Ela se afasta tão rápido que não tenho tempo de tocá-la uma última vez, nem mesmo tenho tempo de me despedir da minha única amiga. Então, o teto cai sobre a minha cabeça. Tudo foi muito rápido, não houve aviso prévio, dessa vez, não havia poeira ou o estremecer do chão, apenas desabamento. Agora, não consigo falar. Meu peito é prensado por grandes pedras e me impedem de, até mesmo, fechar a boca. Escuto a voz desesperada de Kelly, ela está tão longe de mim... Seu choro não é de dor, isso me faz confortável. Conheço seu choro, está com medo, pânico, desespero e chamando meu nome sem parar... porém, está bem. Sinto pena dela, minha melhor amiga, meu primeiro amor. Linda como o sol, pena que teve que sofrer tanto...

Não consigo respirar, meu pulmão está doendo, minha cabeça está sangrando. Acho que quebrei a perna, as duas pernas para ser mais exato. São muitas pedras em cima de mim. Sinto que me restam talvez poucos minutos. Então quero gastá-los pensando neles: nos meus amores...

Ei, Kelly, pare de gritar, está me atrapalhando, quero pensar em minha família antes que meus olhos fechem!

Benicio, meu primogênito! Eu nunca sorri tanto como no dia em que você nasceu, ou quando sua primeira palavra foi “papai”.

Juliane, minha bebê linda, eu curti tão pouco você! Espero que seu irmão cuide muito bem da minha princesa.

Carlinha, esposa linda, eu nunca mereci você! E espero que agora você possa encontrar alguém à sua altura, alguém que demonstre mais o amor que você merece receber. Espero que meu seguro de vida dê para comprarem uma casa, daquelas com quintal para as crianças brincarem, e que acomode os convidados para as festas de aniversário deles... Por favor, saiam do aluguel!

Meu tempo está acabando... Meus olhos estão escurecendo... Me perdoem pela pessoa horrível que fui com vocês! Eu... ah... eu amo vocês, para sempre!

Capítulo 16

Joana

— Parem a escavação! Uma parte dos escombros afundou desse lado.
– Um dos bombeiros de outro batalhão corre até nós para nos alertar sobre o que houve na parte traseira do local.

— Não é possível! – O chefe da sua corporação se aproxima. E eu os sigo. Um espaço se abriu no lugar que antes era plano e poucos minutos depois nosso superintendente se aproxima. Paralisa nossa escavação, chama a mim, e mais dois chefes das outras corporações da cidade que trabalha conosco.

— Por hora, essa operação está encerrada, tirem os cíveis da área de escavação! Ainda não temos condições de buscas aprimoradas – anuncia.

— Senhor, com todo respeito, mas nada foi feito sem uma breve análise – digo e me arrependo de ter aberto a boca segundos depois.

— Comandante, a senhora tem noção do tamanho do estrago que pode ter causado à nossas buscas? – Ele se pronuncia olhando para mim com o seu olhar mais temido de todo Corpo De Bombeiros da cidade.

João é um ótimo superintendente, foi um dos melhores bombeiros de sua geração. Recebeu inúmeras medalhas de honra e muito ainda se fala de sua atuação no caminhão. *João Cordeiro Dias*, um nome de extremo respeito e machismo. Seu desgosto de quando me tornei comandante, no 14º batalhão de nossa cidade, nunca foi novidade para ninguém.

— Sim, senhor. Entretanto, era uma oportunidade de chegarmos ao interior do local e salvar mais vidas.

— Salvar seu tenente. Foi o que quis dizer! Sua habilidade de decisão está claramente afetada por ter um dos seus no local.

— Negativo, senhor! – arrisco me defender, enquanto todos os outros me questionam com o olhar.

— Desculpe, a senhora me entendeu mal. – Ele dá mais um passo em minha direção, e sorri rapidamente para demonstrar seu sarcasmo e continua: – Não foi uma pergunta.

João nunca confiou na minha capacidade de liderar um batalhão inteiro e, mesmo tendo sido treinada e acompanhada por ele desde o início,

quando fui nomeada para o cargo, precisei de muita garra e sangue frio para conseguir exercê-lo. Até mesmo sobre meu período menstrual fui julgada. Por isso, até mesmo a minha TPM aprendi a conter, tudo para mostrar que uma mulher pode tudo, inclusive, comandar um batalhão de bombeiros. Então, esse sarcasmo dele não me afeta de modo algum.

— Retire sua equipe do local. Estão dispensados até o próximo turno.

— Senhor, nossa equipe está...

— Comandante Joana, é uma ordem! – me interrompe bruscamente.

— Podemos... – tento questioná-lo.

— Está dispensada.

João não esperou que eu me retirasse para iniciar um novo plano com a equipe remanescente, ignorando-me por completo. Ando até a tenda e digo para minha equipe me acompanhar, entretanto, João a invade e anuncia que precisará da minha equipe, porém, que eu continuaria dispensada. Não nego; meu instinto é abrir a boca para debater sobre tal atitude do meu superintendente, mas preferi não me causar uma suspensão por desacato. Até porque não tive tempo, ele ordenou que todos voltassem ao trabalho e logo saiu, sem ao menos esperar que eu o respondesse.

Peguei meus pertences e sai do local, mas, antes que eu pudesse atravessar a rua, sou surpreendida por Ana Carla, esposa de Alberto, – ou Beto, como ela me disse que o chamam. – Meu coração corrói ao ver seu estado deplorável. Sentada em um ponto de ônibus, com o olhar perdido e vazio, acompanhados por uma mancha avermelhada ao redor dos seus olhos, provável de ser de tanto chorar. Vestida com uma calça de moletom preta, claramente maior que o número de sua cintura pede, em que mesmo as pernas ultrapassam seus pés e os tapam sem pedir licença. A blusa branca, também comprida e exageradamente larga para seu pequeno corpo, rege a estampa com uma foto deduzo ser os dois filhos e o marido, todos sentados ao seu lado num campo gramado. O tamanho da roupa e a forma como ela olha para o local do desabamento me fazem chegar perto.

— Senhora Ana? – Aproximo, mas não pareço ser notada, então tento mais uma vez, mas sem sucesso. A mulher nem ao menos pisca. E eu? Bem, me preocupo e me sento ao seu lado. — Posso te ajudar em algo? – pergunto e a desperto com o toque de minha mão sobre a dela. Seu olhar arregalado penetra e rasca meu coração com a dor que sinto a olhá-los.

— Meu marido. Pode tirá-lo de lá? – pergunta inocentemente.

— Estamos tentando, dando nosso melhor para conseguir tirá-los com vida e...

— Ele está morto! – interrompe e me encara com suas pupilas dilatadas.

— Não! Não podemos pensar assim eles es...

— Quando o prédio caiu, eu estava indo para o salão de beleza – começa sem força ou alegria na voz —, estávamos comemorando sete anos de casados e ele me deixou o cartão dizendo para me arrumar e ficar bem linda, disse que eu comprasse um vestido bem justo, o que não uso desde que ganhei nosso primeiro filho. Então, fiz o que ele pediu. E quando estacionei na porta do salão, senti um aperto no coração, que acelerou, como um princípio de infarto... – Ela pausou. — E eu só pensava no meu marido. Entrei no salão e fiz o que meu marido pediu. Fiquei linda. – Ela sorriu olhando para rua, mas seu olhar ainda estava vazio. — Meu cabelo era preto... – E suas pausas continuam, enquanto lança um olhar solitário para o local do desabamento. — E fiz essas luzes para surpreendê-lo... – Ela sorriu novamente, e passa a mão nos cabelos. Bem devagar.

Eu não estava entendendo nada, o assunto não fazia sentido com o que ela havia dito sobre a morte do marido. Mas ela continuou:

— O processo demorou. Fazer luzes no cabelo demora. E todo àquele tempo eu só pensava em meu marido, meu coração doía tanto, que cheguei a ficar sem ar... Achamos que era ansiedade. Pois fazia tempo que eu não saía sozinha com ele... as funcionárias do local me deram muita atenção, me ajudaram. Então quando saí de lá, meu telefone tocou. – Seu semblante mudou para uma expressão confusa e triste. — Era um bombeiro pedindo para que viesse até aqui para conversarmos...

Foi mesmo complicado! Ela chegou ao local em pânico, gritava tanto que a ouvi de longe e fui ajudar os voluntários a trazerem-na para dentro da tenda de auxílio. Gritava o nome dele e pedia para que saísse de dentro dos escombros, repetidamente, como se pudesse fazer isso sozinho, até que foi preciso ser levada a um hospital.

— E, hoje, senti tudo de novo. Como se meu coração fosse sair pela boca. A esperança que eu tinha... ela simplesmente sumiu... minha mãe me levou para sua casa e meus filhos ainda não sabem de nada. Logo, vão confirmar a morte dele e eu terei que contar a verdade: dizer que menti e

que o papai não está viajando. Então, terei que fingir que nada está me afetando para tentar sugar toda a dor deles para mim, porque isso é ser mãe: não deixar os filhos sofrerem. Eu saí cedo da casa da minha mãe, antes mesmo do sol se pôr, passei em casa e vesti essa calça dele e essa blusa que lhe demos no dia dos pais. Estou chorando desde as quatro e meia da manhã, meus olhos e minha cabeça doem tanto que não os sinto. Sendo sincera? Ainda não sei nem mesmo como vim parar aqui.

Suas palavras me corroeram por dentro e apertei sua mão ainda mais forte.

— Quer sair daqui? – perguntei sem pensar em nada. Apenas queria acabar com sua dor.

— Não. Eu quero ficar aqui. Não quero ver minha família agora.

— Estou esperando um carro que chamei pelo aplicativo, vou parar no batalhão pegar algumas coisas e pegar meu carro e ir para casa... Quem sabe podemos ir juntas onde vou para extravasar minha raiva? – contei.

Ela me olhou e não parecia entender bem o que eu quis dizer, mesmo assim, aceitou. Ana estava fora de si, como se estivesse completamente desligada de tudo, talvez, estivesse. O carro chegou e quando entrou, notei que estava descaça. Não disse nada. Chegamos ao batalhão e em seguida fomos para minha casa, ela não fez perguntas e paramos na cozinha. Almoçou comigo, ainda em silêncio, e eu não a forcei a falar. Mas depois fui até o quarto, julgando que vestimos o mesmo tamanho, peguei uma calça que uso para ir à academia e uma blusa mais fresca e a entreguei.

— Para que isso? – Ela perguntou.

— Vai precisar. Aonde vamos é melhor usar uma roupa confortável.

— Não quero malhar. – Ela me olha com seus olhos cansados.

— Eu disse que iríamos extravasar nossas raivas, não é? Na academia eu grito, pulo e até choro!

— Na academia? – se espanta.

— Sim! A aula é diferente, as luzes se apagam, e acedem, algumas coloridas e que piscam sem parar. A música eletrônica é alta e o professor grita para nos motivar a não desistir da aula, que é bem pesada. Mas não vou lá pela aula. Vou pela endorfina! No meu trabalho, já sou a sexo frágil, então não demostro fraqueza. Mas quando estou na aula eu deixo a adrenalina me consumir e, quando ela está no auge, eu grito junto com os

outros alunos que estão empolgados. Às vezes eu choro de raiva. Sempre saio de lá renovada.

Ela sorriu bem de leve com minha explicação.

— Por que eu tenho que chorar mais? – indagou.

— Vai fazer bem, chorar em um lugar diferente sem parecer uma louca histérica... é bom. – Sorriu para ela que aceitou também meus tênis que a ofereci.

Eu não tinha a menor ideia do que estava fazendo ao levar uma mulher estranha e de “possível luto” para minha aula de [spinning](#). No entanto, eu não pensei em mais nada quando a vi naquele estado na rua, não podia deixá-la ali, muito menos deixá-la voltar para casa. E, sinceramente, eu não esperava que ela fosse aproveitar tanto ao ponto de o professor ouvi-la gritar e chorar e decidir ficar ao seu lado dando apoio. Na verdade, acho que ele estava com medo dela passar mal em sua sala.

...

— A roupa do seu marido está nessa sacola. – disse entregando a ela a sacola com as roupas que ela trocou em minha casa.

— Obrigada, estou bem melhor, eu estava precisando disso! – Respondeu quando saiu do meu carro.

— Ser louca num lugar seguro é a melhor coisa que já inventaram. – Eu disse me debruçando para vê-la pela janela.

— Espera, vou pegar o dinheiro para te pagar pela aula – Ana disse ameaçando entrar em sua casa para buscar a carteira.

— Não! Foi um presente.

Ela sorriu e voltou para perto da janela do carro e me olhou dizendo:

— Será um presente se trazer meu marido para casa.

Capítulo 17

Simone

Estamos sentadas diante de uma montanha de pedregulhos, olhando e chorando sem parar. Na verdade, eu estou abanando a Kelly vez ou outra com uma placa estranha de ferro que encontrei por aqui, enquanto ela chora sem parar e repete que não sabe como vai contar a Carlinha que matou o esposo dela.

Jessica está sentada e não para de gritar o nome do amigo. Particularmente não sei para que tanto escândalo, essa Kelly não sabe agradecer, era para ela estar morta como Beto. Eles brigaram e ele se recusou a vir junto com a gente procurar o tal do Léo que abandonaram. E quanto a Jessica, pelo amor de Deus, se o cara estava com sangue parado em seu peito, ele já estava morto antes mesmo do tremor fazer com que o lugar onde ele estava caísse também. Bom, se ele ainda não estava morto, agora, é certeza! Porque o mesmo tremor que soterrou Beto, soterrou bem onde disseram que o Léo estava.

— Léo! Léo! – Jessica não para de chamar o nome do cara enquanto abraça as próprias pernas contra o peito. Assustada por ver o tamanho do desabamento soterrando seu amigo.

— Jessica, por favor, pare! – peço mais uma vez.

— Você não ama nada, nem ninguém. É sombria e sozinha! Sou sua única amiga e porque não se importa com ninguém. Me deixe em paz! – Ao menos dessa vez ela disse algo. Mesmo sendo para destilar sua raiva em mim, não me ofendeu. Sou sozinha, mas porque não gosto de depender emocionalmente das pessoas. Sou sombria, porque assim afasto as pessoas que planejam me fazer mal. E ela não é bem minha amiga.

Isso aqui está completamente fora do controle. Essas mulheres completamente loucas chorando sem parar e temos dois caras mortos a nossa volta, só eu estou preocupada com o mal cheiro que vai surgir se demoramos muito para sairmos desse buraco?

Jessica passou a semana inteira desligando as ligações desse tal amigo, presenciei inúmeras vezes ela apagar mensagens dele antes mesmo de as ler. No momento que o prédio desabou estávamos fazendo cera no

estacionamento, só para ela não dar de cara com ele na portaria com os pertences de sua irmã. E, agora, está aqui, chorando desesperadamente, e pedindo desculpas para uma cara que já morreu! *Agora é tarde querida, não tem volta!*

— Ok, vamos lá meninas! – Me levantei, joguei a placa de ferro para longe e ganhei a atenção dessas histéricas. — É o seguinte, temos que seguir em frente, eu não quero acabar aqui como esses dois caras! – Jessica me olha feio e apoia a testa na palma da mão. E eu? Eu não me importo!

— Jessica me conhece, sou bem sincera e, como ela disse: eu não tenho amigos. Exatamente por meu excesso de sinceridade. Eu não tenho paciência com frescura e...

— Cala essa boca, Simone! Está me tirando do sério! Já amou alguém? Já perdeu alguém? – Jessica se levanta e vem furiosa em minha direção — Léo sempre foi para mim mais que um amigo. Quando eu não tinha forças para sair da cama, era ele que abandonava o conforto da sua casa e o calor de sua cama para vir até a minha casa e me fazer companhia, sem fazer nem se quer uma pergunta! Léo nunca me abandonou, nunca me julgou. E quando ele mais precisou de mim, eu não estava lá para ele. Então, me deixa chorar a perda do meu irmão. Nunca vou superar isso... Eu perdi meus dois irmãos porque eu estava preocupada de mais com minha própria vida!

Chego a me assustar pela primeira vez, ela está com um olhar tão furioso que se pudesse me bateria como um boxeador bate num saco de pancadas na academia. Talvez eu só não tenha percebido, mas Jessica pode vir a ser mesmo minha amiga, é a única pessoa que se importa e conversa comigo na empresa. Eu me importo com ela, e com sua opinião sobre mim. Isso sim é novidade! Então recuo por ver como a magoei.

— Gente! Calem-se! – Kelly fala, se levantando e vindo até nós.

— O que foi?

— Shiu. Ouçam! – Ela está olhando envolta feito uma maluca com esse rosto vermelho, parece até inchado de tanto chorar.

— Deve ser minha barriga, estou morta de fome! – brinco e Jessica tapa minha boca com sua mão suja. Eu apenas reviro os olhos. Estão cada vez mais loucas, não ouço nada. Ambas saem em disparada cada uma de um lado desses entulhos.

Fico a observar as duas malucas choronas rodeando um monte de pedregulhos, proibida de abrir minha boca, é claro. Visto que elas têm a certeza de terem ouvirem algo, me afasto porque elas não falam, mas devem estar a ponto de desmaiar de fome. Vou rodar por esse vasto estacionamento, vasculhar esses carros retorcidos e amassados em busca de alguma coisa para comer.

— Não é possível, ninguém come no carro? – digo a mim mesma depois de vasculhar o terceiro carro. — Hum, restinho de suco – digo achando uma garrafa plástica no porta luvas com um suco que parece ser de laranja, dentro de uma sacola amarrada. Uso a própria sacola para fazer minhas “compras” por esse inferno que estamos. — Mais um pacote vazio de biscoito! Bando de egoístas, não poderiam prever que o prédio desabaria e que alguém ficaria preso aqui e procuraria por comida? – converso sozinha e acho graça da minha própria piada enquanto de longe observo as doidas buscarem por nada! — É isso aí, vamos deixar resto de pão no carro para os coleguinhas soterrados! – Me alegre em ver uma sacola da padaria da outra esquina com três metades de pães... o que não faz o menor sentido. Mas, os pães não estão mofados! É o que importa.

— Agora, temos um lanchinho. São restos de biscoitos e pedaços de pães, mas é melhor que nada! – digo colocando tudo na sacola que ajeito para levar e dividir com a meninas. E me assusto com o grito de Jessica, seguido por seu choro ainda mais alto.

— Ah, meu Deus, não! Não! – grita e faz meu corpo arrepiar de medo e corro até elas para ver o que houve dessa vez. E quando me aproximo noto que estão diante de um corpo no chão, parece bem com o amigo dela que vi na foto.

Coitada, sinto por sua perda.

Mas ao menos vai poder velar e enterrar o amigo.

Capítulo 18

Jéssica está gritando e segurando em minha mão como se de alguma forma isso a fizesse se sentir melhor.

— Me desculpe! Por favor! – Ela chora e eu não consigo me pronunciar... Quero ajudá-la, mas não consigo me mover. — Eu perdi tanto tempo brigando e te culpando! Ah, Léo, por que deixei você vir aqui? Você deveria estar lá fora, tentando me tirar daqui. – Jessica está lavada em lágrimas, sinto elas escorrerem por meus braços enquanto ela segura forte minha mão e a apoia em sua maçã do rosto.

Preciso me mover, tenho que arrumar forças para lhe dizer que estou apenas desacordado. Não estou morto. Droga! Não consigo abrir meus olhos, será um estado de choque? Nunca vi isso na vida. *Ei, Kelly, reaja gata, vem ver minha pulsação, a Jessica não sabe olhar isso. Por mais que eu tenho tentado lhe ensinar por inúmeras vezes!*

Vamos lá Léo! Ignore o ambiente, e tente ficar calmo. Você vai conseguir. Digo a mim mesmo.

— Ah! Ele... Ele mexeu o dedo! – Jessica grita.

Ufa, consegui!

— Como é que eles fazem nos filmes? – Sinto uma mão gelada no meu pescoço. — Não consegui sentir nada. *Não conheço essa voz.*

— Vai, Léo, mexe de novo! – Jessica funga e seu tom de voz parece sorridente em meio as lágrimas. Mas não consigo mais, estou mesmo tentando mover mais um músculo e não consigo. *Eu só quero acordar dessa droga de choque e abraçar você, amiga.*

— Kelly, tente você, ele já tentou várias vezes me ensinar isso, mas não aprendi direito! E estou tão nervosa que mesmo se eu soubesse não conseguiria sentir nada! – *Jessica, autoritária como sempre, diz. Mas cadê você Dra. Kelly? Vem dizer para ela que minha pulsação está boa e que estou vivo, por favor. Acalme minha irmã.*

— Ei! Moça, ajude aqui! Não adianta mais ficar aí com esses olhos estatelados. Vem ver se ele está bem! – A voz desconhecida chama por ela.

— Deixe me ver... – Kelly deita sua cabeça com tudo em meu peito e dispara a chorar desesperadamente enquanto sussurra em meu ouvido:

— Acorda! Vamos! Você está apenas desmaiado. Vamos lá, Léo!

Eu realmente gostaria de conseguir sozinho, ah, como eu queria acordar e abraçar vocês!

— Transtorno de consciência súbita. – *Ouço a voz de kelly.*

— O que disse? – *Jessica pergunta.*

— Ele está tendo um transtorno de consciência súbita, é um distúrbio provocado por falhas cerebrais que provocam um desmaio diferente do que o que estamos acostumados a ver.

— Você é médica? – *Jessica a questiona.*

— Fui enfermeira por um tempo.

— Então acorde! O que está esperando?

— Nunca tentei isso antes, só estudei sobre, mas não sei se é real.

As mãos pequenas de Kelly tocam as minhas e sinto uma pressão entre o meu dedo polegar e o indicador da mão direita, ao conseguir encontrar e pressionar a veia que ela procurava, começo a reagir repentinamente aos estímulos e Jessica avança sobre mim com voracidade e me abraça antes mesmo que eu possa me mover por completo.

— Graças a Deus, que susto horrível! – Ela me aperta enquanto chora descontroladamente. Ainda estou meio tonto e não tenho muita força para reações, mas estou feliz por sentir esse abraço novamente. Ela não faz ideia o quanto senti sua falta.

Capítulo 19

Kelly

— Moça, você ressuscitou o cara! Tem noção disso? – Simone vem até mim encabulada com o acontecimento.

— Pare, só testei uma teoria. Vamos pensar num jeito de sair desse inferno. – Me esquivo dela, ando um pouco mais a frente e coloco as mãos na cintura, jogando cabeça para trás enquanto tento segurar o choro que insiste em vir. Respiro fundo várias vezes e não consigo me alegrar com a volta de Léo sem pensar que meu melhor amigo morreu e a única última coisa que o disse foi para me esquecer. Nunca mais terei a mesma oportunidade que Jessica e Léo estão tendo de pedirem desculpas um ao outro por tudo que disseram.

— Você me salvou mais uma vez! – Léo se aproxima de repente e eu me viro a ele, que caminha com cuidado e com dificuldade em minha direção e logo me faz chorar. O encaro tentando não prantear em seus ombros, apesar dele não parar de se aproximar, parece notar que preciso de espaço e tem cautela escondida por cada passo, como se ele não quisesse me assustar, até que eu não consigo mais me segurar e desabo em seu ombro.

— Deu tudo certo. Não fica assim... – Ele afaga meu cabelo com suas mãos pesadas e tenta me acalmar, sinto o cheiro de poeira em seu corpo. Meu choro é sofrido e tem dor em minhas lágrimas, mal consigo respirar, contudo, me esforço para lhe contar:

— O Beto morreu! – interrompo e o aperto ainda mais, ele fica mudo, sinto sua respiração aumentar o ritmo, como se estivesse ofegante, seu coração disparado me faz sentir ainda mais vontade de chorar. Ele não diz nada, apenas aperta seu corpo contra o meu, e seus braços me apertam com mais intensidade. Me sinto consolada e confortável, o que faz meu pranto aumentar. Ficamos assim por mais um tempo e eu não consigo parar de chorar. Mas então, ele me afasta e olha em meus olhos, e só aí noto como seu rosto está sujo e com ferimentos por todo ele. E tento sessar meu choro, ele passa seu polegar por meu rosto enquanto me olha amavelmente, como se não tivesse mesmo o que me dizer.

— A última coisa que disse a ele foi para me esquecer, como eu viver com isso? – conto a ele.

— E nem precisa, só tem que se lembrar que vocês sempre foram cúmplices. Eu vi vocês dois, ele nunca deixaria nada de mal acontecer a você e, principalmente, jamais te esqueceria de verdade! Você não tem mesmo do que se culpar. Se Beto teve algo na vida, foi por você. Ele me disse que, mesmo não sendo o único, você foi o primeiro amor da vida dele, e que você o apoiou em todos seus momentos difíceis!

Sorrio e mais uma lágrima escorre por meu rosto, apressada para chegar até o fim.

— Ele sempre me dizia isso quando eu não estava bem!

— Então, você vai esquecer essa briga que tiveram, e vai se lembrar dele como a melhor pessoa que já teve em sua vida!

Léo tem razão! Tento me apoiar a isso e resolvo seguir em frente.

— Quero sair daqui logo!

— Nós vamos! – Ele me responde sorrindo e mesmo não demonstrando dá para perceber o quanto ele está ferido.

O ajudado a se sentar e Jessica se aproxima com Simone que carrega uma sacola.

— Enquanto resgatavam o bonitão aí – Ela piscou para Léo — Eu vasculhei alguns carros, e digamos assim que fiz umas comprinhas. Não vai matar a fome por completo, mas nos ajudará a aguentar mais um pouco!

— Você é incrível, Simone! Se não tivesse comigo eu estaria morta. E todos nós também, porque, eu nem pensei na ideia de procurar comida nos carros... Obrigada, amiga! – Jessica está tão radiante com a volta do amigo que está passando essa energia boa para todos nós. Tanto que faz Simone sorri encabulada com seu elogio.

Ficamos ali por um certo tempo, conversando sobre como Jessica e Simone chegaram até nós.

— E você, heim? Pediu para te deixarem, Léo? Que ideia idiota! – Jessica o repreende e observo que desde que sentamos, eles estão de mãos dadas. É tão natural, que eles nem parecem perceber. Me recordo de Beto, que se apoiava em mim dessa mesma forma!

— Esse hematoma estava me impedido de respirar, e eu sentia que seria um fardo para eles.

— E como está agora? – pergunto.

— Ainda doendo, mas respirando com menos dificuldade.

Noto ele apertar mais uma vez a mão de Jessica. Simone se deita e diz que não aguenta mais andar sem cochilar um pouco.

— Eu não durmo desde que o prédio caiu. Estou com adrenalina tão alta que mesmo quando sair, não sei quando volto a ter sono – digo, Jessica concorda com a cabeça e diz que está da mesma forma.

Deixamos Simone descansar antes de reiniciarmos nossa caminhada por uma saída. Léo se encosta no colo da amiga e eu admiro os dois, encostando meu corpo na parede para descansar. Não consigo parar de pensar em Beto. Fico observando Léo e Jessica se deliciarem com a presença um do outro. Ela, com o olhar fixo no corpo ferido e sujo dele, tentando ajeitar sua blusa rasgada, enquanto seu corpo estirado nesse chão imundo – cheio de estilhaços dos números tremores –, descansa de todo sofrimento que passou nesse lugar. Ela o observa como se não acreditasse na sorte que tem em seu melhor amigo, seu irmão está de volta a vida.

Os admiro atenta a cada movimento, em cada tentativa em vão de limpar o rosto do amigo ou seus braços, ou até mesmo no sorriso que direcionam um ao outro. Pela primeira vez na vida, sinto inveja de alguém. Sinto, porque eu gostaria que Beto estivesse aqui para eu me desculpar pelas palavras que lhe proferi. Como ele teria ficado feliz por me ver colocando a medicina em prática novamente! Principalmente por ser algo que estudei com meu pai, quando ainda morava com ele. Como sinto falta do meu amigo, *como vou viver sem ele?* Deixo uma lágrima escorrer por meus olhos antes de involuntariamente os fechar pelo sono que me toma.

— *Kelly. Me ajuda, por favor! – Beto me ligou ofegante e me deixou preocupada.*

— *O que houve, Beto?*

— *Agredi seu pai! – diz, me deixando trêmula e boquiaberta*

— *O que você fez? Onde você está? – perguntei desesperada.*

Ele me indica a localização e, mais que depressa, entrei no carro deixado por minha mãe e fui até ele. O encontrei e ele estava muito tenso. Antes de estacionar o carro, o avistei andando de um lado para o outro, cruzando e descruzando os braços, passando as mãos na cabeça e bagunçando todo seu cabelo. Desci do carro em disparada e fui até Beto, que tinha sangue nas mãos e na camisa Rosê. A mesma que ganhou de

presente da minha mãe em seu último aniversário – ele sempre brincou que iria usá-la mesmo quando estivesse mostrando seu umbigo;

— Oh, meu Deus, Beto o que você fez? – perguntei quando peguei em suas mãos sujas de sangue.

— Eu tentei. Mas ele é teimoso, e arrogante. Aquele cara não merece viver, Kelly – dizia andando desesperado de um lado para o outro.

— Beto, o que você fez? — Fechei meus olhos vagorosamente enquanto tentei respirar fundo, com medo da resposta. Então, consegui o levar para o carro e ficamos lá dentro, até que ele disse:

— Ele me ligou e disse que eu estava acobertando e mimando você. Dizendo que você nunca seria nada se não enfrentasse seus medos e problemas. Ele... Kelly. Ele me chamou de moleque acomodado. – Beto parecia realmente chateado por isso.

— Por que ele faria isso?

— Está furioso porque você saiu da casa dele para viver sozinha na casa de sua mãe.

— A opção é minha! Quero viver minha vida e cuidar da casinha dela. Já disse isso a ele!

— Eu sei! E não te culpo. Mas enfim. Ele me desafiou tanto que desliguei o telefone e fui para casa dele.

— Bateu nele, na casa dele? Beto, por que não deixou isso para lá? São só palavras!

— Porque ele me disse que você era fraca, incapacitada e desequilibrada. Sem pensar duas vezes, eu avancei nele que revidou e acabamos rolando pelo chão da sala da casa dele, só paramos quando um dos vizinhos nos apartou – Beto se justificou, e, apenas de pronunciar as palavras, furioso, deu um soco no painel do meu carro velho.

Meu coração se enche de amor e meus olhos enchem-se de água. Essa foi a primeira vez que Beto reagiu por instinto para me defender. Como sempre muito impulsivo, nunca pensou muito nas consequências.

...

Meu sonho era tão real que eu conseguia ouvir os barulhos ao longe dos socos de Beto no painel do meu carro.

— Droga! Devo ter batido a cabeça quando pulei até esse estacionamento – Espremo meus olhos e balaço a cabeça para tentar voltar ao sentido da minha realidade.

Simone acorda e parece ouvir algo também.

— Está ouvindo isso? – pergunta sorrindo e nos levantamos juntas, logo percebo que não era um sonho.

São sons de marretas batendo no concreto vindo do lado sul do estacionamento. O lado contrário que estávamos indo.

— Não acredito! – Jessica se alegra.

— Corpo de bombeiros, alguém? Grite! – Uma voz masculina ecoa por esse lugar destruído. Léo e Jessica se levantam bruscamente e se alegram conosco, de imediato, começamos a gritar!

— Aqui! Estamos aqui!

Capítulo 20

Joana

É um absurdo eu ter que ficar em casa, longe da operação, enquanto todo meu batalhão está lá, trabalhando. Não consigo ficar parada e nem mesmo posso me aproximar do local, então, pela ansiedade, ando de um lado para o outro enquanto assisto tudo pela televisão.

— O responsável pela operação nos informou agora a pouco que estão escavando manualmente, dessa vez, em uma área mais segura. Existe uma grande aglomeração de pessoas em volta do local, pois ao que nos foi informado por um voluntario, eles estão conseguindo abrir um buraco, por onde pretendem fazer o resgate dos sobreviventes.

A mesma repórter de horas atrás relata a notícia pela quarta vez, como um papagaio, o que me deixa mais furiosa e aflita do que nunca. São mais de doze horas nessa escavação e ainda não alcançaram o espaço para entrar!

Aguardo na linha em que, Jeferson, o cadete, me mantém atualizada:

— Conseguiram, chefe! Caio acaba de entrar ao buraco e há mais sobrevivente que no primeiro dia!

— Isso! – Salto do sofá completamente emocionada, meus olhos chegam a lagrimejar de alegria. Meu corpo se arrepia por completo com as palavras dele.

— Sim! São quatro sobreviventes. Léo foi o primeiro a ser resgatado e está aparentemente bem!

Volto ao sofá extasiada em alívio. *Finalmente, acabou!*

— Diga aos paramédicos de nossa equipe para priorizá-lo e levá-lo para o hospital que temos costume. Eu estou indo para lá!

— Comandante... A outra sobrevivente se recusa sair sem a retirada de um corpo.

— Corpo? De quem? – pergunto preocupada, com um sentimento ruim que não me acalma nenhum pouco.

— É do Alberto, senhora!

Suas palavras me rasgam como uma faca gigante! O presságio de sua esposa estava mesmo certo! Droga, ela ficará ainda pior com a

confirmação!

— Não pode ser! Tem certeza, cadete?

— Sim! Aliás, a mulher está histérica e diz que não sairá sem que retirem o corpo do amigo!

— Pois não deixem que ela permaneça e tirem-no de lá. Ele merece essa prioridade! – Me entristeço com a notícia e sento arrebatada no sofá.

— Me mantenha informada. – Desligo o telefone.

Capítulo 21

Seis dias depois

Simone

— Bom dia, maluquinha! Estou liberada! – Entro de surpresa no quarto do hospital em que Jessica está preparando suas coisas para sair. Uma de suas muitas namoradas, cujo nome me é desconhecido, a acompanha e sorri de forma amigável quando me vê. Essa parece a mais bela de seu harém inverso, se é que posso chamar assim. Ruiva, de cabelo curto e liso, com a nuca a mostra, olhos verdes e um piercing no nariz. Realmente, muito bonita. Jessica, uma morena iluminada com cabelo ondulado e preto como um carvão e com traços de índia, sempre fizeram os homens de todo escritório babarem por ela.

— Então, está voltando para casa? – pergunta com olhar preocupado por eu morar sozinha.

— Não! Meus pais estão aí, e agora estão me levando para o interior. Disseram que não querem mais se desgrudar. Disseram que ter deixado eu me virar quando fiz meus dezoito anos não foi uma boa ideia.

— Ah! Fico tão feliz por você! – Jessica abre os braços, eu me afundo em seu abraço, então, continua com sua voz abafada: – Obrigada por ficar comigo e me perdoe por tudo que disse. Eu realmente estava fora de mim! Eu não teria conseguido se não fosse por você!

Me emociono, mas não deixo que ela perceba.

— Melhor eu correr, antes que meus pais entrem aqui e me arrastem por essa porta. – Sorrio, mas não consigo disfarçar o quão emocionada estava.

— Você está chorando? – pergunta espantada.

— Não mesmo! – Seco a lagrima e dou outro sorriso, depois beijo a testa da minha única amiga e vou-me embora antes que eu passe mais vergonha!

Kelly

— Querida, estou feliz que tenha resolvido dar outra oportunidade para seu pai! – Minha tia segura minha mão.

— Agora eu só tenho vocês dois. E tenho que tentar me entender com ele de qualquer jeito! – respondo me soltando pra fechar a mala com meus pertences.

— Eu gostaria mesmo de ficar mais e ver essa união de perto!

— Não se preocupe, tia! A senhora já fez muito em ter voado até aqui! Não precisava mesmo.

— E acha que eu acompanharia da tv minha única filha ficar soterrada naquele lugar? Ainda mais com seu pai internado desde que recebeu a notícia.

Sorrimos, então, ela me abraça. Minha tia se despede e diz que vai me esperar no carro! Graças a Deus eu não tive nada, mas os médicos preferiram me deixar em observação por uma febre que permaneceu durante quatro dias seguidos. Meu emocional se abalou com o acontecido, além do fato de ter perdido meu melhor amigo.

— Pode me esperar no carro? Preciso me despedir de um amigo – digo ao meu pai que me aguarda no corredor, já saudável.

— Na verdade, vou te esperar bem aqui! Melhor irmos juntos! – diz firme e sorrindo pegando a mala de minhas mãos.

— Pai, eu consigo chegar até o carro.

— Filha, te incomoda se te esperar aqui?

— Não! – sorrio e sigo em frente. Ainda preciso me acostumar com esse amor paternal. Desde que sai do prédio, ele tem ficado ao meu lado feito um cão de guarda. Minha tia disse que ele se sente completamente culpado por não ter tido forças pra estar lá no local do acidente. Mas só de saber que a remota ideia de me perder o fez ficar rapidamente doente, me mostrou o quanto ele me ama de verdade. Vamos trabalhar isso, eu não posso me afastar mais do meu pai!

...

— Olá, posso entrar? – Bato na porta entre aberta do quarto onde Léo está internado.

— Claro! – Ele sorri e se ajeita na cama. Ele está na companhia de um de seus companheiros de trabalho.

— E você disse que não tinha nenhum bombeiro bonito no seu batalhão – digo me referindo ao negro lindo e forte como touro que saiu e nos deixou a sós.

— Ah, você também não! Toda mulher que o conhece me deixa pra ficar com ele. — Ele ri decepcionado, enquanto me aproximo e me sento ao seu lado na cadeira disponível.

— Queria me despedir e te agradecer, você foi muito paciente. Um verdadeiro herói!

Ele tira o cobertor e se ajeita, ficando de frente para mim. Mesmo com essa roupa de hospital, Léo permanece lindo.

— Quando soltei sua mão para que chegasse ao estacionamento, não te agradei atoa! Você me salvou também. Fez me libertar do meu passado! — Ele sorri, fazendo meu corpo estremecer. — E sabe do que mais? Você ainda não se libertou do seu... Não fique presa a sei lá o que que já passou!

Eu sorrio e meu coração aperta. Eu vim aqui para isso! não posso me acovardar! Suspiro e digo de uma vez:

— Você me perdoa?

— Mas, do que? — Ele não entende.

— É a única pessoa para quem que quero contar isso. Mas você não tem obrigação de ouvir!

— Fique à vontade!

— A três meses, Beto me encontrou desacorda em casa. Cleiton havia me ligado e dito que queria conversar. Eu, inocente, aceitei. Ele foi a minha casa e não dizia nada com nada, aparentemente drogado. Ele estava completamente transformado, e eu ainda tentei ajudá-lo, mas em algum momento alterei a voz para ele que não aceitou bem e me desmaiou com um tapa na cara. Na verdade, não foi o tapa. Eu bati a cabeça no chão quando cai... Enfim! Beto estava tentando me ligar e como eu não atendia, ele veio até minha casa, sempre foi contra eu receber o Cleiton e eu não o ouvi. Logo, a ambulância chegou para me socorrer, Beto me deixou e foi furioso atrás de Cleiton. Depois de discutirem e Beto lhe dizer coisas terríveis... Cleiton tirou a própria vida. Na frente de Beto — solto, junto com um suspiro que tira um peso de meu peito.

— Kelly... — Léo se espanta.

— É, foi complicado vê-lo se culpar... E, por isso, ele se tornou tão pessimista e até irritante. Na cabeça dele, nada termina bem quando se começa errado. Então, ele não conseguia acreditar que algo daria certo naquele soterramento... Por isso ele parecia tão ruim.

Respiro, com um alívio enorme. Eu queria desfazer a imagem ruim de Beto para Léo.

— Nunca o achei uma pessoa ruim. Beto era louco por você, eu achava que era de amor, mas vi que eram como eu e Jessica! Eu também faria qualquer coisa para protegê-la

— Sim! Éramos muito ligados! – deixo meu semblante esmorecer — Me desculpe, mas eu achei que precisava te contar isso.

— Ei! – ele segura minha mão — Pode me contar qualquer coisa... Sempre! E que tal começarmos nesse sábado? Um encontro, e você me conta mais de você, e eu te conto mais de mim!

Sorrio sem graça, eu não podia negar, eu estava mesmo atraída por ele. E aquele beijo não saiu da minha cabeça. Porém, antes que eu possa responder, somos surpreendidos por Jessica que invade o quarto.

— Leonardo Amorim, se não sair de um chamado sem um encontro marcado, não seria você! – ela debocha se aproximando e nos fazendo sorrir

— Não fala isso. Kelly vai achar que eu saio com todas as vítimas que atendo.

— E não é?

Eles brincam e eu sorrio admirando a cumplicidade deles. Depois de alguns minutos saio do quarto, mas não sem antes deixar meu número de telefone com Léo.

Capítulo 22

Duas semanas. Duas semanas se passaram desde que fomos resgatados. Ao contrário do que imaginei, não estou tão traumatizada, tenho conseguido dormir, com ajuda de remédios, mas estou dormindo bem... talvez, tudo que tenho feito para melhorar tenha me tranquilizado. Coisas que nunca pensei que faria, como: agido com rapidez para resolver minhas pendências com meu pai, ter feito das tripas coração para ajudar a Carla a colocar a vida em seu lugar, e até mesmo ter passado um tempo com minha tia, que não eu não via há mais de cinco anos.

...

— Então, foi criado com a família do Caio? – pergunto para Léo enquanto pego minha bolsa .

— Sim! No começo foi difícil, mas me acostumei! – Léo respondeu saindo da mesa.

— Fazem um belo par de irmãos. – Digo para implicar com ele a respeito da beleza de Caio.

— Nem pense nisso. – Ele sorri e cutuca meu braço. — Eu sofri muito nos primeiros meses. Não aceitava ter perdido meus pais e ter que morar com a família do meu melhor amigo. Mas com 20 anos, Caio resolveu que queria ser bombeiro e fui atrás! Nem sei por quê. – Ele ajeita as mãos nos bolsos da jaqueta e continuamos a caminhar para fora do restaurante.

— Eu deveria ter tido esse pensamento. Seguido alguém! Eu me achava esperta, mas a verdade é que nunca confiei em mim mesma. Por isso, não consigo voltar para faculdade e me tornar uma cirurgiã.

— Ainda dá tempo. Você é nova, Kelly. Tem todo tempo do mundo pela frente.

— Eu ainda não sei se quero lidar com mais problemas... Vou dar tempo ao tempo. – Ele balança a cabeça negativamente com a minha resposta.

— Reparou que estamos juntos a três horas e já sabemos coisas bem pessoais sobre o outro? – Ele retira as mãos do bolso, para em frente à

minha casa e cruza os braços.

— Na verdade, não. — Tento disfarçar quando eu nem mesmo estava ouvindo direito.

— Não reparou quando contei que eu tive catapora com vinte e três anos e que minha nádega direita tem várias manchas? — ele me questiona sorrindo, e eu espremo os olhos e sorrio de volta.

— Não era na coxa?

— Sim! Só queria saber se estava atenta... Parece distante nesses últimos segundos.

— Eu estava pensando em outra coisa... — Olho para baixo timidamente. — Pensando se deveria deixá-lo ir embora ou o chamá-lo para entrar... — Deixo minha afobação costumeira tomar conta — Desculpe, mas você quer entrar? — desconverso e crio coragem para convidá-lo.

— Se não estiver ok para você melhor não. — Ele parece ter ficado desajeitado com meu convite

— Léo – digo, sorrindo para ele —, eu estou te convidando.

— É verdade! – retribui meu sorriso sem jeito.

— Não somos mais estranhos, Léo – digo lembrando nosso primeiro beijo naquele prédio destruído, enquanto subo os degraus da portaria o deixando onde está.

— É! Não somos mais estranhos Kelly – repete, subindo dois degraus de uma vez até chegar a mim.

— O que foi? – perguntei quando vi que ele estava tão próximo do meu rosto que eu não poderia sequer respirar sem que ele sentisse meu hálito. O problema não era a distância, e sim a seriedade que ele olhava em meus olhos. Tão profundo que me excitou.

— Nada! Apenas tentando não ficar nervoso perto de você.

Gargalho e, com isso, quebrei o clima. O porquê, eu não sei. Ele se afasta e desiste de me beijar... *eu acho que ele ia mesmo me beijar!*

— Vem, vou te mostrar meu apartamento – digo, abrindo o portão. Entramos e o deixei na sala e fui direto a cozinha, estava um pouco tensa por ter acabado com o clima na portaria e fazia tanto tempo que não tinha um homem em minha casa.

Enquanto me distraio, pensando que ele estava na sala, sou surpreendida por suas mãos em meus ombros, afastando meus cabelos para o lado. Antes que eu pudesse demonstrar meu espanto com sua aproximação

inesperada, ele me fez suspirar com beijos leves em meu ombro. Enquanto sorrio e me delicio da sensação dos seus lábios em minha pele, ele se aproxima do meu ouvido sussurrando:

— Se quiser eu paro. Talvez ache cedo para isso.

— Já disse, não somos mais estranhos – digo ofegante. E implorando mentalmente para que ele não parasse mesmo.

— É. Tem razão, não somos mais estranhos – diz, e continua a passear seus lábios por meu ombro até meu pescoço enquanto dita as palavras pausadamente. Solto um gemido alto depois que ele para e mordisca minha orelha.

Com seus dedos em meus cabelos, ele acaricia meu corpo com a outra mão. Fazendo-me lançar o corpo para frente, gesto que faço sem medo de demonstrar minha excitação. Me entrego a sensação de posse quando, com suas duas mãos, ele começa a ajeitar meu cabelo para alto, e acho isso interessante. Ele encosta seu corpo grande e forte contra minhas costas e sinto o frio na barriga com a aproximação. Sua língua quente passeia por minha nuca. E então, de repente, ele para. Segura forte meu cabelo em sua mão, fazendo-me morder o lábio para tentar controlar minha expressão exagerada de quem gosta dessa pegada mais forte. Permaneço intacta e sinto sua barba rala roçar em meu pescoço nu, ele desce sua mão livre à frente do meu corpo e abraça meu quadril pelo lado esquerdo. Eu suspiro mais uma vez, mais ofegante impossível. E repentinamente, voraz, ele me gira ainda segurando meu cabelo no alto com a outra mão, e eu me solto um gritinho, daqueles safados e sapecas. Sorrio quando me encontro de frente a ele, o olho de baixo, já que nem mesmo os saltos me fizeram ficar de seu tamanho. Seus olhos me encarando com tanto desejo, tão sério e sexy que me sinto a *Ana de Cinquenta Tons de Cinzas*. Esperando ser torturada em prazer no quarto vermelho.

Ele solta sua mão e deixa meus cabelos caírem sobre meus ombros. E a sensação deliciosa de suas mãos fortes em minha cintura me faz viajar em ideias. Logo ele me traz para perto do seu corpo excitado, e quando sinto sua ereção elevo minha mão para tocá-la, mas logo sou impedida, e com seu sorrisinho delicioso fico incapaz de desobedecê-lo. Ele desce suas mãos por meu corpo e logo para.

— Posso? – ele pede permissão para subi-las por dentro do meu vestido.

— Claro – respondo.

Leo flexiona seus joelhos para se posicionar mais fácil frente à minhas pernas, e com suas mãos, aperta com força minhas coxas. fazendo-me abrir as pernas e me segurar na bancada fria atrás de mim para me contorcer. A sensação das suas mãos em minha virilha faz com minha calcinha fique mais molhada e enlouqueço de prazer. A sensação de suas mãos firmes tocando minha pele, enquanto desliza suas mãos para cima dentro do meu vestido, é maravilhosa. Então, ele as paralisa em minha cintura e a aperta com tanto desejo que eu gemi inesperadamente, um gemido de puro prazer. Aquela área era novidade para mim, ninguém nunca me fez sentir tesão apertando minha cintura. Ele desce novamente suas mãos por meus quadris e leva junto minha calcinha que desliza por minhas coxas com suas mãos pesadas e firmes.

Depois de jogar o pequeno pedaço de renda branca no chão, ele se levanta e vem direito em minha boca e me beija sedento. Ah, esse beijo me enlouquece, ainda mais com essas suas mãos pressionado a minha cintura com força e me empurrando contra a bancada. Sinto mais um pulsar entre minhas pernas, a falta da calcinha faz com que eu sinta toda essa sedução. O beijo, suas mãos, seu corpo e a bendita falta da calcinha me descontrolam, e preciso abrir as pernas pois o líquido escorreu por elas.

— Puta que pariu! Vou acabar gozando antes mesmo de você encostar em mim. – Com os olhos fechados e a cabeça lançada para trás apertei seus braços e gemi alto contorcendo meu corpo de prazer e excitação em exagero que sinto. E ele sorri sorrateiro e me encara:

— Não! Ainda não... – sussurrou.

— Não aguento mais... Léo! – suplico.

Ele sorri, dá um passo atrás e tira sua camisa, e não me permite sequer encostar em seu corpo que parece ter sido desenhado em aplicativo de montagem. O Hematoma roxo ainda está lá, mais claro, mas está.

— Ok, está pronta? – pergunta inclinando a cabeça para o lado encarando meu corpo um pouco mais afastado de mim.

— Humm... Seja lá o que for, eu estou mais que pronta! – respondo divertida, imaginando que transaríamos sobre essa bancada de mármore preto, recém trocada de minha cozinha. Mas, ele dá dois passos em minha direção. Para em minha frente, me encara e me faz ficar distraída fitando seus olhos, então se inclina para baixo, e enquanto me olha, ele segura

firme em minhas coxas e subitamente me levanta e me encaixa em sua cintura fazendo meus sapatos de salto alto ficarem pelo chão da casa, enquanto me carrega até a sala onde ele abre suas calças, mesmo comigo ainda travada em sua cintura. Ele fica pelado em segundos e sem nem mesmo me tirar de cima dele. Então vagorosamente, me deixa sentada a beira da mesa de jantar de madeira maciça que comprei pelo durabilidade, mas agora sei que tem um motivo melhor para agradecer por ela ser tão firme.

Eu não sei o que espera por mim essa noite. Mas sei que meus vizinhos não vão gostar de me ouvir gemer tanto.

Capítulo 23

— Bom dia estranha! – Léo está se vestindo na tentativa de mais uma vez voltar para casa, após três semanas dormindo na minha casa.

— Ah! Novamente isso? Já não sabemos onde isso vai dar? – zombo rolando na cama

— Dessa vez é sério! Você não pode me coagir.

No dia seguinte a nossa primeira noite juntos, Léo dormiu em minha casa, preparamos uma mesa exageradamente farta no café da manhã, tomamos banho juntos e – geralmente – sexo no banheiro dá sono, então nos deitamos na cama para cochilar um pouco e assistimos um ou dois episódios de *Friends*. Ficamos assim até dormir novamente e acordarmos na hora do jantar, então, nos arrumamos e fomos a uma churrascaria. Quando ele veio me trazer em casa, acabamos por ficar no estacionamento e subimos direto ao meu apartamento, fazendo amor no meu tapete novo.

Depois, o banheiro. O corredor. O meu quarto. Aí por diante. Já batizamos todos os cômodos desse apartamento. E com uma maratona tão pesada de sexo, acabávamos voltando ao bom e velho cochilo, em que, por acaso, ele passou mais uma noite. Temos feito uma espécie de ritual, e desde então Léo não vai em casa, resumindo: nós não nos desgradamos.

— Não pode ir embora – reclamo.

— Também tenho casa sabia?

— Gosto de ter você por aqui

Ele me olha e inclina a cabeça cedendo e beijando minha testa. Dessa vez, sinto que ele realmente voltará para casa.

— Ok, vou tomar meu banho, você devia me acompanhar – digo me levantando subitamente da cama, nua, exatamente como dormi na noite passada.

— Não, obrigado! Já tomei o meu... – Ele para o que estava fazendo e me olha. — Não faz isso, é jogo sujo! – Ele está estagnado segurando a porta do guarda roupa.

— Ei! Você não manda em mim, eu ando assim em casa – grito atravessando o corredor enquanto me divirto pegando seu tênis ao chão e

levando para o banheiro comigo. — Eu moro sozinha lembra? — o provoco, enquanto ligo o chuveiro.

— Sim, e tudo está prestes a voltar como era... E nós nos veremos no sábado. Chega de sexo mocinha, foi assim que nunca mais voltei para casa! — Sua voz parece preocupado.

— Mas hoje ainda é terça feira! — protesto me preparando

— Kelly, viu meu outro pé de tênis? Jurava que o tinha deixado no corredor! — indaga, ignorando meu questionamento.

— Ah? Ah, sim! Está aqui no banheiro, perto da pia.

Enquanto ouço seus passos me encosto a essa parede de azulejos fria e assim que ele entra começo colocar meu plano em prática. Com a porta do Box aberta, tenho certeza de que a visão de Léo não será prejudicada. Então desço minhas mãos por meu corpo e deixo uma delas parada em meu seio e o acaricio, enquanto meus dedos trabalham vagarosamente em meu clitóris. Confiro se ele está mesmo me olhando e quando o vejo engolir seco admirando minha atitude de me tocar, fecho os olhos e rapidamente sinto o líquido espeço umedecer a ponta dos meus dedos e me entrego ao prazer que eu mesma me proporciono.

— Deixa que eu termine isso para você, Kel... — Sou surpreendida por sua boca quente encostada na minha e por suas mãos pesadas tomarem com delicadeza o lugar da minha. E quando ele me chama de Kel, já sei que é porque está rendido!

Ele mesmo quem me disse!

— Está de roupa!

— Não deu tempo de tirá-las.

— Deixa que eu faço isso para você, Leonardo! — provoco enquanto desabotoo suas calças.

— Ei! — Ele segura minhas mãos me impedindo de continuar a despi-lo. — Mas só veremos três episódios de *Friends*.

Concordo e sorrio por ele decidir ficar...

...

— Não está enjoada dessa nossa rotina de ficar em casa, comer na rua, ver série e dormir? — Léo pergunta fechando o notebook que estava usando.

— Ah... normalmente eu estaria sim, mas, no meio dessa lista aí, tem o sexo com você, então a resposta é não!

— O sexo não está em questão aqui, moça... ninguém enjoa de sexo — diz, se levantando da mesa e vindo até mim, que estou jogada no sofá, lendo um livro. — Faz quatro semanas que só vou em casa para pegar roupa e volto para cá. — Ele senta ao meu lado — Mas enfim, que tal se cancelássemos essa rotina, e levássemos esse sexo gostoso para a estrada dentro de um carro?

— Como assim? — Me interesse e fecho o livro, sentando de frente para ele no sofá.

— Entramos no meu carro, seguimos por uma estrada em direção a vários lugares legais... os históricos, as cidades pequenas sem atrações, e até as praias. Dirigimos durante o dia e a cada cidadezinha dessa paramos. Aproveitamos o lugar, seremos turistas em nosso próprio estado! E a noite, dormimos no carro mesmo. Vez ou outra em um hotel. Mas sem luxo: só uma cama, um banheiro. Não precisamos nem mesmo de café da manhã, pois sairemos cedo e iremos comer onde nos der na telha pela região. — Ele explica empolgado.

— Que legal! Dois desempregados viajando pelo estado...

— Estou de licença... É diferente de você que não quer retornar ao estudos e ser mesmo minha grande doutora!

— Vamos voltar ao assunto da viagem? — pigarreio para mudarmos de assunto e me levanto para ir até meu computador.

— O que está fazendo? — Ele pergunta.

— Olhando minha conta. Acho que não tenho tanta grana assim. — Ele se levanta e fecha meu computador, me deixando arisca.

— Meu bem, eu estou te convidando! Você só precisa dizer que sim, fazer as malas, e uma boa playlist para a viagem. E o mais importante: levar esse sorrisinho a viagem inteira!

Capítulo 24

“Meu escritório é na praia, eu tô sempre na área, mas eu não sou da tua laia não!”

O rádio da oficina toca a música e cantamos juntos, estamos nos divertindo e olhando um para o outro enquanto o borracheiro troca o pneu do carro – que furou no nosso terceiro dia de viagem.

— Charlie Brow... Quem não gosta? – O rapaz sorri nos vendo cantar o refrão da música junto ao cantor.

Alguns longos minutos depois, estamos de volta a estrada, Léo está radiante! Sorrindo sem parar – e eu me divirto com seu sorriso. Gosto de vê-lo sorrir assim, antes de sairmos do desabamento, eu não podia imaginar que esse sorriso poderia ficar ainda mais lindo.

— Eu sempre quis saber... Antes de o prédio desabar, você saiu do elevador chorando... por quê? – Leo pergunta de repente.

— Que péssima lembrança, Léo!

— Nunca mais vou esquecer aquele dia! Foi a primeira vez que a vi.
– Ele me encanta com suas palavras

—Resumindo: eu estava em uma entrevista e fui reprovada. Assim. De cara! O rapaz que me entrevistou disse que meu temperamento acelerado me impediria de tomar decisões certas na função que eu me habilitei.

Não falamos nada, então, ele faz uma careta como quem sente muito, porém, permanece em silêncio. Para mudar de assunto, resolvo implicar com ele:

— Ainda não acredito que nunca foi a praia – digo olhando.

— Pois acredite! Nunca tive vontade de conhecer....

Estamos a caminho da cidade maravilhosa, a direção que seguíamos era outra, contudo, após visitarmos três cidades, decidimos fazer a conversão e ir em direção contraia. Léo liga o carro no modo automático, sorri, me olha e segura minhas mãos com força – enquanto com a outra ele segura a direção. Quatro semanas ao lado dele e já sei que é a melhor companhia que eu poderia querer após três dias presa aos escombros de um

prédio que poderia ter desabado por completo em minha cabeça. Melhor jeito de comemorar minha nova vida!

...

— Estamos chegando, Kel... – Ele me acorda com delicadeza e sorriso ao ouvir sua voz.

Algum tempo depois, paramos em um pequena pensão, bem como tínhamos combinado: quarto pequeno, cama de casal desconfortável, um banheiro antigo e nada de café da manhã de cortesia.

— Falta de comodidade... feito – brinco, sentando-me na cama com colchão de espuma velho.

— É! Acho que exagerei dessa vez, não é? Olha só essa fiação... é perigoso dar um curto e queimar toda essa casa e... – Léo sai do banheiro questionando o ambiente, analisando-o como todo bom bombeiro e é pego de surpresa pela dona do local que estava trazendo toalhas limpas para nosso quarto. Eu tapo a boca para esconder minha risada do flagrante, enquanto ele tenta disfarçar e a dona do local o encara com um olhar feroz.

— Bom, a casa é mesmo antiga e... quer saber? – Ela repensa o que iria dizer. — Há uma pensão mais aconchegante do outro lado da rua se preferir. – A dona do recinto até tentou não se abater pelos comentários maldosos de Léo, mas logo desiste, Léo a encara com os braços cruzados, logo retira a carteira do bolso permitindo manter seu distintivo seguro em suas mãos. A senhora se espanta e logo parece arrependida por ter sido tão rude, tapo os olhos de vergonha, já planejando uma boa bronca nesse bombeiro de licença médica.

— Sou bombeiro, e poderia autuar o estabelecimento por estar fora dos termos de segurança. O que fiz foi apenas comentários com minha namorada. – Me espanto, alegre com a palavra *namorada* que escapa de sua boca, ele continua: — Não vim a trabalho, mas sugiro que verifique a situação da senhora. Vamos, meu bem. – Ele passa a mãos em sua mochila a coloca nas costas e estica a mão para que eu a segure, apenas o sigo em silêncio, puxando minha mala pela alça. Continuo calada e somente ouço nossos passos e a rodinha da minha mala deslizando pelo piso amadeirado do local.

— Será que eu devo voltar e dizer que você é bombeiro, mas não atua aqui na cidade? – Cruzo os braços, preparando meu sermão, enquanto ele,

já dentro do carro, coloca o cinto de segurança.

— Droga! Ela foi muito grossa. – Ele contorce os lábios e se vira para mim com olhar caído. — Te envergonhei, não foi?

— Sim! E sim! Para as duas perguntas: ela foi grossa, mas você estava falando mal do estabelecimento dela, e espero que você não seja do tipo que dá carteirada e faça sua namorada passar vergonha.

Ele sorri, olhando fixamente para frente com os braços esticados sobre o volante. Sem dizer nada, desce do carro, dá a volta, abre a porta para mim, estica sua mão para que eu a pegue novamente e eu o faço, saindo do veículo.

— Vem comigo – pede

— Ainda nem nos acomodamos... aonde estamos indo? – Pergunto enquanto ele anda em minha frente me puxando pelas mãos muito empolgado.

A nossa frente está um mar maravilhoso, azul límpido. Acima de nossas cabeças, o tempo faz aproximadamente 39° graus. Paramos a beira de um estacionamento com uma parede feita de pedras claras.

— Quer namorar comigo?

Me espanto com as palavras, mas me alegro de modo insano por seu pedido inesperado. Amo esse jeito espontâneo dele de querer e simplesmente dizer, sem cerimônias.

— Só se prometer não me fazer mais passar vergonha. – E aproximo e estico meus braços em volta do seu pescoço.

— Prometo! – responde e nos beijamos de maneira intensa. Sinto suas mãos em minha cintura e antes que eu possa pensar, ele me ergue acima de sua cabeça e diz, sorrindo:

— Namorada!

...

Quarto dia de viagem e temo não conseguir mais ficar longe do Léo quando voltarmos. Não nos desgradamos desde que saímos do hospital. Estou tão acostumada com sua presença em minha vida que acho que ele poderia vir morar comigo. Eu penso em convidá-lo, mas temo estragar o clima da viagem com algo que pode lhe deixar desconfortável. Esses dias juntos têm nos sido importante, já sei tanto sobre Léo quanto ele sabe sobre mim.

Tivemos uma manhã maravilhosa, fizemos uma trilha a pé com um grupo especializado por uma mata fechada, seguido por um mergulho com os peixes e até conseguimos ver golfinhos na viagem de barco. Enquanto eu me distraía com a maravilha de poder nadar com os peixes naquela água tão límpida, Léo se aproxima, me abraçando por trás e me derretendo com suas palavras.

— Eu te amo!

— Eu também te amo! – respondo me virando para ele.

Não foi desconfortável, na verdade, parecia que era a coisa mais normal do mundo trocarmos essas palavras. Soou tão natural que não houve constrangimento. Não era mentira, eu o amava. Me apego com muita facilidade, mas com Léo não é apego, é mesmo um sentimento forte que faz meu peito doer só de pensar em perdê-lo um dia.

— Está pronta para minha surpresa? – Léo invade o pequeno banheiro onde estou me maquiando, tentando esconder minhas maçãs avermelhadas pelo sol.

Léo está a manhã toda falando sobre uma surpresa, desde que descemos no porto e almoçamos. Agora, me trouxe esse vestido longo de linho, que adorei e até achei ser a tal surpresa. Mas estava enganada, a única coisa disso tudo que sei é que precisamos estar no topo de uma montanha antes do pôr do sol.

Após quarenta minutos dentro de um jipe – com um agente de turismo e subindo uma serra surreal –, começo a avistar pequenos focos de luz, num lugar que parece um vilarejo. Nos aproximamos e na verdade é um restaurante todo feito de madeira, ainda estamos longe de chegar a sua portaria. Mas o carro não pode avançar mais e o motorista nos deixa a entrada de um caminho iluminado por tochas de bambu, que nos leva direto a entrada do restaurante, com ar romântico e uma iluminação amarelada no seu interior. Uma moça muito educada nos recebe e nos direciona a parte traseira do local, onde todas as mesas estão ao ar livre. Caminhamos em direção a uma mesa solitária, abaixo de uma linda árvore, em volta da mesa há mais uma boa quantidade de tochas de bambu – a iluminação se faz necessária já que nos atrasamos e o sol está quase no fim de sua aparição.

— Como encontrou esse lugar? – perguntei quando nos acomodamos em nossos assentos a mesa.

— O Adam, o agente de viagem que nos trouxe hoje, falou do lugar e fiquei muito interessado. Nós vamos embora amanhã e não podíamos partir sem conhecer esse lugar.

— E te agradeço por isso, rapazinho! – sorrio e seguro sua mão que está livre sobre a mesa

— Boa noite, meu nome é Felipe, e servirei vocês essa noite! – Um jovem garçom se aproxima e se apresenta. — O jantar será servido em 5 minutos, senhor.

— Meu Deus, que elegância! Nunca fui a um lugar chique assim. Na maioria das vezes, eu só entro no restaurante do centro, pego um prato, e me dirijo até o self-service, que, aliás, tem tanta variedade que eu acabo não pe...

— Quer casar comigo? – Léo me interrompe bruscamente e até mesmo morde o lábio inferior, demonstrando seu nervosismo. Meu coração acelera e começo a tremer. Ele segura forte minha mão por cima da mesa e eu continuo sorrindo de nervoso e permaneço em silêncio. Minha tensão me faz sorrir sem parar e meus olhos sequer se direcionam para longe dos seus.

— Me desculpe, eu... Nossa! Eu... – Permaneço em silêncio, o ouvindo. — Estou tão feliz do seu lado, e eu sei que nem tudo são flores, e que temos tempo suficiente para isso, mas já sabemos tudo sobre o outro, até me sinto outra pessoa perto de você! Me sinto bem, seguro e feliz. E você sabe, eu só estive feliz assim uma única vez na minha vida, e dessa vez eu não quero mesmo perder a oportunidade de não passar o resto da vida com a mulher que eu amo.

— Sim! – Sorrio nervosa. — Eu aceito! Me sinto da mesma maneira! Não quero que saia da minha vida, não quero que saia da minha casa... eu pensei em te chamar para morar comigo, mas achei que acharia uma loucura.

— E eu te pedir em casamento, não é? – observa, sorrindo, e acena para Felipe, que entende o recado e traz uma flor lilás, minha cor preferida, e uma caixinha pequena com a aliança.

— Não! Definitivamente não é loucura – digo encabulada pelos detalhes.

Abaixo do restaurante, alguns bangalôs individuais encantavam minha visão. Carlos, outro funcionário, nos conduziu até um deles.

Passamos a noite ali. Nos amando, nos curtindo. A noite foi maravilhosa, nunca um jantar foi tão emocionante em minha vida.

Capítulo 25 *Seis Semanas Depois*

— Não marcou para hoje a sua consulta? – Léo pergunta da cozinha

— Sim! E será em algumas horas – respondo, saindo da mesa e indo ao sofá, um pouco incomodada pelo mal-estar.

— Não melhorou? – Ele se aproxima verificando minha temperatura pela testa.

— Não, e não tive febre. O mais estranho são as tonteiras e essa dor na região abdominal, como se fosse cólica! Espero mesmo que não seja nada.

— E não será! – Ele deixa um beijo em meus lábios. — Me liga e te busco para irmos à loja de decoração.

— Tem certeza que não quer repensar e casar apenas no civil?

— Kelly, de novo com isso? Está com medo de que? Sempre foi seu sonho, me disse isso várias vezes durante a viagem e essa semana mudou de ideia. Aconteceu algo?

— Não é nada! Eu só tenho medo de... de... – Divago e coço a cabeça inquieta, sem saber o que dizer — Na verdade, eu não sei o porquê... sei lá, talvez seja o dinheiro. Vamos gastar muito com isso tudo.

— Já disse, o Caio nos presenteou com a festa inteira. Depois que ele ganhou a tal causa na justiça, resolveu mudar o presente. Não vou recusar ao seu bom coração – argumenta feliz enquanto arruma a bagunça na sala.

— É ! E meu pai vai dar um pequeno ataque, quando souber que não vai poder me recompensar por seus anos de falta de amor gastando rios dinheiro em um vestido de noiva – digo, fadigada antes mesmo do casamento começar.

Léo passa mais uma vez por mim.

— Pois é! Então, vamos fazer as pessoas felizes em gastar conosco. Principalmente, seu pai. Já que você o perdoou pelo passado, não é mesmo, dona Kelly? – Léo zomba, já que tenho mantido distância do meu pai nessa semana.

— Me responda você: por que um casamento tão grande? – confronto.

— Porque eu encontrei uma mulher que me faz feliz, com quem quero passar o resto da minha vida. — Ele se ajeita no sofá colocando minha cabeça em seu colo. — E porque eu quero ter o trabalho de tirar trinta anáguas do seu vestido de noiva na nossa lua de mel. — O encaro com um sorriso bobo, sem acreditar na sorte de ter alguém assim em minha vida!

— Ok, você venceu! Mas vamos nos casar de All star.

— Você quem manda, meu bem! Se quiser, casaremos descalço! — Dou-lhe um sorriso e o beijo.

— Preciso me arrumar — digo, levantando do aconchego de Léo.

— Tudo bem se a Jessica for conosco? Ela quer escolher o vestido. Mas veja só essa mensagem dela: — Ele começa a ler para mim, imitando uma voz feminina, ao entrar no quarto — Bom dia, amigo! Como serei a madrinha do noivo, eu gostaria de deixar claro que só eu estarei mais linda que a noiva.

— Meu Deus! Ela quer roubar minha cena! — gargalho e ele me acompanha com sua risada gostosa.

— Ela é hilária! Mas você terá que se acostumar... Teremos ela para sempre em nossa casa, nos jantares e nas festas dos nossos filhos. Consegue sobreviver a isso? — Ele pergunta se apoiando na porta enquanto me olha.

— Ei! Devagar ai mocinho! Filhos só com três anos de casamento — o ameaço, apontando uma escova de cabelo em sua direção.

— Então, tudo bem aturar a excêntrica Jessica em nossas vidas, mas nada de filhos? — debocha e se aproxima por trás de mim me envolvendo com seus braços. — Eu lembro bem do combinado, medrosa! — E beija meu pescoço.

Quando estávamos em viagem, nós tivemos essa conversa sobre filhos. Léo sempre quis ser pai! E queria uma menina e um ano depois um menino. Já eu, mesmo amando crianças, gostaria de esperar mais para tal! Mas filhos, só depois do terceiro ano de casamento.

...

— Ok, primeiro vou na casa da Jessica e de lá buscamos você e vamos direto para loja de vestidos, depois vamos para a loja de decoração. E, que tal se, apenas se, voltarmos para cá, e eu fizer uma porção bem caprichada e convidarmos a Jessica e seu pai? — ele pergunta.

— Eu adoraria! Preciso contar logo para meu pai que vou me casar! — digo pegando minha bolsa e abro a porta — Meu carro chegou! Te amo!

Até daqui a pouco! – me despeço.

— Até! – Ele me beija. — Te amo!

...

Duas horas depois, estou com resultado em minhas mãos, o médico não possuía certeza qual era o motivo de minhas dores, então pediu vários exames. O resultado me deixa perplexa e, mesmo sabendo que Léo está extremamente otimista, eu não sei bem se saberemos lidar com tudo isso agora! A primeira coisa que penso é em adiar o casamento. *Ou seria melhor manter somente o civil? Droga!*

Eu pego telefone na bolsa para ligar para Léo e ele vir me buscar como havíamos combinado. Entretanto, vejo quinze chamadas não atendidas do número de Jessica. Retorno e ela não me atende. Resolvo conferir a caixa postal que pisca em minha tela dizendo haver uma nova mensagem disponível.

— Ah, só pode ser a Jessica e sua mania de mensagem de voz! – digo a mim mesma enquanto posiciono o telefone em meu ouvido .

— Oi amor! Eu ia ligar, mas seu telefone está fora de área. Sabe, depois que você saiu eu fiquei pensando. Tem razão, deixar que alguém gaste valores altos em um buffet é surreal. Eu te amo, e não precisamos de um casamento fora de série para celebrar o que sentimos. O que importa de verdade é se quer mesmo passar o resto da vida comigo. E você quer isso, não quer?

— Claro! – respondo sorrindo enquanto ouço a voz do Léo do outro lado da linha. Ando até a porta.

— Bom, assim que sair do médico me liga aqui, ok? Vamos desfazer os contratos e planejar um almoço íntimo depois que saímos do cartório. Eu gostaria que fosse no pátio do quartel. Se não tiver problema para você.

— Nenhum meu amor! – continuo a responder a caixa postal, emocionada com sua ideia

— Vou desligar! Meu tempo está acabando... Te amo, Kel... Eu te amo, de verdade!

Eu não podia acreditar! Léo consegue mudar minha concepção de grande dia para um dia mais que especial, e sem gastar milhões! Eu estava empolgada e ansiosa para começarmos a planejar nosso novo plano.

Meu telefone toca e interrompe meus pensamentos. É a Jessica mais uma vez.

— Kelly! Onde você está? Estou te ligando há horas pelo amor de Deus! – ela grita e parece histérica.

— Estou na clínica! O que houve? – pergunto sem entender para que tanto pânico.

— Kelly, preciso que venha me encontrar agora! Seu pai está indo até aí.

— Jessica! O que aconteceu?

— É o Léo! – Sua voz embarcada e trêmula me faz sentar, meu coração acelerado e minhas pernas bambas não conseguem me sustentar quando ela pronuncia as palavras.

Capítulo 26

— Não! Você está louca! Ele prometeu que iria me buscar. Preciso avisá-lo que você me trouxe para cá. – Ignoro Jessica, a enfermeira e meu pai que tentam, mais uma vez, me dar a mesma notícia desde que cheguei a esse hospital. Pego meu telefone na bolsa e disco o número do Léo, que chama até cair na caixa postal e eu, desesperada, converso com sua secretaria eletrônica:

— Meu bem – sorrio —, Jessica já está comigo, então pode vir direto para a clínica... – pauso. — Eu... – Meu pai se aproxima e segura meus ombros, seus olhos estão debulhados em lágrimas. Olho Jessica que saiu e se agachou do lado de fora dessa sala onde me encontro. — Só vem me buscar ok? – finalizo a mensagem preocupada.

Meu pai segura firme em minha mão. E eu não quero acreditar. Meus olhos ardem.

— Filha, eu... Sinto muito.

Meu pai deixa um beijo amoroso em minha mão e meu peito só faz doer. Engulo seco e tento não pensar em nada. Fixo meus olhos na parede branca a minha frente. Sinto a presença de mais uma ou duas pessoas na sala de medicação que me encontro. Uma delas está com uma máscara de oxigênio no rosto e a outra está com uma intravenosa. Eu tento respirar fundo e me lembro que, antes de chegar aqui, eu estava em uma clínica, com o tão esperado resultado dos exames, e agora vim parar nesse local.

Jessica se levanta do outro lado do corredor. Completamente acabada, com seu semblante cansado e seus olhos tomados pela cor vermelha. Os cabelos bagunçados nela, que é tão vaidosa, entregam seu estado abalado. Evita entrar na sala e me encara do outro lado da porta, fazendo-me inspirar e respirar diversas vezes, na intenção de me controlar.

— Pode entrar, Jessica. – Meu pai cede seu lugar para ela. E eu continuo em estado de hiperventilação. Jessica balança negativamente sua cabeça enquanto seu rosto se afoga nas lágrimas que escorrem sem parar. E agora sei. É verdade. Não um pesadelo.

— Por favor, me perdoe! – Ela, então, entra e desaba em meu colo. A sala é tomada por seu pranto alto. Ainda segurando o choro e tentando

manter minha respiração estável, eu me agarro a ela como fosse a minha única saída.... Não quero acreditar!

Alguns minutos depois um médico entra e pergunta se estou pronta. Na verdade, não, não estou! Mas só irei acreditar se eu o vir de perto. Caminho sem forças até o quarto 30-A, os corredores parecem estreitos e compridos, fazendo com que a caminhada até lá pareça uma eternidade.

Então, sou impactada pela imagem do meu noivo deitado em uma cama, um homem com quase dois metros de altura, ombros largos e braços fortes, completamente imóvel e sem sinais vitais próprios. Um homem que estava completamente saudável há três horas, agora, está ligado a um tubo de oxigênio que respira por ele, mantendo o monitor cardíaco ligado. O oxímetro de pulso ainda se encontra ligado ao seu indicador e eu não acredito no que vejo.

— Infelizmente o cérebro dele não responde e não existe um... — O médico tenta me explicar, porém, tudo que faço é desabar em um choro desesperado em cima do corpo sem vida do pai do bebê que acabo de descobrir estar carregando. O médico continua a falar e me desligo dele, focando-me em implorar para que Léo acorde!

— Você pode me ouvir? — Seguro seu rosto com minhas mãos enquanto tento parar minhas lágrimas. — Estou grávida, meu bem! Seu sonho se realizou antes do combinado e você não pode me deixar agora! Léo, acorda! Acorda, Léo, por favor! — grito, histérica, mas não obtenho resposta. Ele não pode mais me ouvir.

...

Trinta minutos mais tarde, já fraca – e sem força até para manter meus olhos abertos –, saio do quarto. Contudo, antes de deixar que Jessica entre e se despeça de seu melhor amigo, a questiono:

— O que aconteceu?

— Léo foi a minha casa assim que você saiu para o médico. Estava o ajudando com o votos. Ele queria dizer algumas palavras dele mesmo. Foi quando teve a idéia de desistir de tudo e fazer algo simples, como te disse na mensagem de voz. Então, eu o parabeneizei por tal atitude e ele me disse “tudo por minha Kel”, para brincar, me levantou no alto como fez a vida toda, sempre que estava feliz. — Ela chora. — E quando me desceu, ele simplesmente caiu no chão, já era tarde demais. Os médicos tentaram

reverter o aneurisma com a cirurgia, contudo, Léo não respondeu ao pós-operatório.

Ela se desmancha em lágrimas mais uma vez.

— E por que me pediu desculpas?

— Se ele não tivesse me carregado estaria bem. Estaria vivo! – grita e eu tento a consolar.

— Não foi sua culpa. Nunca seria – desmanchamos em lágrimas diante do corpo imóvel de Léo e logo a família dele chega.

O FUNERAL

— Meu irmão, sim, pois Léo era mais que um amigo para mim. Ele estava noivo de uma mulher incrível, e ele só pensava em fazê-la feliz. Quando isso aconteceu – Jessica aponta para o caixão. — Estávamos escrevendo seu votos para mostrar a ela e a todos, o quanto ele a amava. Então, eu gostaria de ler hoje o que ele escreveu para ela. É um funeral, o dia mais triste de nossas vidas. Mas eu gostaria de pensar que ele teve tempo de se declarar devidamente antes de partir.

Então, Jessica inicia:

"Nos livros infantis, as donzelas indefesas conhecem um príncipe disposto a salvá-las. Mas na vida real, eu estava em apuros e minha princesa encantada me deu o aperto de dedo verdadeiro. Sim! Quando eu tive o desmaio súbito, foi ela quem resolveu colocar em prática o que aprendeu com o pai, fazendo com que eu acordasse. Obrigada, minha princesa, por não ter tido medo de me salvar." – Jessica chora, mas não perde a pose enquanto recita as palavras escritas por Léo. Palavras que eu ouço também pela primeira vez e que me enchem de amor. — "Obrigado, Kel... por me aceitar, por me amar e por embarcar comigo nessa loucura de casamento repentino. Sei que nunca irei me arrepender."

Jessica dobra a folha, sinalizando que acabou o que estava lendo. Eu mal consigo respirar, pois choro incansavelmente, e não há lenços que possam secar meu rosto. A cerimônia continua e tenho de ir a frente para dizer as palavras que preparei. No entanto, sou amparada por Caio e meu pai que se levantam prontamente quando notam meu estado de fraqueza diante ao corpo frio de Léo dentro do caixão. E a dona Graziela toma a frente para se despedir do filho de criação.

— Quando os pais de Léo faleceram, a primeira coisa que Caio me disse no funeral foi que gostaria muito que ele viesse morar conosco. Eu não hesitei, nossa família o conhecia desde bebê e ele era um adolescente adorável. Perder um filho hoje... — A mãe de Caio tenta dizer algumas palavras, mas também não consegue. E encerra com uma breve despedida. — Obrigada, meu filho, por ter me aceito como sua mãe! Vou sentir sua falta.

Alguns minutos depois de algumas pessoas mais próximas se despedirem dele, caminhamos pelos corredores da igreja que fica dentro o cemitério, rumo ao túmulo em que o deixaremos por toda a eternidade. Entretanto, somos surpreendidos pelo pelotão posicionado na porta da pequena igreja, um ao lado do outro e o comandante João que, posicionado de frente para nós, faz com que os seis homens que carregam bravamente o caixão, pare a caminhada para que, energicamente ele inicie a cerimônia de honras e pêsames do corpo de bombeiros:

— O tenente Leonardo Amorim descansou, mas não sem antes salvar vidas e fazer um trabalho impecável. Leonardo pendura sua farda aqui na terra para se juntar ao batalhão dos anjos. Mas nunca será esquecido. Unidade, atenção! — Ao seu comando, a tropa se posiciona, todos eles com seu corpo rígido, com as mãos espalmadas juntas às coxas e os braços ligeiramente curvos. — Apresentar armas! — Eles erguem as mãos lentamente até a ponta do quepe. — Marchem! — O comandante João ordena, e iniciamos a caminhada pelo corredor repleto de bombeiros e amigos. Esses que foram a verdadeira família de Léo.

Capítulo 27

Dia 7

— Querida, você precisa se alimentar. – Meu pai volta ao meu quarto mais uma vez e eu me recuso a abrir meus olhos para vê-lo. – Kelly, sei que dói. Faz apenas sete dias. É normal ainda sofrer. Mas lembre-se do seu bebê. Você precisa cuidar dele!

Suas palavras me rasgam por dentro, e sofro por ter que me obrigar a comer para não matar o fruto do meu amor por Léo que carrego na barriga. Me ajeito e, sentada na cama, me rendo a seu pedido.

— Isso. Mais um pouco e você poderá voltar a dormir. – Pacientemente, meu pai leva a colher em minha boca, o gosto é bom. Mas não consigo saborear como deveria. Um caldo reforçado. Talvez uma canja... Não sei. Estou de olhos abertos, no entanto, na verdade, não estou olhando nada. Após algumas poucas colheradas começo a recusar e ele não insiste.

— Ok. Em três horas volto com uma fruta. Tudo bem?

O ignoro e volto a me afundar na cama com meu cobertor que trouxe de casa na esperança de sentir o cheiro do Léo. Mas se passaram sete dias. O cheiro dele se apagou com o suor do meu corpo que está sem banho desde o funeral.

— *Não quero sair do seu lado nunca mais!*

Minha memória me leva a um dia em que estávamos juntos e ele me disse tais palavras. Estávamos deitados no sofá da minha casa, abraçados, e enrolados nesse mesmo cobertor pela madrugada fria, enquanto incansavelmente assistíamos nossa serie preferida.

— Então, por que me deixou? – O questiono em voz alta, tirando a coberta da minha cabeça. Mas não obtive resposta. Pois ele não está aqui.

Dia 8

— Pedi um hambúrguer do seu lugar preferido. – Meu pai invade o quarto trazendo nas mãos esse hambúrguer com cheiro bom. — Coma! Ao menos um pedaço – insiste. Eu o ignoro. Mesmo querendo, não tenho forças para comer. Ele dá a volta na cama, ficando de frente para meu rosto, quando se senta ao chão, puxa a coberta da minha cabeça e feito um

passarinho ele me alimenta, pedaço por pedaço, que ele tira com as mãos e coloca em minha boca.

— Ótimo! Cinco pedaços, é melhor que nada! Agora já pode tomar sua vitamina. – Ele coloca o comprimido em minha boca e insiste com um canudo e eu sugo a água do copo, mesmo sem vontade.

— Pronto! Estarei na porta se precisar!

Meu pai tem dormido na porta do meu quarto desde que voltei do funeral, ele colocou seu colchão no chão do corredor e mantém sempre a porta entreaberta para me vigiar.

Dia 9

— Ainda na mesma? – Ouço Carla perguntar ao meu pai enquanto eu finjo dormir.

— Sim! Mas vai passar, quando ela perdeu a mãe foi a mesma coisa. Agora, pelo menos eu sei bem como lidar, dando espaço e cuidando de longe! Graças ao bebê ela está se alimentando.

— Mas quando perdeu a mãe, ela tinha o Beto... Deus sabe como ele já teria a tirado dessa cama. – Carla bufa saudosa e suas palavras me fazem ainda mais triste pensando no quão certa ela estava.

Ela afaga meu braço e continuo imóvel.

— Sei bem o que está sentindo, querida. E como pude contar com você, quero deixar claro que também pode contar comigo! Fique bem – diz e logo se levanta.

— E como vou olhar para esse bebê e não pensar nele? – Viro-me bruscamente na cama e ela, que já estava chegando à porta, volta a atenção em mim.

— E quem disse que não vai? Esse bebê é a maior prova do amor de vocês, e o terá para sempre. Ter um filho do homem que ama te ajudará a ter certeza de que o que viveu não foi um sonho! – sorri e sinto a lágrima quente escorrer por minha face e Carla me abraça.

Dia 10

— Bom dia! Está pronta? – Jessica entra no quarto e eu a ignoro. — Vamos Kelly, é pelo bebê – insiste e eu viro meu corpo na cama e lhe dou as costas, mesmo assim, ela não desiste. — Kelly, você precisa tomar um banho. É o primeiro pré-natal. Não pode perder!

Continuo como estou e ela se aproxima, retirando de uma só vez o cobertor de cima do meu corpo. De reflexo, me viro assustada com sua atitude. Ela me ignora e, por ser mais forte que eu, em todos os sentidos, me arrasto para fora da cama e eu já não tenho se quer forças para lutar com ela. Até tentei me esquivar, mas Jessica logo me recuperou dizendo que eu estava fedendo.

Já no banheiro – o qual ela trancou a porta com medo de que eu fugisse –, Jessica inicia o discurso e eu continuo fraca e me negando a entrar no chuveiro.

— Não quer conversar? Ok. Mas tire a roupa, tome um banho e vamos à sua consulta. Ou eu te deixarei a mercê do seu pai que não pode fazer mais que amar e cuidar de você. Mas, lembre-se, se ficar nesse estado deplorável, vai perder seu bebê. Tudo o que restou do Léo vai se perder. – Me assusto com suas duras palavras e ela nota, cruza os braços e percebo que ela não está de brincadeira. — É isso o que quer?

Não a respondo verbalmente, apenas retiro a roupa, fazendo-a me deixar quando ligo o chuveiro.

Me olho nua no espelho que há dentro do box e me sinto magra. Minha barriga ainda não aparece, são só sete semanas. E, nesse ritmo, provavelmente só aparecerá com nove meses. Me incomodo de repente com minha aparência, me lembro da dor da perda e percebo que Léo não estará comigo no parto, então, me agacho no banheiro para chorar enquanto a água cai sobre meu corpo nu. Começo a urrar de desespero e Jessica invade o banheiro desesperada.

— Meu bem... Estou aqui. Se acalme. – Ela entra pela porta de vidro que separa o chuveiro do restante do banheiro me levanta, me abraça forte e não diz mais nada. Apenas me abraça. Quando consigo diminuir a intensidade do choro, começa a me esfregar com a bucha que está atrás dela

e eu fico imóvel, com o corpo fraco e com os braços despencados em direção ao chão, junto com um rosto tão abatido quanto possível.

— Pronto. Quer que te enxugue? – pergunta e eu nego com a cabeça. Ela sai do banheiro, completamente ensopada. E seu gesto me deu um pouco de força. E penso que era hora de tentar melhorar.

— Pode escolher algo no meu guarda-roupa... para se trocar – digo baixinho e ela sorri animada por ouvir minha voz.

Após a consulta, Jessica me deixou em casa, e viemos em silêncio todo o caminho. Eu não queria conversar, e ela não insistiu. Até agora.

— Obrigada! – digo, abrindo a porta do carro, desesperada para entrar em casa e pronta para me enfiar em uma das blusas do Léo e chorar copiosamente enquanto abro as caixas com seus pertences que peguei em seu apartamento.

— Eu também sinto falta dele – diz de repente, e eu paro para ouvi-la. — Eu choro também, tem dias que coloco meus filmes de romance só para ouvir sua voz reclamando do cara babaca que sabe que a garota gosta dele, porém, prefere se fingir de bobo. Eu sofro, Kelly, todos os dias. Eu bebo, choro, grito! E fico com raiva por ele ter me deixado. Mas não permito que seja assim todo dia! Porque ele nunca teria me deixado assim, deitada numa cama, chorando sem comer ou até tomar banho! Não é fácil, mas você tem que ser forte. Nós temos que ser fortes, por ele.

A ouço atentamente e saio do carro sem dizer nem mesmo uma única palavra.

...

— Meu amor, você acordou! – Lentamente e com dificuldade, abro meus olhos e enxergo Léo me dizendo palavras que fazem meu coração disparar de susto. Ele está desesperado, exalando alegria e corre até a porta para chamar alguém! Eu tenho na boca um tubo grande que impede que eu consiga dizer algo e, mesmo tentando, não consigo tirá-lo. Ele grita impaciente na porta e, sem conseguir, eu tento retirar esses aparelhos ligados a mim.

Capítulo 28

— Querida se acalme, deixe os médicos ajudarem... fique quieta. — Léo tenta me acalmar, juntamente com os enfermeiros que trabalham duro para desligarem os aparelhos. Luto contra todas essas mãos que tentam paralisar meu corpo, incansável e sem compreender a situação, remexo-o sem parar.

— Você está vivo? — São as primeiras palavras que digo quando finalmente me libertam dos malditos equipamentos. Me desespero olhando atentamente para ele, que veio parar ao meu lado sorrindo com seu semblante emocionado e segurando forte minha mão!

— Mas é claro que estou meu amor! — Beija meu lábio seco, eu observo assustada seu toque, e aperto com forças sua mão contra a minha. Ele sorri, sem entender meu desespero. Arregalo os olhos e ele continua:

— Sou eu quem deveria perguntar isso! — Ele seca as lágrimas em seu rosto, minha respiração está acelerada. Estou confusa. E Léo parece aliviado por ouvir minha voz.

— Mas... como isso é possível? Como vim parar aqui? Léo, eu enterrei você! — O doutor presente nos olha — Eu... sofri, eu... — Ele pede a palavra quando nota que Léo também não entende nada.

— Kelly, você esteve em coma profundo por duas semanas. Pacientes que são acometidos por essa condição ficam num estado de inconsciência do qual não podem ser despertadas. Diferente do que muitos acreditam, não é um estado de sono profundo... — Ainda não entendo nada, e sua breve explicação não me deixa mais calma, então, o interrompo.

— Doutor, eu estive lá! Ele teve um... - Tento segurar o choro ao lembrar daquele sofrimento de perda, Léo segura forte em minha mão do outro lado da cama, ficando em frente ao médico que, de maneira paciente, me responde:

— Eu sei, algo terrível provavelmente aconteceu. Aparentemente, você sofreu, chorou. Mas agora está de volta! Seu marido está aqui, e está vivo! E você está de volta. É o que importa.

Foi isso? Um sonho? Eu estava sonhando, nada daquilo aconteceu? Eu sonhei a perda do meu marido enquanto estava em coma? Ainda estou

perplexa e Léo me abraça do nada, logo, me delicio de seus braços envoltos do meu corpo. Tudo pareceu tão real que meu peito está cheio de amor por tê-lo comigo.

Ele está aqui. Foi só um sonho!

Demorei um pouco para me soltar dele.

— Quer conhecer sua filha? – As palavras do médico me fizeram soltá-lo assustada. O médico está sorrindo, Léo está me olhando com brilho nos olhos e um sorriso que mal cabe em seu rosto. E eu estou ainda mais confusa!

— Mas o senhor me disse que foi um sonho! – digo, assustada.

— Sim! – O médico responde sorrindo.

— Vou tentar resumir para vocês. Nesse pesadelo... – Eu tento explicar. — Vamos chamá-lo assim. Pesadelo! Eu estava numa clínica no centro da cidade, fazendo inúmeros exames para descobrir a causa da dor que eu sentia a dias. – Léo está sorrindo e confirmando com a cabeça. — E depois de algum tempo aguardando o resultado, descobri estar grávida! Eu estava esperando-o... – Aponto para Léo. — Íamos reduzir nosso casamento gigantesco a um jantar e... Enfim, meu telefone tocou e quando atendi a Jessi...

— Meu amor, espera! Esse dia que você está falando foi a nove meses. – Léo me interrompe com semblante confuso.

— Não! Isso não é possível! Eu estava esperando por você. Combinamos de irmos desfazer alguns contratos, lembra?

— Sim, meu amor! Nunca me esqueceria desse dia! Eu fui te buscar, você me contou que estava grávida, três meses depois nos casamos e há duas semanas demos entrada aqui depois que sua bolsa estourou. Infelizmente, você perdeu muito sangue no parto, e mesmo depois de todo trabalho dos médicos, você só acordou agora! – Meus olhos queimam... não sei o que dizer!

— Então... – Paro meu olhar no ar. — Nada do que pensei ter acontecido é verdade?

— Parece ter sido terrível! Você ainda está apavorada. Mas foi um pesadelo meu amor! Eu nunca vou sair do seu lado. Nem mesmo por um dia!

Léo está de barba! Com aparência diferente! Seu cabelo está um pouco maior, as maçãs do rosto maiores, e parece que faz anos que não o

vejo. Enquanto admiro sua aparência e agradeço por não o ter perdido, somos interrompidos por uma enfermeira que empurra um carrinho alto, com um leito pequeno e transparente, o pequeno embrulho no seu interior me deixa empolgada e faz meu coração palpitar, sorrio involuntariamente enquanto ela se aproxima da cama. Com voracidade seguro firme a manga da blusa comprida do Léo, que sorri ao ver minha empolgação, ele se afasta para que as doutoras possam me entregar o pequeno e frágil embrulho rosa.

— Mamãe, eu sou a Cíntia e estava ansiosa para você acordar! – Léo diz, assim que esse pequeno bebê é colocado em meu colo, as lágrimas escorrem por meu rosto e Léo brinca com uma de suas mãozinhas, como se Cíntia quem se apresentassem para mim!

— Meu Deus! Você é linda – sorrio, admirando essa boneca em meus braços! Léo se senta na cama, e envolve seus braços em envolta dos meus ombros, se emociona, beija meu rosto e diz:

— Esposa, bem-vinda a sua nova vida, ou melhor, mamãe!

Capítulo 29

Léo

— Logo que você me ligou, dirigi até a clínica, você estava estranha, até achei que não tinha gostado da mensagem que deixei em sua caixa postal. Mas depois de muita insistência minha, você me disse que o resultado do exame não apontou nada no estômago, e sim no útero! Você estava de cinco semanas e eu chorei feito um bebê de alegria! – digo, pegando Cíntia do colo de Kelly que está na cadeira de balanço no quarto da bebê e que um dia havia sido de minha mãe.

— Deixe-a aqui! – Kelly resmunga.

— Ela dormiu há uma hora meu amor... ela precisa ir para o berço, e você precisa sair um pouco dessa cadeira – digo pegando em sua mão e a levando para nosso quarto. São onze da noite e Cíntia demorou a pegar no sono.

— Então... – Jogo a coberta sobre Kelly, que já se deitou. Em seguida me deito ao seu lado e continuo a história real de nossas vidas. — Fomos direto ao cartório, marcamos o casamento. Tivemos dias tão incríveis! Sua barriga começou a crescer rápido e tudo correu bem, até que no parto você... teve a bendita hemorragia e só acordou há três dias!

— Eu perdi tudo isso!

— Claro que não! Você viveu um experiência difícil! E no momento certo tudo voltará ao normal, tenha calma!

— Foi horrível, eu queria morrer! Doía tanto ter que ficar sem você, eu me achava a pessoa mais amaldiçoada do mundo, como se todos a minha volta morressem! Era tão real, Léo....

— Chega desse assunto! Eu não vou a lugar algum! – Trago Kelly para meu peito e aperto com força. Também tive medo dela não voltar e eu ter que ficar sozinho com Cíntia, *o que eu diria a minha filha? que conheci sua mãe em um desabamento, me apaixonei, nos casamos rápido demais e ela morreu no parto?* Isso não saía da minha cabeça enquanto ela estava deitada naquela cama de hospital, como se ela fosse ficar brava comigo, por ter deixado a mãe morrer! Mas eu não preciso e não quero mais falar desses dias horríveis sem ela.

— Quem escolheu o nome da Cíntia? – pergunta.

— Você!

— Não pensou em colocar o nome dela de Jane?

— Não – respondo, estranhando o que ela disse

— Tem certeza? É que no pesadelo eu tive que escolher sozinha, então escolhi Jane, para ela também ser o grande amor da sua vida!

— Jane, é um nome lindo. Ela foi meu primeiro amor... E, graças a ela, o amor que eu não sabia que era capaz de sentir se multiplicou, então não quero misturar as coisas... Cíntia é um lindo nome!

Capítulo 30
Dois anos depois
Kelly

Já com toda minha memória recuperada e mesmo com um trauma ou outro após o coma do pós parto, eu me mantive de pé. Sorri feito bebê quando as memórias do dia nosso casamento voltou, me lembrar daquela tarde e do almoço no batalhão dos bombeiros me fez muito bem.

Sempre penso no meu melhor amigo, o Beto, que estaria extremamente feliz por mim agora. Penso como ele estaria me dando força e dizendo que não há o que temer, e que mereço isso! Me olho no espelho, ajeito minha beca, coloco o capelo em minha cabeça e sorrio para mim mesma no espelho, imaginando que há alguns anos achei que esse dia nunca chegaria. E então, me lembro de minha mãe, ah, ela ficaria tão orgulhosa de mim.

O curso de assistência social foi complicado no começo, mas eu lutei até o fim.

Léo sempre insistiu que eu voltasse a estudar, queria que eu me tornasse uma médica, como meu pai! Mas eu descobri que, na verdade, minha vocação era sim lidar com gente, mas de outra forma. Eu gosto de ajudar, gosto de ouvir, e analisar a dinâmica social das pessoas.

Nesse momento, estou encarando meu velho pai, já com a cabeça lisa, sem seus cabelos, ele está sentado na primeira fila do auditório, e seus olhos brilham como uma estrela, ansioso por minha entrada! Léo está de pé no corredor, segurando nossa grande menina no colo e tentando fazê-la dormir para que ele possa, enfim, assistir minha colação de grau sossegado – visto que ela herdou a hiperatividade dele e não consegue ficar quieta por muito tempo! –, os admiro de longe e logo a grossa cortina se abre e releva para nossos convidados os formandos daquela noite. Tomo meu lugar atrás de um púlpito de acrílico e, ao notar como o lugar está cheio, resolvo ignorar o papel que fiz com meu esboço do meu discurso. Isso poderá me causar problemas mais tarde com a diretoria da faculdade, mas tudo bem!

— Eu sei, muitos de nós sofremos, abandonamos nossas famílias e amigos para conquistarmos um diploma, negamos convites de baladas,

barzinhos, e eu, mãe de uma recém-nascida de oito meses na época que iniciei o curso, passava noites acordadas, intercalando os cadernos entre fraldas e leite materno. Nossos pais nos ensinaram que não podemos desistir, pois, quando tudo ficasse difícil eles estariam ali para sempre! *Mesmo quando nós achamos que não queremos a companhia deles!* Obrigada meu pai, por nunca desistir dessa sua filha teimosa e atrevida! Nossos amigos nos ensinaram que os *colegas* nos abandonam e nos chamam de "chatos" por recusar todos os convites, mas que os amigos de verdade vão ficar, vão te apoiar e eles te perdoarão quando você faltar à sua festa de aniversário. Me desculpe Jessica e Carla por faltar esse ano! O cônjuge nos mostrou que é capaz de cuidar da casa e da filha ao mesmo tempo, apesar de já ter sido um importante bombeiro da cidade! Obrigada marido por abdicar de sua carreira para me ajudar a me formar. E estamos aqui, hoje, porque algumas pessoas resolveram lecionar com amor, pois, não adianta ter um diploma de professor se você não sabe ensinar! Nossa turma agradece a todos que de alguma forma, nos ajudou a conquistar este dia! E quero dizer em particular a todos que estiveram comigo nessa... que estamos junto de hoje, **até o fim!**

20 Anos Depois

— Boa noite, mãe, como você e o papai estão? – Ouço a voz da minha querida e única filha do outro lado da linha ao telefone!

— Com saudade, meu bem, quando vem nos ver?

— Bom, estava planejando ir nesse final de semana, mas a entrevista com aquela fotógrafa que te disse deu certo e ela quer conversar comigo melhor nessa sexta feira. Então, terei que adiar minha visita.

— Seu pai saiu com seu tio Caio e a tia Jessica, mas dou a ele a feliz notícia do novo emprego!

— Vocês estão bem? Por que ficou sozinha em casa?

— Filha, eu tenho quarenta e cinco anos e não oitenta, ainda sei me cuidar. Aliás, eles foram ver a família da Jessica, sabe como eles não gostam de mim!

— Bobeira isso, não? Depois de tantos anos e ainda acham que você roubou o papai da tal Jane... Uma audácia eles acharem que vocês tinham

um caso antes do desabamento!

— Como sempre, a resposta sincera na ponta da língua! Sinto falta do meu bebê em casa me fazendo rir dessas coisas bobas!

— Prometo, no próximo sábado estarei ai, mãe!

— Vou esperar ansiosamente, meu bem!

IMPORTANTE

Meu muito obrigada a cada um de vocês que leram e suportaram os surtos de assassinatos que tive com o Léo!

Conheçam meu outro livro: <http://amz.onl/eVb5XKT>

E se o namorado da sua melhor amiga fizesse de você um cupido de reconciliação e ele acabasse se tornando seu melhor amigo?

Lucas ganhou um pé na bunda e, junto, uma pessoa que o ouviria nas suas maiores loucuras e aventuras com as mulheres. Mariza não procurava nada, mas ganhou o melhor ouvinte e as melhores histórias para aconselhar.

O que ninguém esperava ganhar era um amor para vida toda!

Baseado em uma história real

P.S: contém cenas Hot

